AGNELLO BITTENÇOURT

TESE DE CONCURSO

1905

BIBLIOTECA PÚBLICA DO AMAZONAS
REGISTRO:
DATA:

7076
1

THESE DE CONCURSO

Á

CADEIRA DE GEOGRAPHIA GERAL e CHOROGRAPHIA DO BRAZIL

DO

Gymnasio Amazonense

PELO CANDIDATO

AGNELLO BITTENCOURT

PROFESSOR PUBLICO, MEMBRO DO CONSELHO DE INSTRUCÇÃO E DIRECTOR DA ESCOLA COMPLEMENTAR DO SEXO MASCULINO

AM 9M.8M3
8624c

AMAZONAS — MANÁOS

1905

CONTRIBUIÇÃO

PARA A

Chorographia physica e politica

DO

Estado do Amazonas

Tributo de sincera amisade, respeito e gratidão ao

Ex.mo Snr. Coronel

Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt

Pae do

AUTOR

A' veneranda memoria do Ex.mo Snr. Coronel

Lourenço Nicolau de Mello

Prova de saudade, reconhecimento e deferencia

PREFACIO

Candidato á cadeira de Geographia Geral e Chorographia do Brazil do Gymnasio Amazonense, posta actualmente em concurso, para o seu effectivo preenchimento, venho satisfazer o determinado na lettra A *do art. 15 das* INSTRUCÇÕES, *que baixaram com o decreto n. 691 de 22 de Dezembro de 1904.*

Investigando qual deveria ser o assumpto da minha these, para sobre elle fazer disertação, outro melhor, mais proveitoso para meu proprio estudo, não encontaria que o Estado do Amazonas. Filho desta região, conhecedor de VISU *e por informações certas da maior parte do seu territorio, assim como de suas particularidades, quiz ter esta occasião para estudal-a, preferindo escrever as paginas que adiante o leitor encontrará, como simples contribuição á Chorographia do Amazonas. Não é conseguintemente um compendio ou uma obra que se recommende pelo seu valor scientifico; mas modesta serie de conceitos a proposito das cousas, quer de ordem physica quer politica deste Estado, que ainda não tem, desta natureza, trabalho algum pelo qual se possa conhecer da sua geographia particular.*

Creio e estou convicto que muitos erros ahi involuntariamente deixei ficar; é que, como todos os homens, tambem tenho o meu calcanhar d'Achil-

les e quero que a minha bôa intenção seja uma attenuante aos seus multiplos defeitos.

Só a complacencia de quem lêr-me e especialmente a da illustrada Congregação do Gymnasio, saberá perdoar.

Na confecção do que exarei, nesses breves capitulos, há muitas informações tomadas á diversos autores, que se têm occupado do Amazonas; fui fiel em declarar, em notas, os seus nomes e obras, não dispensando, tantas vezes, as citações, visto como «ellas baseam as nossas opiniões e mostram a extensão dos nossos conhecimentos, como o dizia Mont' Alverne, no prefacio dos SERMÕES.

Se mais minuciosa não é a presente dissertação, julgo ser isso devido menos a minha incompetencia em tal materia, do que a quasi absoluta falta de tempo de que posso dispor.

Manáos, Outubro, 1905.

O Autor.

«Não conheço paiz no mundo mais rico, mais cheio de attrativos, mais fertil, mais salubre e mais proprio para vir a ser o fóco de uma numerosa população, do que este magnifico valle dc Amazonas»—L. AGASSIZ—(De uma carta a Pimenta Boeno.)

«Decrire ou chanter sa patrie, c'est puiser en soi-mème, c'est descendre au fond de son être et creuser jusqu'a ses propre racines.»—SANT'ANNA NERY.—*Les Pays des Amazones.*

«Eu sou filho do Amazonas»—DR. TORQUATO TAPAJÓS.—*Cartas do Dr. Passos de Miranda.*

«Esta parte da terra brasileira, tomando o nome de um rio, o maior do mundo, fez um poetico auto de homenagem ao mais notavel abysmo de aguas doces existentes sobre o planeta.»—ARTHUR DIAS.—*O Brazil actual, pag. 84.*

INTRODUCÇÃO

" L'état présent d'une contrée dépend du passé et prend sa source encore dans le passé ; il est donc indispensable, pour bien connaître la geographie d'um Etat quelconque, d'avoir au moins le tableau abrégé des changements qu'ila éprouvé dans son territoire, soit par des acquisitions, soit par des pertes depuis son origine jusqu'à nos jours " Adrien Balbi—*Abrègé de Geographie.*

Esbôço historico. O genio aventureiro e audaz dos hespanhóes, fascinados pelo ouro que se dizia existir em grande quantidade n'America, ao tempo de sua descoberta, incitou as primeiras expedições, que visitaram todo o continente, em procura do afamado *El-Dourado* e da *Fonte da juventude.* Espalhara-se a noticia da existencia desse paiz, cuja capital continha palacios sustentados por pilares de fino metal; os seus habitantes viviam felizes, gozando do encanto produzido pelos reflexos de um sol resplandecente. A imaginação dos povos da peninsula Iberica ficou depressa invadida pelo mesmo ideal. Portuguezes e hespanhóes, sobretudo estes, não mais mediram a largura do Atlantico, nem o *Mar tenebroso* lhes parecia tão cheio de pavor. Custosas expedições foram lançadas, desde o norte até ao sul do Novo Continente. Cortez consegue dominar os *aztecas* da poderosa nação dos Incas; Pizarro faz o mesmo no Perú, onde commette atrocidades. A sua missão, porém, não estava finda, pois que o E-Dourado era ainda um mytho; urgia achal-o, para o que contracta Francisco Orelleana afim de percorrer o interior do paiz. Este aventureiro, que já se havia feito portador de algum ouro tomado aos naturaes, desce o Napo, chega a um grade rio *d'agua branca*, aproveita a sua impectuosa corrente para fugir, roubando á Pizarro essa riqueza que fôra confiscada aos desventurados Incas. O futivo viu tribus selvagens que o perseguiram, sendo atacado tenazmente na fóz do Nhamundá por uma de homens de longos cabellos, ficando, por isso, na persuasão de que eram mulheres que lhe faziam guerra. Desde esse momento é mudada a denominação do rio, que havia sido baptizado com o nome de Orelleana, para o de *Amazonas*, em allusão ás lendarias guerreiras do paiz da Capadocia. Differentes dellas eram, sem duvida, os aborigens das margeus do Rio Mar, como poeticamente foi appellidado depois: aquellas atrophiavam o seio direito, conforme nos diz a etymologia da palavra *a* sem *mazos* seios —, para poderem trabalhar com a lança, sua principal arma; a estes a natureza deu-lhes animo para não se deixarem vencer por qualquer Bellerosphonte... Eis a lendaria origem do vocabulo designativo do grande rio, que em janeiro de 1500 já tinha sido visto, em sua fóz, pelo navegador Vicente Yanez Pinzón, recebendo então o nome de *Mar Doce.* Chamou-se Amazonia a immensa região por elle banhada e tambem Amazonas ao Estado brazileiro, que se estende desde o monte Parintins até o rio Javary. Pela sua situação geographica, pela sua vastidão territorial e pela grandiosa réde hydrográphica, que possue, occupará o Amazonas, em um futuro não muito remoto, um logar distincto entre os demais paizes do mundo. Coberto de beneficios taes, a Providencia não ter-lhe-ia reservado destino indigno de sua natural opulencia.

O que era elle ao alvorecer do seculo XIX, dil-o a historia; hoje está merecendo a attenção de nacionaes e estrangeiros, que aqui vêm buscar, nas selvas amazonicas, os

seus productos, como a borracha, a castanha, o cacáo etc., que tão cêdo não se extinguirão, como das minas de ouro desapparece o estimado metal. Alem disto, o solo uberrimo é uma garantia para quem quer viver da agricultura, aproveitando as terras, onde nascem, quasi expontaneamente, todas as plantas dos climas tropicaes.

As mattas estão a offerecer os recursos, o prompto *capital* aos que não quizerem cultivar a gleba. Não ha região em que o immigrante encontre, desde o dia da chegada, o elemento do trabalho.

Max Nordau, no seu livro *Fin de siècle,* demonstra que, *ad futurum,* os povos civilisados procurarão, de preferencia, a zona equatorial, visto que ahi o homem é mais intelligente e a lucta pela vida, de que nos falla Darwin, é menos cruel, pela facil satisfação de necessidades immediatas. Tal parece razoavel. A velha Europa e mesmo a Asia, estão cançadas; contendo uma população excessiva, sem contudo terem crescido os recursos materiaes para sua subsistencia, presume-se, que a America, na sua parte equatorial, seja o fóco da poderosa corrente immigratoria, como actualmente está sendo.

Seja-nos permettido, porém, observar qual foi o passado desta região amazonica.

*
* *

Vinte annos depois da viagem de Orelleana, havendo-se já espalhado em Hespanha a noticia das surprehendentes riquezas vistas por este navegador, talvez o primeiro europeu que pisou em terras do Amazonas, desce tambem do Perú, Pedro de Ursua, pelo Javary e regressa pelo Juruá, onde foi assassinado por Fernando de Gusmão e Pedro de Aguirre, officiaes de sua expedição, os quaes pagaram muito caro a crueldade commettida.

Portugal, sujeito então ao jugo hespanhól, nada podia fazer em beneficio de sua vasta possessão brazileira. Sob este dominio, em 1637, os franciscanos Brieba e André de Toledo descem o Amazonas e communicam o facto ao Governador do Maranhão, Jacome Raymundo de Noronha, que exercia jurisdicção até o Alto Amazonas. Neste mesmo anno, Noronha apresta uma grande expedição, composta de 70 embarcações (canôas), conduzindo soldados e 900 indios, confiada a Pedro Teixeira, que parte de Cameta a 28 de Outubro desse anno. Subindo o rio, viu muitas tribus, calculando-se o seu numero em mais de cem, conforme a opinião do padre Antonio Vieira. [1]

O expedicionario visita a fóz do Rio Negro e chega ao termino da viagem, á Quito, onde é recebido com as honras e homenagens de que era merecedor, por um tão grande feito.

De volta, aborda á margem do Napo, onde encontra o capitão Pedro da Costa Favella, que ahi tinha deixado, afim de explorar esse rio; e em presença do Jesuita Christovam da Cunha, celebre historiador, manda lavrar auto de posse daquellas terras para o dominio portuguez, em 16 de Agosto de 1639. Este acontecimento, consequencia do previdente cuidado dos nossos maiores, demarcando os nossos limites com o Perú, veio firmar a antiga posse dos portuguezes ás terras do Amazonas.

Philippe III, da Hespanha, envia as primeiras missões jesuiticas para se estabelecerem no alto Rio Negro e Solimões, as quaes com a restauração portugueza, foram d'ahi expulsas. Samuel de Fritz foi um desses inviados. O Marquez de Pombal não dispensou a nenhum, quer os do Reino, quer os do Brazil, e a lei pombalina não exceptuou ao proprio Antonio Vieira

Tambem diversas missões carmelitas localisam-se no Amazonas, congraçam aos indios e fundam algumas povoações, já desapparecidas umas, outras dando origem a cidades e villas, taes como Mariuá, Itacoatiara, Teffé e S. José do Amatary, que são os vestigios desses primitivos traços da civilisação deixada pelos frades, tão inexcediveis cathequistas. Não fosse o deixarem ás claras a intenção de fazerem deste paiz uma provincia da Companhia de Jesus, acostumando o povo á cega obediencia ás suas doutrinas, certo, teriam conseguido inplantar esse fanatismo pernicioso, como o fizeram no interior da Iberia e no Paraguay. Especulando com a crendice popular, jogando com o religioso estratagema do confissionario, tudo fariam se esse extraordinario ministro de D. José não lhes tolhesse os passos.

E' inegavel que foi grande o serviço que prestaram ao Brazil; mas, digamol-o, só seria em proveito da Companhia fundada por S. Ignacio de Loyola.

---

[1] Oliveira Martins—*O Brazil e as colonias portuguezas.*

O seculo XVII foi, para o Amazonas, o das expedições, explorações e estabelecimento de nucleos.

E' assim que, em 1663, Arnáo Villela, por ordem do capitão mór do Pará, incumbe se de percorrer o rio Urubú, sendo atrózmente batido e morto pelos aborigenes. O resto do pessoal da expedição concentrou-se em Silves, para escapar ao desastre, e ahi fundou a aldeia desse nome. Informado dessa triste occorrencia, parte de Belem. Pedro da Costa Favella, já conhecedor do Amazonas ; sobe aquelle rio e incendeia tresentas malocas, trucida setecentos selvagens e aprisiona quatrocentos que foram conduzidos captivos para o trabalho das missões. Este acto de deshumana crueldade, talvez, nesse tempo, fosse increpado de heroicidade. Favella cumprindo a sua cruzada, penetra o Rio Negro e com os indios da nação dos *tarumás*, funda a primeira povoação desse rio, a qual foi mais tarde e por conveniencia de localisação, transladada para a fóz do Jahú. Chamou-se S. Elias do Jahú.

No anno seguinte, o governo envia Francisco da Matta Falcão afim de lançar os fundamentos de uma fortaleza, a de S. José do Rio Negro, para o que foi aproveitada a docilidade dos *manaos, barés* e *passés*. Deu ella origem a Manáos, sendo seu primeiro commandante Angelico de Barros. E nunca mais cessou o emprehendimento de reconhecer o rio que faz o encanto dessa cidade.

Em 1716 começa o estudo do Madeira, que os naturaes chamavam Caiary; Itacoatiara, tendo já recebido seus fundamentos dentro e um pouco acima da fóz delle, é deslocalisada.

Em 1725 o indio Ajuricaba, percorrendo o Solimões e o Negro, devasta as suas nascentes populações, instigados pelos missionarios da Guyana, em represalia á expulsão a que Portugal lhes obrigou, visto serem hespanhóes e estarem missionando em territorio portuguez. Ajuricaba exercia grande influencia entre os seus, razão porque poude continuar as suas correrias e perseguições, que finalisaram pela sua prisão, na sortida que contra elle fez Belchoir Mendes, em 1727. Mettido em algemas, enfezado, atirou-se ao rio, quando era levado á Belem para expiar a sua culpa. Um anno depois deste successo, um jesuita, João de Sampaio, sobe o Madeira, funda S. Antonio, percorre o curso superior delle, chega ao affluente Mamoré, tendo passado as terriveis cachoeiras desse rio, que tambem é visitado pelo Governador do Pará, Joao de Barros Guerra.

La Condamine, illustre membro da Academia Franceza, parte de Quito, desce o Amazonas e escreve em seu diario as impressões que vae tendo, em 1744.

Havia pouco se tinha descoberto o Cassiquiáre, cujo conhecimento não possuiam os proprios missionarios hespanhóes que, no alto Rio Negro, viviam.

O Amazonas prosperava, devido aos exforços dos carmelitas e das expedições.

Não demorou que, para evitar futuros embaraços, se cogitasse de determinar os seus limites. O capitão-tenente da Armada, Francisco Xavier de Mendonça Furtado apresta uma nova expedição composta de trinta e sete embarcações; traz stronomos e engenheiros para estudarem as bases da delimitação das terras de Hespanha e Portugal. Em Mariuá (Barcellos), no anno de 1750, se reune a commissão mixta de plenipotenciarios dos dois paizes interessados e accordam os principios que, posteriormente, serviram de norma ao tratado de S. Ildefonso, em 1777, cujos artigos não foram totalmente revogados pelos que lhes seguiram e em parte acceitaveis pelo Brazil.

Mendonca Furtado manda construir a fortaleza de S. Joaquim do Rio Branco, em 1755; neste anno é creada a vigararia geral do Rio Negro, sendo seu primeiro serventuario o padre dr. José Monteiro de Noronha. Com este incremento de prosperidade, o Amazonas carecia de novos impulsos administrativos. O decreto de 11 de Junho de 1757 o elevou a cathegoria de Capitania com a denominação de S. José do Javary, nome que foi substituido pelo de S. José do Rio Negro. A séde do governo foi Mariuá, que passou a chamar-se Barcellos.

*
* *

A nascente Capitania é installada solemnemente em Maio de 1758, sendo seu primeiro governador o coronel Jodquim de Mello das Povoas. Foi em seu governo que os hespanhós tentaram usurpar o territorio aquem da linha do tratado de S. Ildefonso; são d'ahi rigorosamente repellidos, depois de terem fundado o forte de S. Carlos, a pretexto de estudos e observações.

A Hespanha, em 1759, nomeia uma commissão de que era chefe D. José Iturriaga, afim de proseguir os já iniciados trabalhos dessa delimitação; reunida em Mariuá á

commissão portugueza, cousa alguma se faz, em virtude da demissão do plenipotenciario de Portugal.

Nada de notavel, portanto, se realisou durante a administração de Mello das Povoas; somente algumas aldeias são elevadas á villa, dando-se-lhes nomes portuguezes em substituição aos que os naturaes lhes deram.

E' nomeado interinamente para dirigir a Capitania Manoel Bernardo de Mello, incumbido de expulsar, de vez, os jesuitas que insistiam em se localisar no Rio Negro, o que consegue plenamente, fundando o forte de Marabitanas e a povoação de S. Fernando.

O segundo governador da Capitania foi Joaquim Tinoco Valente, que implantou em Mariuá, a prosperidade, mandando construir quarteis, depositos, casas de governo etc.

Já era accentuado o florescimento na região do Rio Negro. Fabricas de tecidos, olarias, tinturarias e immensas plantações de café e algodão, davam a Barcellos um desenvolvimento estimulado por Tinoco Valente.

Em 1787 o Bispo do Pará, D. Frei Caetano Brandão, sobe o Amazonas e visita a vigararia geral da Capitania.

Manoel da Gama Lobo d'Almada, que viera encorporado á quarta partida de demarcação de limites, é nomeado terceiro governador do Rio Negro. Conhecedor do seu territorio e de suas necessidades, possuindo tino bastante para agir de accordo com as circumstancias da época, Lobo d'Almada transfere a séde da Capitania para o Logar da Barra, antiga fortaleza de S. José. Ahi localisada, fomenta as pequenas industrias, protege a agricultura, creando a mais brilhante phase progressiva porque passou o Rio Negro. Seis fabricas de tecidos então existiam, em continua actividade. O commercio e a instrucção publica augmentavam por sua vez. Mas... os bemfeitores da humanidade quasi sempre, por um fatal destino, são victimas dos máos e invejosos.

Foi o que aconteceu a Almada, que animado das melhores intenções, trabalhando assiduamente, é denunciado pelo Governador do Pará, D. Francisco de Souza Coutinho, como defraudador da Fazenda Publica, em seu proprio beneficio. E' que Coutinho desconfiava que Almada fosse aproveitado para substituil-o no governo. Isso bastou para engendrar a denuncia e ordenar a volta da séde da Capitania para Barcellos, acto este que deu golpe mortal na prosperidade do Rio Negro. Nem sequer o accusado podia defender-se perante o Rei de Portugal, visto como a sua correspondencia era subtrahida por Souza Coutinho. Lobo d'Almada não resistiu ás contrariedades, vindo a fallecer em Barcellos, no dia 27 de Outubro de 1799. A' sua memoria rendemos a homenagem que mereceu por suas virtudes, actividade e patriotismo. Depois deste governador foi visivel o decahimento da Capitania e para sultal-o foi nomeado interinamente o tenente-coronel José Antonio Salgado, em 1801

Surgio para o Amazonas o periodo das revoluções administrativas, como veremos.

Por deliberação do Conde dos Arcos, sabedor do motivo da decadencia nesta; é mudada novamente a séde do governo para o Logar da Barra e nomeado governador o coronel José Simões de Carvalho, que ao chegar em Tupinambarana (Parintins) fallece, seu assumir a administração.

Em 1804 assume a direcção da Capitania o quarto governador, o capitão de mar e guerra Joaquim Victorio da Costa, que cousa nenhuma poude fazer; as suas desavenças com o *ouvidor*, impossibilitaram-no de tudo. Divertia-se a estudar a lingua tupi, que conseguiu fallar com facilidade. A sua substituição foi autorisada pelo acto que nomeou o quinto governador Manoel Joaquim do Paço, em 1818. Infeliz, sem energia, oppõe-se ao juramento da Constituição Portugueza; é immediatamente deposto, assumindo o governo uma junta administrativa. Data de Joaquim do Paço o primeiro movimento em pról da nossa autonomia politica. De Silves e da Villa Nova da Rainha apparece uma petição solicitando ao Rei a independencia do Rio Negro. Foi este o signal de alarme, que por muitos annos sobresaltou a Capitania.

O paiz todo sentia-se sob a pressão dos acontecimentos politicos, precursores da emancipação nacional. O Logar da Barra estremecia ao choque das noticias que da Côrte chegavam. Era o Rio Negro governado por uma junta composta dos srs. José de Britto Inglez, presidente, Domingos Nunes Ramos Ferreira, ouvidor, e Antonio José da Silva Cavalcante, vigario; esta convida as demais autoridades e o povo a reunirem-se em 1 de Março de 1821, no paço da Camara, e lhes faz uma proclamação pedindo o seu apoio a D. João VI e «a sua Real Casa».

Entra o anno de 1822; o Brazil constitue-se nação livre ou melhor compra a sua carta de alforria por dois milhões de libras sterlinas.

No Amazonas, porém, continúa a escravidão politica; o predominio do captiveiro moral persiste, visto que a Capitania de S. José do Rio Negro não fôra contemplada no artigo primeiro da Constituição então elaborada, a qual dizia ser o paiz constituido dos

territorios descriptos no quadro annexo. Examinado este, o Amazonas não havia sido incluido na lista das provincias brazileiras. No entanto, as outras capitanias lá estavam. Foi, pois a organização politica do Imperio que o prejudicou.

O brado do Ypiranga promettia-nos fageiras esperanças, que se converteram logo em triste realidade. Facil é avaliar-se o estado d'alma amazonense ao receber a noticia de que fôra a Capitania rebaixada, constituindo apenas uma comarca subordinada ao Pará! Datam d'ahi as explosões d'animo.

Em 12 de Abril de 1832 rompe, no quartel da Villa da Barra, uma revolta; os soldados arrombam as prisões, soltam os presos e assassinam o commandante João Phelippe dos Reis. O povo adhere ao movimento e as autoridades que não o acompanharam, ficam privadas dos seus cargos. A comarca passou a ser governada pelos comandantes militares. O coronel Domingos Simões da Cunha dirigia os seus destinos quando rebenta outra rebellião em 22 de Junho desse anno. A Villa da Barra era o theatro destas scenas que foram o exordio da chamada *revolta dos cabanos*.

O Governador do Pará, José Joaquim Machado de Oliveira, é avisado das occorrencias e envia para soffocar esta revolta um emissario, recommendando-lhe em officio de 26 de Julho «apresentar-se com toda a expedição nas immediações do Logar da Barra do Rio Negro, em ponto seguro de surpreza e fóra do alcance do fogo de terra, dirigindo logo ás autoridades os officios que vão juntos». [1] De facto, os cabanos não estavam preparados para a defeza; chega o enviado e repõe as autoridades destituidas.

Em 4 de Setembro de 1832 José Joaquim Machado de Oliveira faz publicar uma proclamação do povo paraense, avisando-o de que a comarca do Rio Negro estava pacificada.

No anno seguinte é organizada judiciariamente a Provincia do Pará, em tres comarcas, sendo uma dellas a do Alto Amazonas. Mas, esta divisão não vinha em nada modificar as intenções de independencia, as quaes na Villa da Barra permaneciam inabalaveis.

Quantas autoridades aqui aportavam, faziam causa commum com o povo e a propria Camara o apoiava.

Em 15 de Julho Frei José dos Santos Innocentes acceita procuração para solicitar da Côrte a separação politica, elevando a extincta Capitania á Provincia, já proclamada pelo povo, independente. Quer pelo Pará, quer por Matto-Grosso (Rio Madeira) é embargada a viagem do Frei Santos Innocentes. Os papeis de que se fizéra portador são enviados ao Rio de Janeiro e chegam ás mãos do ministro Aureliano de Souza Oliveira Coutinho que «estranha severamente» a conducta do apostolo de Christo, dizendo-lhe «não poder approvar um acto de rebellião, um attentado tal, desligando-se da capital e constituindo Provincia separada...»

O tenente-coronel Domingos Simões da Cunha Bahiana recebe ordem para apaziguar o Alto Amazonas; trazia duas embarcações, uma das quaes se denominava «Independencia». Os habitantes da Barra têm sciencia desta expedição bellicosa; fortificam as «Lages», a espera da *esquadra* que os vinha bater; e o fizeram, recebendo-a á balla, pelo que um dos *vasos* de guerra deu ás costas nesse local, para não submergir no encontro das correntes do Solimões e Rio Negro. O outro chega á séde da Comarca, onde a paz já se havia restabelecido.

E' curioso um officio do commandante do barco damnificado, solicitando do Governo do Pará, permissão para gastar quatro mil reis com a reparação do mesmo.

Em 1834 assume a administração o major Manoel Machado da Silva Santiago.

O facho da revolta estava acceso em Belem; Angelim e Vinague não podiam voltar as suas vistas para a comarca, que cada vez mais perigava diante as investidas dos cabanos.

Em 6 de Março de 1836 chega do Baixo Amazonas Francisco Bernardo de Senna, invade o Logar da Barra, destitue os *legalistas*, até que em 31 de Agosto reune a Camara para apoiar a D. Pedro II. Gregorio Naziazeno da Costa é quem consegue expulsar os rebeldes.

Houve uma intermittencia durante o anno de 1837; era natural que os cabanos descançassem, retemperando a sua energia e patriotismo, para em seguida, continuarem esses tragicos emprehendimentos que vieram regar a terra dos *barés* com o sangue dos seus irmãos.

Em Luzéa (Maués) os portuguezes são batidos e perseguidos; o mesmo acontece em Autaz. Dirigia, então, a Comarca o commandante militar, Ambrosio Pedro Ayres (o

---

[1] Das *Ephemerides Amazonenses* (inedicto) pelo coronel Francisco F. de Lima Bacury.

Bararuá), que dá as providencias para tranquilisar as autoridades de Luzéa, enviando, para esse fim, a escuna «Porto Alegre», commandada por Sebastião Roque da Cunha. Este vendo a furia e tenaz resolução dos sediciosos, aconselha a Pedro Ayres: «—não ha mais que ter paciencia e deixar os cabanos a sua vontade, porque esta villa de outra parte não os deve esperar—». Pensava-se que a lucta estivesse terminada com as extorsões e atrocidades praticadas pelo destemido Bararuá; engano. Para acalmar os *povos*, José Coelho de Miranda Leão, expedicionario do Amazonas e commandante militar de Luzéa, convida a todos para voltarem aos seus lares abandonados. Os soldados obteriam perdão se viessem reassumir os seus postos.

Tendo cessado em Belem a revolta que ensanguentou as suas ruas, o governo toma definitiva resolução de pacificar o Alto Amazonas. Encarregado desta missão vem José Parahybuna que, ao chegar em Parintins, encontra o Frei dos Santos Innocentes celebrando o santo officio da missa. Agarra-o e com as vestes talares, mette-o no porão do barco, sem o menor respeito ao culto divino e assim vem até á Barra. Era a represalia movida como vingança, visto que aquelle sacerdote servira anteriormente de procurador da Camara e do povo amazonense, quando se tratava de sua emancipação. O commandante militar, surprehendido por este attentado, requisita a presença de Santos Innocentes, ao que responde Parahybuna contrariamente, dizendo vir soffocar uma revolta e ser esse frade um dos revoltosos.

Ao Pará é chamado Ambrosio Ayres afim de responder pelos actos despoticos que praticou, o que não cumpriu porque a morte o arrebatou em uma sortida que contra os cabanos teve em Autáz.

O Alto Amazonas só precisava de um remedio para a sua completa pacificação: era o reconhecimento da sua autonomia. Os homens de então bem o sabiam. E a prova disto foi a *indicação* do deputado á Assembléa Legislativa do Pará, João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha: «Indico que se dirija a Assembléa Geral uma representação para que a comarca do Alto Amazonas seja elevada á cathegoria de Provincia. Pará —7—11—1844». [1]

Estava meio amparada officialmente a causa do povo amazonense. Mais um passo, e teriamos a realisação do nosso ideal. E assim foi: é creada a Provincia do Amazonas pela lei n. 528 de 5 de Setembro de 1850. Muito demorou a concessão do merecido e justissimo beneficio. Emfim tivemol-o. A liberdade torna-se inevitavel aos povos que são influenciados pelas vantagens da civilisação.

«Como as aves, aconchegadas ao ninho sob as pennas da mãe, esvoaçam para a liberdade, logo que as azas começam a agitar-se, assim os filhos de uma nação querem tambem a liberdade, desde que sentem em si borbulhar os alentos de uma individualidade nova. A independencia dos filhos nunca foi hostilidade para os paes, senão quando estes insensatamente pretendem prolongar uma dependencia anachronica». [2]

*
* *

Tenreiro Aranha, dedicado ao progresso da Provincia, foi aproveitado para inaugural-a e preparar-lhe a organisação administrativa. Transportando-se á Manáos, no vapor «Gupiassú», tomou posse do cargo em 1.º de Janeiro de 1852, entrando assim o Amazonas em nova phase politica. Comprehende-se o estado anarchico em que achou a administração, depois de tantas luctas, ao cabo de um periodo de indecisões e vexames partidarios. Urgia que a trajectoria do Governo Provincial fosse assegurадora da estabilidade administrativa. Neste louvavel tentamen trabalhou o primeiro presidente, até que foi substituido para tomar logar na representação politica do Pará.

Para substituil-o vem o conselheiro Herculano Ferreira Penna, que prosegue para dar segura organisação ao Amazonas. Creação de escolas, protecção a criadores e agricultores, isempção de impostos ás industrias nascentes, foram medidas que, por muito tempo, se associaram á obra da iniciativa particular, movida pela esperança e estimulo de novas conquistas.

João Pedro Dias Vieira e Angelo Thomaz do Amaral seguem-lhe no mesmo proposito, na qualidade de seus successores.

Comarcas, villas e freguezias já haviam sido creadas pela Assembléa Provincial, que sem embargo de qualquer motivo, auxiliava a presidencia a bem dirigir os publicos negocios.

Em 1857, depois de prestar o juramento do estylo, assume a administração o Dr.

---

[1] Transcripto por especial obsequio e consentimento do autor das *Ephemerides Amazonenses*.—Bacury, Obr. cit.

[2] Oliveira Martins. Obr. cit. pag. 45.

Francisco José Furtado. Serpa e Borba são elevados á villas e creado o Instituto de Artes e Officios, que, má sorte, posteriormente veio extinguir-se.

O Dr. Manoel Clementino Carneiro da Cunha, tomando a direcção da Provincia, recebe, em 1861, o saudoso poeta Gonçalves Dias, que é nomeado para visitar as escolas do Amazonas, Negro e Madeira. A' sua administração foi apresentado um excellente relatorio pelo Dr. João Manoel da Silva Coutinho, expondo lhe detalhadamente o estado em que se achavam Itacoatiara, Silves e Borba, acompanhado de um estudo do rio Madeira, o melhor trabalho que, sobre o assumpto, conhecemos, apezar de escripto em 1862. O rio Purús tambem, que fôra explorado *á vol d'oiseau*, por Serafim Salgado e por ordem de Tenreiro Aranha, recebe a visita do destimido mulato Manoel Urbano, o fiel companheiro de Chandless. Chega á Manáos a commissão de demarcação de limites entre o Brazil e o Perú, do qual era chefe o capitão-tenente Costa Azevedo (posteriormente Barão de Ladario), em 1863, cujos trabalhos não chegaram a ser incetados, por motivo de molestia na pessôa do representante peruano. Era, nesta occasião, presidente o Dr. Adolpho Barros Cavalcante de Albuquerque Lacerda. Em sua administração, começa, em 1865, a guerra do Paraguay, para a qual o Amazonas muito concorreu, perdendo tantos dos seus queridos filhos, na desafronta dos brios da Patria ultrajada.

Na capital da Provincia foi instituido um *Corpo de Voluntarios*, que faziam aqui o serviço do Exercito, em virtude do decreto n. 3371 de 7 janeiro desse anno. Albuquerque Lacerda, já ao terminar a sua incumbencia, recebe a visita do sabio professor Agassiz, que, em viagem scientifica, veio explorar o valle amazonense. Successivamente assumem o governo os Drs. Epaminondas de Mello, Jacintho Pereira do Rego e João Wilkens de Mattos.

Bastante progresso já se notava nesse periodo de 18 annos, decorrido de 1852 a 1870. Ao commercio de todas as nações o grande rio fôra aberto; a navegação tomára então um incremento, com as relações directas da Europa.

Installa-se a Alfandega de Manáos, em 27 de Março de 1869 e cream-se duas associações, valiosas pelos seus fins patrioticos e utilitarios: o «Atheneu das Artes», para dar instrucção gratuita ao povo, e a «Emancipadora Amazonense» (6 de Março de 1870), com o fim de extinguir a escravatura na Provincia, que poude soltar, em segundo logar, no Brazil, o brado da Liberdade em favor dos miseros escravos. E tanto resultado obteve que, em 14 de Junho de 1884, declarou o municipio da capital sem um só escravo.

Na historia deste periodo (1877) está registrado um facto que enluctou a população manauense: o naufragio do vapor «Purús», que do Paraguay, trazia os bravos do Amazonas, que haviam escapado ás crueldades e perigos da guerra. Quando a cidade se cobria de galas para recebel-os, tão cheios de gloria, é surprehendida com a noticia de que, abaixo do Puraquequára, aquelle navio abalroou com outro que descia, sossobrando rapidamente e perdendo-se mais de 150 vidas. Fatal destino!

Vém em seguida occupar a curul governamental os srs. general José de Miranda da Silva Reis, Drs. Domingos Monteiro Peixoto, Agesilão Pereira da Sliva, o Barão de Maracajú e o Dr. Satyro de Oliveira Dias, em cujas administrações a Provincia não mais cessou de desenvolver-se.

Annualmente crescia a receita, sempre ultrapassando a orçada, podendo iniciar o governo a serie de transformações porque tem passado a capital. Aterros, construcções de escolas e outros edificios publicos, pontes, etc., são as manifestações materiaes dessa evolução. Inaugura-se o Hospital da Santa Casa de Misericordia, mandado construir pelo governo, á custa da contribuição popular.

O dr. José Lustosa da Cunha Paranaguá, assume a administração em 17 de Março de 1882, solemnemente inaugura o Mercado Publico e promove outros serviços, que vieram caracterisar a sua excellente direcção administrativa.

E' contractada uma linha de navegação, subsidiada pelo erario provincial, entre Manáos e New-York, estreitando mais as relações commerciaes que mantinhamos com o estrangeiro.

A Provincia continuou a ser governada por distinctos cidadãos, nomeados por decreto de D. Pedro II. Nesse regimen o Amazonas progrediu muito, impulsionado ora pela bôa orientação dos seus governos, ora pela iniciativa dos homens politicos, que aqui e na Camara dos Deputados, sempre trabalharam para o tornar importante.

De surpreza, chega no dia 27 de Novembro de 1889, a nova da proclamação da Republica no Brazil, estando á frente dos publicos negocios o Dr. Manoel Francisco Machado. Existia já em Manáos o *Club Republicano* de que era chefe o Dr. Domingos Theophilo de Carvalho Leal.

Como precioso subsidio para conhecimento perfeito de todos quanto dirigiram a Provincia desde o seu inicio até a transformação do regimen politico decorrente do movimento revolucionario de 15 de Novembro de 1889, na capital do Paiz, offerecemos o seguinte quadro, cuidadosamente organisado pelo estudioso sr. Cyriaco Alves Muniz.

N. DE ORDEM	NOMES	CARGOS	Data em que começaram	Data em que deixaram a administração	OBSERVAÇÕES
1	João Baptista F. Tenreiro Aranha	1.º presidente	1— 1—1852	27— 6—1852	
2	Dr. Manoel Gomes Corrêa de Miranda	1.º vice	27— 6—1852	22— 4—1853	
3	Conselheiro Herculano Ferreira Penna	2.º presidente	22— 4—1853	11— 3—1855	
4	Dr. Manoel Gomes Corrêa de Miranda	1.º vice	11— 3—1855	28— 1—1856	
5	Dr. João Pedro Dias Vieira	3.º presidente	28— 1—1856	12— 3—1857	
6	Angelo Thomaz do Amaral	4.º »	12— 3—1857	11— 4—1857	
7	Conego Joaquim G. de Azevedo	2.º vice	11— 3—1857	7— 9—1857	
8	Angelo Thomaz do Amaral	4.º presidente	7— 9—1857	10—11—1857	Reassume
9	Dr. Francisco José Furtado	5.º »	10—11—1857	27—10—1858	
10	Conego Joaquim Gonçalves de Azevedo	2.º vice	27—10—1858	4—11—1858	
11	Dr. Francisco José Furtado	5º. presidente	4—11—1858	30— 5—1859	Reassume
12	Dr. Manoel Gomes Corrêa de Miranda	1.º vice	30— 5—1859	24—11—1860	
13	Dr. Manoel Clementino C. da Cunha	6.º presidente	24—11—1860	7— 1—1863	
14	Dr. Manoel Gomes Corrêa de Miranda	1.º vice	7— 1—1863	7— 2—1863	
15	Dr. Sinval Odorico de Moura	7.º presidente	7— 2—1863	7— 4—1864	
16	Dr. Adolpho Barros C. de A Lacerda	8.º »	7— 4—1864	8— 5—1865	
17	Major Innocencio E. Ferreira de Araujo	4.º vice	8— 5—1865	20— 5—1865	
18	Dr. Manoel Gomes Corrêa de Miranda	1.º »	20— 5—1865	24— 8—1865	
19	Dr. Antonio Epaminondas de Mello	9.º presidente	24— 8—1865	23— 6—1866	
20	Dr. Gustavo Adolpho Ramos Ferreira	1.º vice	23— 6—1866	7—11—1866	
21	Dr. Antonio Epaminondas de Mello	9.º presidente	7—11—1866	30— 4—1867	Reassume
22	Tenente c.el Sebastião José Basilio Pyrrho	1.º vice	30— 4—1867	9— 9—1867	
23	João ~~Innocencio~~ Rodrigues do Carmo	4.º »	9— 9—1867	25— 9—1867	
24	José Bernardo Michilles	2.º »	25— 9—1867	25—11—1867	
25	Dr. José Coelho da Gama e Abreu	10.º presidente	25—11—1867	8— 2—1868	
26	Dr. Jacintho Pereira do Rego	11.º »	8— 2—1868	24— 8—1868	
27	Coronel Leonardo Ferreira Marques	1.º vice	25— 8—1868	24—11—1868	
28	Commendador João Wilkens de Mattos	12.º presidente	24—11—1868	8— 4—1870	
29	Major Clementino José Pereira Guimarães	3.º vice	8— 4—1870	8— 6—1870	
30	Coronel dr. José de Miranda da Silva Reis	13.º presidente	8— 6—1870	8— 7—1872	
31	Dr. Domingos Monteiro Peixoto	14.º »	8— 7—1872	16— 3—1875	
32	C.m de mar e guerra Nuno A. P. de M. Cardoso	1.º vice	16— 3—1875	7— 7—1875	
33	Dr. Antonio Passos de Miranda	15.º presidente	7— 7—1875	27 5—1876	
34	Major Gabriel Antonio R. Guimarães	2.º vice	27— 5—1876	13— 6—1876	
35	C.m de mar guerra Nuno A. P. de M. Cardoso	1.º »	13— 6—1876	26— 7—1876	
36	Dr. Domingos Jacy Monteiro	16.º presidente	26— 7—1876	26— 5—1877	
37	Dr. Agesilao Pereira da Silva	17.º »	26— 5—1877	14— 2—1878	
38	Major Gabriel Antonio R. Guimarães	2.º vice	14— 2—1878	26— 2—1878	
39	Capitão Guilherme José Moreira	2.º »	26— 2—1877	7— 3—1879	
40	Coronel Barão de Maracajú	18.º presidente	7— 3—1878	26— 8—1879	
41	Dr. Romualdo de S. Paes d'Andrade	1.º vice	26— 7—1879	15—11—1879	
42	Tenente-coronel José Clarindo de Queiroz	19.º presidente	15—11—1879	26— 6—1880	
43	Dr. Satyro de Oliveira Dias	20.º »	26— 6—1880	16— 5—1881	
44	Dr. Alarico José Furtado	21.º »	16— 5—1881	7— 3—1882	
45	Dr. Romualdo de S. Paes de Andrade	2.º vice	7— 3—1882	17— 3—1882	
46	Dr. José Lustosa da Cunha Paranaguá	22.º presidente	17— 3—1882	16— 2—1884	
47	Tenente-coronel Guilherme José Moreira	1.º vice	16— 2—1884	11— 3—1884	
48	Dr. Theodoreto C. de Faria Souto	23.º presidente	11— 3—1884	12— 7—1884	
49	C.m Joaquim José Paes da Silva Sarmento	2.º vice	12— 7—1884	11—10—1884	
50	Dr. José Jansen Ferreira Junior	24.º presidente	11—10—1884	21— 9—1885	
51	Tenente-cel. Clementino J. Pereira Guimarães	1.º vice	21— 9—1885	28—10—1885	
52	Dr. Ernesto Adolpho de V. Chaves	25.º presidente	28—10—1885	10— 1—1887	
53	Tenente c.el Clementino J. Pereira Guimarães	1.º vice	10— 1—1887	23— 3—1887	
54	Coronel Conrado Jacob Niemayer	26.º presidente	23— 3—1887	10— 1—1888	
55	Coronel Francisco Antonio Pimenta Bueno	27.º »	10— 1—1888	12— 6—1888	
56	Tenente-coronel Antonio Lopes Braga	2.º vice	12— 6—1888	2— 7—1888	
57	Conego Raymundo Amancio de Miranda	3.º »	2— 7—1888	12— 7—1888	
58	Dr. Joaquim Cardoso de Andrade	28.º presidente	12— 7—1888	11—11—1888	
59	Conego Raymundo Amancio de Miranda	3.º vice	11—11—1888	12— 2—1889	
60	Dr. Joaquim de Oliveira Machado	29.º presidente	12— 2—1889	1— 7—1889	
61	Dr. Manoel Francisco Machado	30.º »	1— 7—1889	21—11—1889	

Adherindo á inesperada forma de governo, acceita com enthusiasmo pelo povo, que percorre a cidade, dando *vivas* á Republica, é acclamada uma Junta governativa composta dos srs. Dr. Carvalho Leal, tenente coronel Antonio Florencio Pereira do Lago e capitão de fragata Manoel Lopes da Cruz, que dirigiram-se ao palacio do governo e depozeram ao Dr. Francisco Machado. A Provincia passou a chamar-se Estado do Amazonas.

Profunda transformação politica modificou, sem alterar a ordem publica, a directriz dada á administração.

Apezas de ser nomeado pelo governo dictatorial do generalissimo Deodoro da Fonseca, assumiu o exercicio do cargo de governador o capitão de engenheiros Augusto Ximenes de Villeroy, sem commetter violencias. Pelas *instrucções* do Governo Provisorio, pautou os seus actos; dissolveu a Assembléa Legislativa e as camaras municipaes; extinguiu empregos e creou outros, dando assim differente feição politica a administração local. Economico e honesto, retirou-se o Dr. Villeroy para o Rio de Janeiro, por motivo de molestia em pessôa de sua familia, passando a gerencia dos negocios publicos ao Dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro, o *Pensador*. Constando a substituição deste, o povo o acclama governador em 12 de Abril de 1891, até ser empossado o sr. Barão do Juruá, em 5 de Maio desse anno.

Entrando o Estado em regimen constitucional, faz-se eleição para governador, sendo eleito o Dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, que indispondo-se com o partido dominante e com a maioria dos membros do Congresso Legislativo, foi intimado a deixar a administração, em 14 de Fevereiro de 1892. A commissão que o intimou foi composta dos srs. coronel Francisco Ferreira de Lima Bacury, Leonardo Antonio Malchel e Dr. Alminio Alvares Affonso, que fôram recebidos á balla em o palacio do Governo, escapando milagrosamente. Abandonado, o Dr. Thaumaturgo via-se forçado a retirar-se, o que fez sem formalidade legal, com a chegada da nomeação do capitão de fragata Lopes da Cruz, para substituil-o. O mesmo succedeu, em todo o Paiz, aos demais governadores que, como elle, adheriram ao *golpe* d'Estado de 23 de Novembro, dado por Deodoro da Fonseca, que foi forçado a passar o governo ao Marechal Floriano Peixoto.

Fazendo-se nova eleição, sahe triumphante das urnas o nome do Dr. Eduardo G. Ribeiro, que assume o exercicio do seu cargo em 23 de Abril de 1893. O seu governo foi o periodo aureo do Amazonas. Rendimento extraordinario, devido a valorisação da borracha e a causas secundarias, passou a auferir o Estado. A riqueza publica e particular deu incremento espantoso a capital, que depressa ficou transformada n'uma bella cidade, merecendo ser appellidada «a *S. Luiz* do Amazonas!» [1] Será inolvidavel a passagem do *Pensador* pelo Estado, tantos foram os melhoramentos que deixou. Não nos cabe apreciar os seus actos, bem como os dos seus successores; os limites deste pequeno esboço, não permittem digressões.

Passando os quatro annos do praso constitucional, é eleito o Dr. Fileto Pires Ferreira, que depois de entrar em exercicio e passar algum tempo á frente dos destinos do Estado, retira-se para a Europa e, de Pariz, renuncia o resto do seu mandato, ficando a administração sob o governo do exm. sr. coronel José Cardoso Ramalho Junior. Em 23 de Julho de 1901 recebe o encargo administrativo o Dr. Silverio José Nery. A actual administração (1905) foi-lhe successora. E devemos dizer que quasi todas ellas, desde a installação da Provincia, muito contribuiram para fazer o nome do Estado do Amazonas respeitado e querido.

---

[1] Alfred. Marc. Obr. cit.

AMAZONAS

CAPITULO I

Situação.—O Estado do Amazonas é o mais septentrional da Republica Brazileira; está situado entre 5°10' de Latitude Norte, 10°20' de Lat. Sul; 59° 75° ao Oeste do meridiano de Pariz.

Superficie.—Por sua extensão territorial é o mais vasto do Brazil; contem uma superficie de 1.897.020 kilometros quadrados. De Leste a Oeste mede 340 leguas, desde o rio dos Enganos ao das Tres Barras, affluente do Tapajós; de Norte a Sul, 310 [1] desde a serra de Ruruiama ao parallelo que o separa da Bolivia.

Tem a quarta parte da superficie total do Brazil; é maior que diversos paizes da Europa reunidos e vinte vezes mais vasto que Portugal.

Limites.—O Estado confina ao Norte com a Guyana Ingleza, Republicas de Venezuela e Colombia; ao Oeste, esta e o Perú; ao Sul a Bolivia e Matto-Grosso; a Leste, o Estado do Pará.

A Guyana Ingleza está separada, segundo o laudo arbitral proferido pelo Rei da Italia, em 6 de Junho de 1903, pelos rios Cotingo e Tacutú, cuja linha é completada pelo *divortium aquarium*, nos montes Acarahy e Tumucuraque. Se bem que o representante do Brazil, o illustre diplomata, Dr. Joaquim Nabuco, influisse no animo do Arbitro escolhido pelos dois paizes interessados, para decidir da questão, os inglezes sahiram triumphantes, porque conseguiram estender a linha demarcadora muito áquem do que tinham direito. Toda essa região que lhes ficou pertencendo, foi explorada pelos portuguezes nos tempos coloniaes. E o Brazil, tornando-se independente, ahi sempre exerceu soberania, consentindo apenas que os habitantes de Demerára se localisassem por essas terras, sujeitos á impostos e jurisdicção brazileira. Quando, em 1842, cresceu o numero delles, adrede preparado, muitos dos quaes eram cathequistas incumbidos de missionar aos indios, aos quaes ensinaram a fallar o idioma inglez, o governo britannico obteve de D. Pedro II a concessão de que esse territorio fosse considerado neutral. Foi o primeiro passo diplomatico que o *leopardo*, conquistador de terras, para formação de colonias, deu em favor do alargamento da Guyana. Todavia os subditos das duas nações por ahi podiam transitar livremente.

---

[1] Segundo o Sr. Moreira Pinto, o Amazonas tem de N.-S, 360 leguas e de L.-O., 400.—*Chorographia do Brazil, pag. 36.*

A Inglaterra, porém, que em questões taes, faz sempre de raposa da fabula, fundou calculadamente missões, casas de commercio, fazendas de criação etc., e assim implantou o seu dominio, em terras, que pelos tratados de 1750 e 1777 deveriam ser brazileiras. A nossa linha divisoria deveria partir da serra de Roruiama até encontrar o Essequibo, por cuja margem esquerda desceria, até as suas nascentes, no Acarahy [1] Nem aquelle antigo direito, nem o do *uti-possidetis*, foram respeitados; e por incuria do governo brazileiro, que desprezou essa riquissima zona, entregando-a aos inglezes, avidos de conquistar todas as terras do Globo, o Amazonas, que mais parece um desgraçado hospede do Brazil, perdeu a sua mais valiosa região. As minas de ouro, abundantes ahi, a serra do Quanoquano e emfim todo o Pirára e Amacú, passaram a outro dono, á titulo gracioso.

Os limites do Amazonas com a Venezuela são determinados pela linha que parte do rio Mamachi, seguindo o alto da serra do Caparro, até o forte brazileiro de Cucuhy; dahi em direcção a serra de Paracaima, na parte mais occidental, segue o alto della, até encontrar a nascente principal do Cotingo, em Roruiáma.

Ainda pelo tratado de S. Ildefonso (1.º de out. de 1777), o Brazil tinha o direito de fazer elevar a linha de separação até o Cassiquiáre, conforme o art. 12 desse tratado.

«O forte de S. Agostinho, as povoações de S. Carlos e S. Miguel, situadas abaixo da bacia do rio Timon, devem passar ao nosso dominio, segundo o art. 12 daquelle tratado» [2]

No Relatorio do Ministro dos Estrangeiros, de 1884, os limites do Amazonas, por essa parte, estão bem esclarecidos pelas coordenadas astronomicas tomadas pelas commissões mixtas de demarcação.

Com a Colombia os limites do Estado não foram determinados officialmente. O Aviso de 10 de Junho de 1846, da Repartição dos Negocios Estrangeiros, não vigorou, visto que trazia prejuizo para o Brazil. Mas aquella Republica pretende que a linha divisoria parta da fóz do Apaporis, desça o Japurá até encontrar a embocadura do Auty-paraná; dahi siga para o Norte até a fóz do Cabury, seguindo-o ás suas nascentes, onde deve chegar á linha de Venezuela. A separação que deve predominar em favor do Amazonas, é constituida pela que acompanha o curso do Apaporis, até ao seu affluente Trahyra; da origem deste partirá uma recta prolongada até a cachoeira do Jurupary, no alto Caiary; segue desse ponto para o Norte, encontrando o parallelo 2º5', que passa pela serra do Caparro, d'onde segue alem até a nascente principal do Mamachi, começo da linha geodesica de Venezuela. [3] O tratado, que regulou esta delimitação, tem a data de 23 de Julho de 1852, o qual não foi approvado pelo governo de Bogotá.

O Perú está separado pelo rio Javary e por uma recta tirada da embocadura do igarapé S. Antonio, até encontrar a fóz do Apaporis. Esta demarcação effectuou-se em 1873, em virtude do tratado firmado entre o Brazil e o Perú, em 1851, e approvado pela Assembléa Geral. Contra ella protestou o governo boliviano, dizendo que a linha de S. Antonio ao Apaporis, tirava-lhe grande parte do seu territorio, ao que o Barão de Cotegipe, então Ministro dos Estrangeiros, retrucou, em Outubro de 1875, dizendo que o governo brazileiro mantinha a demarcação feita. Assim foram firmados posteriormente os direitos entre os dois paizes, com excepção da parte Sul, entre a verdadeira nascente do Javary e o prolongamento do parallelo de 10º20', que separa o Brazil da Bolivia, cujas terras são litigiosas pela incerteza de saber-se por onde deverá passar a linha de separação. O tratado de 23 de Out. de 1851, em seu art. 7.º diz: «Para prevenir duvidas a respeito das Fronteiras alludidas nas estipulações da presente convenção, concordam as altas patentes contractantes em que os limites do Imperio do Brazil com a Republica do Perú sejam reguladas em conformidade do principio *uti-possidetis*, por conseguinte re-

---

[1] Ernesto Mattoso.—*Limites com a Guyana Ingleza.*

[2] A. L. M. Baena.—*Resposta á consulta do governador do Pará*, datada de 20 de Março de 1844.

[3] Ermano Stradelli.—*Mappa geographico do Estado do Amazonas.*

conhecem respectivamente como fronteira a povoação de Tabatinga; e dahi para o Norte em linha recta a encontrar o rio Japurá defronte da foz do Apaporis, e de Tabatinga para o Sul o rio Javary, desde a sua confluencia com o Amazonas». [1] Da verdadeira nascente delle, quando estiver ultimada a actual questão entre os dois paizes, que discutem os seus direitos, teremos a certeza de nos pertencerem as terras banhadas pelo alto Juruá e os seus affluentes Breu, Tejo e Amonea, onde têm havido hostilidades entre brazileiros e peruanos, extractores da gomma elastica.

A separação da Bolivia é regulada pelo artigo segundo do tratado de limites de 27 de Março de 1867, o qual diz: «Deste rio (o Madeira) para Oeste seguirá a fronteira por uma linha parallela, tirada da sua margem esquerda, na latitude de 10°20' sul, até encontrar o rio Javary». Dimersas commissões demarcadoras foram mandadas determinar a passagem desta linha; nenhuma, porem, chegou a um resultado satisfactorio para o Brazil, pois verificou-se que parte do Estado do Amazonas, habitada por brazileiros, desde longa data, havia ficado abaixo da linha traçada. Não se sabia qual era e onde começava a principal nascente do Javary; tanto assim que o tratado, prevendo o caso, diz: «Se o Javary tiver as suas nascentes ao norte daquella linha leste-oeste, seguirá a fronteira, desde a mesma latitude, por uma recta a buscar a origem principal do dito Javary». Qual é, entretanto, essa origem : o Jaquirana, o Galvez ou o Javarysinho? Presumindo-se que fosse o primeiro destes, foi traçado, de accordo com o protocollo de 1895, a linha obliqua, pela commissão, que explorou esse rio, sob a direcção do Barão de Teffé. D'ahi surgiu uma duvida, motivada pelo erro do tratado de 1867. Qual poderia ser o pretendido limite: a demarcação de 1895 ou o parallelo de 10°20'? Na incerteza, nova commissão de que é encarregado o Sr. Dr. Cunha Gomes, examina o Javary, sendo de parecer que a nascente delle era mais ao sul, muito distante ainda do referido parallelo; outra obliqua é tirada desse ponto á confluencia do Madeira e Beni. Nenhum ganho de causa nos vinha dar, porque as regiões banhadas pelos cursos superiores dos rios Juruá, Purús e Acre, habitadas por brazileiros, ha mais de 30 annos, ficaram ao sul e, portanto, pertencendo á Bolivia.

As averiguações de que foi encarregado o Dr. Thaumaturgo de Azevedo, tambem se resentiram de difficuldades. O que é certo é que aquella Republica *ganhava terreno*, tirando bom partido dessa complicação de factos, baseada como estava numa concessão erronea, em favor dos seus dominios, e ainda mais, com o reconhecimento de uma Alfandega estabelecida por aquelle paiz, no Acre, onde o Amazonas, sempre exerceu completa jurisdicção. O *uti-possidetis* não prevaleceu em favor do Brazil, porque não o quizeram os ministros Carlos de Carvalho e Dyonisio da Cerqueira, que tudo facilitaram contra o interesse e direito brazileiros.

As complicações diplomaticas tornaram o Governo impotente para reagir e determinaram o tratado de 17 de Novembro de 1903, pelo qual perdiamos as terras situadas acima do parallelo de 10°20', o que, para evitar, o Brazil teve de comprar por 2.000.000 de libras sterlinas essas terras, sujeitando-se mais a mandar construir uma via ferrea entre o Madeira e o Mamoré, para usufructo boliviano! E o pobre Estado do Amazonas foi a victima sacrificada e escarnecida neste monstruoso crime de leso-patriotismo. Alem de muito auxiliar a reivindicação da integridade brazileira, ficou privado dessa vasta região, sua de facto e de direito, porque foi considerada *neutra* e assim usurpada pelo Governo Federal, que bem sabe que tal acto é tambem contrario ao art. 1.º da Constituição Politica da Republica.

Tempo virá em que o Amazonas deixará de ser um tutellado da União Brazileira, por que o circulo de ferro que o detem, um dia, quebrar-se-á.

O Estado de Matto-Grosso está separado pelo relo Madeira desde a confluencia do Beni, aos 10 20'-13" de lat. sul e 22°14'-13" long. Oeste, até S. Antonio, aos 8°49'-2" lat. Sul e 21°29'-8" long. Oeste do Rio de Janeiro; e ainda por uma recta L. O. tirada deste ponto ao rio Tapajóz, conforme se vê pelos traçados de demarcações executados em 1789 pelo general João Pereira Caldas, então Governador do Pará. Perfeitamente assim traça-

---

[1] Dr. Torquato Tapajós.—*Estudos sobre o Amazonas.*

da, diz o Dr. Torquato Tapajós, a grande linha entre o actual Estado do Amazonas, por aquellas bandas nunca soffreu a menor contestação seria...» Ha poucos annos, porem, o governo de Matto-Grosso fez, á proposito, reclamações que não offereciam fundadas bases ao seu favor. Desejava elle alargar o seu territorio, abrangendo o immenso angulo comprehendido pelos rios Madeira e Gi-Paraná. Não podia o Amazonas perder uma zona extensa, rica em gomma elastica, quando o seu direito estava garantido em velhos documentos, conhecidos já do publico. [1]

Tendo sido affecto este litigio interestadoal ao Supremo Tribunal Federal, o Amazonas teve a confirmação do direito que justamente pleiteava, cabendo ao coronel José Cardoso Ramalho Junior, então no governo do Estado, em grande parte, a victoria de tal decisão, pelo esforço que s. exc. empregou para salvar a integridade da sua terra natal.

O Estado do Pará é separado pelo rio Nhamundá e por uma recta que parte da nascente deste até ás encóstas da serra de Cassary (Acarahy ; e por outra que segue de Parintins á fóz do rio das Tres Barras, affluente do Tapajós. A absurda proposta do governo daquelle Estado, exigindo que a linha divisoria, pelo Nhamundá, fosse o paraná do Cabu.y, que desagua acima da cidade de Parintins, não prevalecerá, como não prevaleceu a pretensão Matto-grossense, em identicas circumstancias. Ainda não é conhecido o resultado do trabalho de averiguação hydrographica da *verdadeira* embocadura daquelle rio, mandado fazer pelo governo do Amazonas. Em summa, o Estado não tem hoje a mesma superficie da antiga Capitania do Rio Negro, apesar dos decretos que o elevaram á comarca e depois a provincia, lhe garantirem os mesmos limites.

População.—Ainda não se fez regularmente o recenceamento da população do Amazonas. Attendendo a sua extensão territorial e a disseminação dos seus habitantes, crê-se impossivel um trabalho de tal natureza. As innumeras difficuldades que o recenseador encontra, para se transportar a logares tão distantes, afastados da navegação; as recusas das pessoas que desconfiam do motivo do recenseamento, alliadas a má vontade dos que se incumbem desse serviço, são causas determinantes da sua irregularidade, em todo o Brazil. Pelo movimento commercial, pelo consumo de generos, em maioria importados, pela estatistica de immigração, nascimentos e obitos, e outros elementos de calculo approximativo, presume-se que o Amazonas contenha uma população de 400 mil habitantes, composta em grande parte (2/3), de filhos de outros Estados e estrangeiros. Os indigenas, que constituiam antes da *immigração* nacional a população amazonense, estão hoje quasi desapparecidos pelo cruzamento com os invasores. A região meridional, maximé a banhada pelo rio Purús, é a mais habitada. Tendo o Estado a superficie de 1.897.020 kilometros quadrados o coeficiente da sua população não passa de 0,21. (Na Belgica, 231 habitantes para cada kilometro quadrado !)

Aspecto geral.—Na parte mais septentrional do Brazil, n'um territorio que abrange uma vasta extensão do paiz, desdobra-se uma região que se destaca pelos seus caracteres proprios: baixa, dividida em duas planicies levemente onduladas e inclinadas para o mesmo ponto, formando um immenso valle, de pouca profundidade, mas de notavel comprimento. Cortada por um grande rio, repartida pelos tributarios delle, cujas margens são cobertas de florestas seculares, formando, esse rio, a maior bacia hydrographica do Globo—tal região é o Amazonas. [2] Considerado por alguns geographos como inteiramente

---

[1] Vide *Limites do Estado* pelo Dr. Manoel Tapajós.

[2] A bacia amazonica tem 5.594.000 k²; em terras brazileiras 3.620.000.

plano, não o é, entretanto, como os vastos *steppes* da Russia ou os *pampas* da Argentina.

Depressões do terreno, aqui e ali, constituindo novos e pequenos valles para darem passagem aos affluentes do Amazonas, apresentando de Oeste para Leste insignificante inclinação para o Atlantico, é o que se póde dizer da disposição geographica deste Estado.

Ao Norte a bacia do Amazonas é limitada pelas serras de Paracaima, Tumucaraque e Acarahy; ao Oeste pelos Andes da Colombia e Perú, e ao sul pelos Andes bolivianos e pelos ultimos prolongamentos da cadeia das Vertendes, no Estado de Goyaz. A parte septentrional é mais elevada, no Rio Branco, onte existem as ramificações de Paracaima; a meridional, muito alagadiça, maximé, quando o rio transborda.

Seria o Amazonas, ahi, um oceano d'agua doce se não fossem as suas margens cobertas de opulenta vegetação tropical. Quasi todos os seus tributarios ligam-se por *poranás* e *igapós* que parecem interminaveis, attendendo-se a sua vastidão. As terras que as aguas invadem, por effeito das enchentes, são de alluvião, comprehendo talvez a quarta parte da totalidade territorial do Estado.

As correntes dos rios derribam constantemente as terras que lhe são adjacentes, dando-se o phenomeno da transmutação gradual do seu aspecto. E' por isso que as aguas delles são carregadas de detritos organicos e mineraes, exceptuando as que têm alveo fixo, como succede nos rios Negro, Javary, Urubú, etc.

A região do alto rio Branco é a mais bella do Amazonas; em vez de florestas virgens, campos de criação se estendem infindos.

Clima.—A situação geographica do Estado em uma zona que recebe perpendicularmente os raios solares, faz pensar que a sua temperatura seja como a do Saharah ou de qualquer outro logar exposto aos rigores de um clima tropical. Não. Apezar de estar em terrenos baixos, pois que não excederão de 280 metros acima do nivel do mar, o Amazonas é uma região onde a natureza ostenta grandemente as suas compensações. Sob os fogos do equador, apresenta um clima mais brando do que em latitudes correspondentes. Os excessos que New-York experimenta, estando a muitos gráos distante da linha equatorial, nunca sentimos nós; não consta que aqui, como em todo norte do Brazil alguem morresse por insolação.

A propaganda que os máos informantes propalaram por toda a parte, fóra d'aqui, lançou respeitavel duvida com relação a temperatura do clima amazonense.

Corria, mundo além, que era insupportavel o excesso do calor, no Amazonas, e ainda mais, que esse vinha sempre acompanhado das febres palustres, reinantes em todo o Estado.

Essas milhares de victimas, de que nos fallam os jornaes do sul, esse cemiterio da humanidade, como chegaram a denominar o Purús e Juruá, tudo emfim que passou pela imaginação acerbamente phantasiosa do escriptor, é uma invenção tantas vezes desmentida pela palavra desapaixonada dos estrangeiros que têm vindo a este Estado, uns a passeio e outros á custa das sociedades scientificas da Europa, para algo dizerem sobre a nossa mesologia natural. Ainda não appareceu nenhum affirmando o que os nossos compatriotas do

sul asseguram. O *mar tenebroso* havia necessariamente de fugir diante a realidade dos factos.

O conhecimento da salubridade amazonica está no conceito dos homens sabios. E' verdade que não se gosa aqui da amenidade de um clima da Suissa ou da Italia. Mas convem dizer: cá e lá... As lagoas pontinas, neste ultimo paiz, são mais paludosas que qualquer dos affluentes do rei dos rios.

Todos sabem o que disse um conhecido viajante, Chandlss, a proposito, em 1865, do clima do rio Purús, que por elle foi em grande parte explorado : « Percorri o Amazonas, durante 4 annos e nunca experimentei um accesso de febre; tres dias que estive no Ohio, foram bastante para ser immediatamente, della, accommettido.»

Ouçamos a opinião d'alguns escriptores insuspeitos. Humbert Smith, em seu livro *The Amazon and the Coast*, citado por Ignacio Baptista de Moraes, diz: «Na estação das chuvas, como na estação quente a temperatura é igual em todo o valle; não se encontra ahi um calor equatorial como se podia imaginar.»

Wallace, que percorreu o Amazonas e o rio Negro, se exprime: «O clima do valle do Amazonas é notavel por sua uniformidade de temperatura e por uma provisão regular de humidade.

Já traduzido para o idioma francez lê-se do mesmo autor: ... «a non retour, après avoir demeuré trois annèes dans le haut Amazone et dans le fleuve Noir, j'ái eté frappé également de la merveilleuse fraìcheus, de l'eclat de l'atmosphere et de l'odorante doceur des soirs anxquel on ne peux compare aucun des endroits que j'ai visité.» [1]

Battes que escreveu um livro (de historia natural) sobre o Amazonas, onde esteve dez annos, expoz: «Alguns habitantes inglezes domiciliados aqui ha vinte ou trinta annos, são bem dispostos como em sua terra natal.»

Maury, da Marinha dos Estados Unidos do Norte, tambem exalta as bondades desse clima:... «o clima do Amazonas é um dos mais salubres e dos mais doces do mundo.» E assim outros autores, como Humboldt, Agassiz, Lais, Coudreau, etc.

Sendo o Estado em geral baixo, como atraz ficou dito, é natural que seja, em parte, alagadiço, visto como a rede fluvial do immenso systema hydrographico, o percorre em todos os sentidos. As margens do rios, lagos e paranás são cobertos por uma vegetação exhuberante; esta natureza de terreno fornece, á atmosphera, essa abundancia de humidade, levantada pelas exhalações diurnas. Durante a noite dá-se phenomeno contrario: as mattas attrahem novamente a agua que subira e que cahe em forma de sereno ou chuva. Se não fôra esta compensação de que vimos de fallar, o clima do Amazonas não seria amenizado como sentimol-o. «Grandes são as compensações do natureza! » [2]

Se bem que haja igualdade na sua distribuição climaterica, ha regiões do Estado em que se nota uma pequena differença. No rio Branco, que fica exposto aos ventos que levemente lhe chegam do Atlantico, tem uma temperatura mais branda e menos humida; na parte septentrional, onde duas ou tres vezes em cada anno apparecem as *friagens* (de quatro a seis dias), o clima é menos rigoroso, mas a atmosphera muito humida.

Além daquella causa, principal modificadora do clima, mais outra concor-

---

[1] Baptista de Moraes—*L'Etat du Pará*, 1897.

[2] *O Trabalho*, S. Smiles, pag. 375.

re para não termos uma temperatura semilhante a do Senegal: é o extraordinario volume d'agua, sempre em movimento e em leito profundo.

Os raios solares, dardejando sobre a vastissima e soberba massa liquida, não conseguem aquecel-a, havendo então uma renovação calorifica em toda a extensão do grande valle. Todos sabem que a propagação da luz e do calor não se faz em camadas profundas dos mares e rios; o limite maximo vae a 150 metros, alem do qual dominam as trevas.

Na revolução das aguas do Amazonas, devida a sua impetuosa corrente (ás vezes de 4 milhas por hora), a massa que deslisa ha muitos pés abaixo da superficie, passa a ser impellida, trazendo o frescor áquella que directamente recebia o calor solar. Neste vae-e-vem continuo é constante tambem a renovação da temperatura. Todavia este agente não é tão poderoso como o da gigantesca vegetação.

Em resumo: o clima do Estado é quente e humido; só ha duas estações muito irregulares. O inverno, que principia em Dezembro e termina em Junho e o verão, que vae deste mez a Novembro. Durante o primeiro periodo, que é a estação calmosa, os rios baixam o nivel das suas aguas; no inverno as chuvas cahem em abundancia, não sendo uniforme a quantidade observada no pluviometro, cujo facto se origina da evaporação das aguas dos lagos, rios, etc., em desigualdade proporcional.

«En général, vers l'equateur, il tombe annuellement une plus grande quantité de pluie que dans les zones temperées, et cependant le nombre de jours ou il plut y est moins considerable qu'ailleurs.» [1]

Tomando a media da abundancia das chuvas na bacia do Amazonas, seria facil calcular quantos milhões de metros cubicos d'agua elle recebe da atmosphera!

Dias quentes, maxime as duas horas da tarde e noites frescas e agradaveis, eis o clima, no Estado. O quadro seguinte o dirá melhor.

Médias das observações de 1904:

Temperatura	maxima	28,8 c
	média	27,2 »
	minima	21,8 »
Chuvas	evaporações em m. m.	1592,0
	altura » » »	1525,3 (em 202 dias)
Vento	velocidade por segundo	1,60
	direcção	E.
Humidade relativa		71,4
Pressão barometrica		755,86

[1] S. P. Lacroix, *Introdution a la Geographie*, pag. 379.

HYDROGRAPHIA

«O rio parece capaz pera mui grandes couzas.»—MARCOS JIMINEZ DE LA ESPADA.—*Annaes da Bibliotheca do Pará*, vol. I pag. 7.

«Celui qui a défeni les cours d'eau en disant: Ce sont des chemins qui marchent, en a donné une defenition aussi exacte que pittoresque.»—Grammaire (3.me année por FLURY, pag. 273.

«Les fleuves, comme d'immense clairons, chantent a l'ocean la beauté de la terre, la culture des champs, la splendeur des villes et la gloire des hommes.»—VICTOR HUGO.—*Voyage au Rhin.*

«Na terra em que nasci deslisa um rio
ingente, caudaloso,
porem triste e sombrio;
como noite sem astros, tenebroso;
qual negra serpe, somnolento e frio.»
PAULINO DE BRITTO.—*Canticos Amazonicos.*

HYDROGRAPHIA

AMAZONAS

CAPITULO II

Trinta e duas leguas ao N. N. O. de Lima, capital do Perú, no districto de Uanaco, provincia de Tarmá, nasce, do lago Lauricocha, o maior rio do mundo: o Amazonas. Pequeno arroio que foge desse lago, de 13 kilometros de comprimento e 3 de largura, na altitude de 4.267 metros e aos 10°30' de latitude sul, corre por entre alterosas ramificações da cadeia andina, até encontrar Bracamoros, na direcção de N. N. O., donde se inclina para N. N. E. Começa então a receber numerosos affluentes, tornando-se o rio navegavel, em canôas. O CHINCHIPÉ, o CHACHAPUIAS e o S. THIAGO, de um lado e outro vêm engrossal-o, augmentando a sua largura, que, rapidamente, diminue, no canal chamado Pungo de Monseriche. [1] Treze metros de margem á margem tem elle, que é verdadeira garganta, por onde o rio se precipita, em vertiginosa corrente, apertada entre altas barreiras. Algumas leguas abaixo, readquirindo a largura perdida, recebe pela esquerda o PASTAZZA; pela direita o HUALLAGA, considerado o maior nessa região, e nascido na parte oriental da provincia de Junin, offerecendo pela grandeza do seu curso accesso á navegação. Segue-lhe o UCAYALE, setenta leguas abaixo do Pungo, a respeito do qual suscitou-se duvidas na desconfiança de ser elle o proprio curso superior do Amazonas.

Affluem-lhe ainda o TIGRE, o NONAI e o NAPO, tornando-o já de largura e profundade consideraveis. Desde a sua nascente até passar para o territorio brazileiro, tem o rio o nome de TUNGURAGUA, conforme o chamam os indigenas ou MARANÕN, num percurso de 2.406 kilometros. Mudando de direcção, pois que passa a tel-a de O. L., avoluma-se tanto chegando ultrapassar de seis kilometros de largura e passa a denominar-se SOLIMÕES, [2] até a fóz do rio

---

[1] La Cardamine percorreu em balsa esse canal e achou que sua extensão é de duas leguas.

[2] Offroy de Thoron diz que Solimões ou Soriman é corruptela da palavra Salomão, pois que era aqui que as barcas do poderoso rei vinham buscar ouro e cedro para a construcção do templo do monte Moriah.

NEGRO, a 1.520 kilometros abaixo de Tabatinga, na fronteira peruana; dahi ao oceano toma o de AMAZONAS, propriamente dito.

Recebe, portanto, tres denominações o gigante dos rios, «como se os ribeirinhos não tivessem a força de abarcar o seu todo fluvial.» [1]

E' o unico rio do globo que se lança naquella direcção, de O. L., o que constitue seu caracteristico principal. Maior que muitos dos celebrados rios da Europa e Asia, são os seus affluentes, já em volume d'agua, já em extensão, formando a mais consideravel e abundante bacia hydrographica deste planeta; comprehende uma superficie de 5.594.000 kilometros quadrados. Avalia-se em 6.100 kil. seu comprimento, que Martius presume ser apenas de 5.288 kil. A largura e profundidade variam. No estreito de Obidos diminue aquella para 1.911 metros e augmenta esta para 132, por onde lança 18.734 metros cubicos d'agua por segundo. [2]

Em seu longo percurso banha terras baixas, sujeitas á innundações, e algumas vezes terrenos altos, fixos como sejam Itacoatiara, Fonte-Bôa, Tabatinga, etc.

As margens que submergem na epocha das *enchentes,* são de terrenos d'alluvião; desmoronam-se facilmente com a corrente, que varia, alcançando até 4 milhas por hora. Este facto, que é a causa da côr das aguas do Amazonas, modifica-lhe bastante o aspecto. Formam-se e desapparecem ilhas para, de novo, surgirem mais abaixo. As curvaturas, forçadas por essa mesma impetuosidade, vão fazendo o rio tender a direcção rectilinea, permittindo que elle seja menos tortuoso que ha dois seculos.

O viajante que se approxima da sua fóz, em pleno oceano, nota a differença da côr das aguas e em breve a mudança é completa, numa distancia de 300 milhas. O Atlantico parece não resistir-lhe. «Et en effet, ce fleuve jaunâtre, fait, d'une façon bien visible, sa tornée dans l'Ocean.» [3]

O agrupamento de ilhas, que se vê em sua embocadura, é o resultado da localisação, ahi, das terras que elle arrasta; são todas de formação recente, na ordem geologica. «Todas essas ilhas, diz o sr. Barão do Ladario em sua *Hydrographia,* citado pelo dr. T. Tapajós, são productos das materias trazidas por seculos na corrente das aguas do Amazonas, accumuladas sem cessar pelo effeito mecanico da força de embate do oceano invadindo o grande rio, depois que consumiu aquella muralha de que falla o sr. Agassiz.» Vicente Yanez Pinzon, que ahi esteve em Janeiro de 1500, notando o vasto estuario (talvez mais desempedido que actualmente), presumiu achar-se sobre um oceano de agua doce, o que motivou o nome que lhe déra—*Mar doce.*

Orellana, depois de tel-o baptisado com o seu proprio, substitui-lh'o pelo qual é conhecido. Os Ycamiabas, da fóz do Nhamundá, foram os personagens motivadores desta mudança.

Pedro Teixeira, que subio o rio, em 1637, foi o precursor dos muitos sabios que o estudaram, cujos nomes são venerados pela sciencia: La Condamine, Spix, Martius, Castelnan, Wallace, Agassiz, Humboldt, Barbosa Rodrigues, etc., etc.

Poeticamente é conhecido pela expressão *Rio Mar;* primitivamente os indigenas o designavam pelo nome de *Paraná-assú.*

---

[1] Elisée Reclus—*Estados Unidos do Brazil,* pag. 34.

[2] Elisée Reclus—Obr. cit.—dá 1.520 metros para largura e 70 de profundidade e evasão de 100.000 metros cubicos d'agua por segundo.

[3] Alfredo Marc—*Le Brèzil.*

«O seu declive é pouco sensivel». [1] Agassiz encontrou, em Tabatinga, a altitude de 80 metros. Sujeito as enchentes periodicas (6 mezes), as suas aguas não se elevam a mais de 17 metros ou a menos de 10 da altura media. A inundação faz ligar o Amazonas com os innumeros lagos que bordam as suas margens, o que é um dos seus principaes caracteristicos. Dentro do Estado, cuja hydrographia ora descrevemos, não chega a influencia das *marés,* phenomeno muito observado no do Pará; sabe-se que ella não passa de Obidos, onde se manifesta por uma insignificante intumecencia das aguas.

Segundo calculos do illustrado amazonense, dr. Torquato Tapajós, em sua obra o *Valle do Amazonas* (pag. 66) é de uma pollegada por milha a inclinação media do rio, no trecho comprehendido entre Belem e Tabatinga.

Os maiores tributarios do «rei dos rios» [2] são, pela margem direita: JAVARY, JUTAHY, TEFFÉ, COARY, PURÚS, MADEIRA, TAPAJÓS e XINGÚ; pela esquerda: ICÁ ou POTUMAYO, NEGRO, NHAMUNDÁ e TROMBETAS.

Vejamos cada um delles, em territorio do Estado.

Javary.—Segundo o sr. Barão de Teffé, encarregado da demarcação entre o Brazil e o Perú, em 1874, este rio deve nascer em latitude de 7°-1'-17"5, servindo de separação entre os dois paizes. Na determinação da linha divisoria com a Bolivia, suscitou-se duvidas a proposito desta situação, affirmando o dr. Thaumaturgo de Azevedo, designado para isso verificar, que a nascente de tal rio é mais ao sul, talvez no prolongamento do parallelo de 10°20'. Mas o dr. Thaumaturgo não poude algo dizer positivamente, pois que não levou á cabo a commissão de que fôra incumbido.

Conforme a opinião do sr. Barão de Ladario, o Javary desceria a 7°-30' sul.

Pelo Relatorio apresentado ao Governo, pelo sr. dr. Cunha Gomes, em 11 de Janeiro de 1898, não é essa a nascente desse rio, e sim o Jaquirana. E diz: «E' o Jaquirana a continuação do Javary e como tal foi explorado.» Tem elle a sua origem de uma gruta formada de dois altos contrafortes dos Andes e corre como tenue regato por sobre depressões do alveo até encontrar o JAVARYSINHO. Como quer que seja, as ultimas observações do dr. Cluls não vieram fazer luz sobre o assumpto, pois, elle não chegou, segundo fidedignas informações, ao ponto cujas coordenadas astronomicas apresentou ao Governo, deixando assim de merecer real valor o seu trabalho.

O JAVARY é perfeitamente navegavel; corre em um valle profundo, na direcção de N. E. e desagua no Solimões por tres boccas, das quaes a principal fica abaixo de Tabatinga; recebe alguns tributarios, todos abundantes, em suas margens, em gomma elastica. Entre outros ha: o GALVEZ, tambem considerado como origem principal delle, o dos ENGANOS e o JAVARISINHO, no Perú; da margem direita, em territorio amazonense: o CURUÇÁ, onde o Estado mantem uma collectoria de rendas, o ITECOAHY, que banha Remate de Males ou Benjamin Constant.

Serve o JAVARY de limite entre o Brazil e o Perú; é tortuoso e tem um curso de 700 kilometros, approximadamente. O seu nome provem de uma palmeira muito abundante em sua fóz, a qual os indigenas designam pelo nome *yauary.* Existe neste rio um animadissimo commercio de transito, cujo imporio é a cidade peruana de Iquitos. Desde muito e apezar da vigilancia dos poderes publicos, exercem-se ahi escandalosos *contrabandos* de mercadorias vindas da

---

[1] E. Wappeus—*Geographia Physica do Brazil,* pag. 72.

[2] Sant'Anna Nery—*Le Pays des Amazones.*

Europa, causando graves prejuizos ao Brazil. Ultimamente a equiparação de impostos estadoaes veio attenuar esse descalabro praticado com a borracha amazonense.

A antiga firma commercial F. M. Marques & C.ª ahi possue, á margem direita, seringaes em superficie maior que a da Belgica!

Jundiatyba.—Segue a mesma direcção que o precedente; tem um curso inferior ao delle, recebe affluentes de pouca importancia, sendo o mais consideravel o MATUANEMA e lança-se abaixo da villa de S. Poulo de Olivença.

Juruá.—Nasce no actual *departamento federal;* é um dos mais extensos e caudalosos tributarios do Solimões. Tem 2.000 kilometros de curso e é navegavel a 1.800 da fóz. Apresenta uma largura media de 150 metros e 15 de fundo, havendo logares duas vezes mais largo e mais profundo. E' tortuoso na parte inferior e depois de percorrer o *departamento* do Juruá, banha o rico municipio de S. Phelippe e desagua algumas leguas abaixo de Fonte-Bôa. O lado direito, diz Wappeus, é baixo e a maior parte das terras firmes ficam á esquerda, onde ha mais affluentes. São elles: o AMONEA, o JURUAZINHO, o MÔA, o IPIXUNA e o BORÉA; pela direita: o BREU, o TEJO, o LIBERDADE, o GREGORIO, o TARAUCÁ, que recebe o ENVIRA, MAMORY, etc. O mais caudaloso destes é o TARAUCÁ, largo de 114 metros na fóz, 15 milhas abaixo de S. Phelippe. A navegação só é obstada pela cachoeira do Urubú, muito acima.

As explorações no Juruá datam de poucos annos; logo que se tornaram conhecidas as suas florestas de seringaes, affluiu para elle a immigração cearense, tornando-se um dos rios mais commerciaes e populosos do Estado.

Teffé.—Tem um curso de 90 kilometros; é estreito, de pouca profundidade e sem navegação regular. Lança-se no lago chamado de Ega, abaixo de Caiçára e banha o municipio e cidade de Teffé. Quando baixam as suas aguas em alguns logares pode-se passar á váo; seus affluentes são igarapés, cujo principal é o 'TAUANA-PARANA', que, se diz, offerece varadouro ao Juruá.

Coary.—Depois de receber o URUBÚ e o URUA', seus maiores tributarios, desagua no lago desse nome, o qual tem 12 milhas de comprimento e 5 de largura. O rio é francamente navegavel na epoca das chuvas. O seu curso tem 500 [1] kilometros e nenhuma cachoeira. O dr. Gaspar Guimarães, em seus *Dados descriptivos* diz do Coary: «A côr de suas aguas é escura, menos tinta que a do rio Negro.....»

Purus.—E' o mais extenso dos affluentes da margem direita do Solimões; nasce na Bolivia, na vertente oriental da cadeia andina, em uma planura inclinada para o valle amazonico. A parte superior delle era completamente desconhecida ao começar a primeira metade do seculo XIX. Datam d'ahi as explorações iniciadas por João Cametá e seguidos pelo mulato Manoel Urbano da Encarnação, que não só conhecia de *visu* todo o curso do PURÚS, como a maioria dos seus affluentes. Tinha, nos navios da Companhia do Amazonas, Limitada, passagem gratuita, ás vezes que quizesse, visto como era considerado o melhor dos seus praticos. Alem desses navios que muito tinham contribuido para a sua exploração, foi visitado por alguns sabios. Castelnau, que presagiou o seu futuro; Chandless, em 1865, que verificou a impossibilidade da communi-

[1] Alfredo Marc e J. E. Wappeus dizem ter essa extensão, que achamos exagerada.

cação fluvial entre o Aquiry (Purús) e o Madre de Dios (Beni;) Andréas, que escreveu um relatorio da sua viagem, informando minuciosamente, áquella Companhia, do que havia notado de extraordinario; Serafim Salgado e o dr. Silva Coutinho, commissionados pela presidencia do Amazonas para o explorarem, dos quaes o primeiro limitou-se a descrever as tribus que viu; o coronel Antonio R. Pereira Labre, talvez o mais perseverante dos seus exploradores, foram outros tantos paladinos que ampliaram as excursões de reconhecimento.

«Le PURÚS, diz Alfred Marc, meriterait un volume: l'histoire de son developpement est une merveille». E' o que offerece maior curso á navegação; de todos, é tambem o mais frequentado, rico e populoso. Extremamente cheio de *voltas*, fazendo desvios de rumos, ora seguindo para o norte, ora para o sul, leste e oeste, abrangendo leguas de extensão para voltar quasi ao mesmo ponto, como tivemos opportunidade de observar, nelle navegando.

Tem um curso de 3.650 kilometros (o Danubio, 2.800 kl.), navegavel até onde o rio estreita consideravelmente, em territorio boliviano, excepto quando o nivel das suas aguas baixam, pois que por essa occasião só dá facil accesso até a Cachoeira. Pequenas lanchas difficilmente podem passar nessa epoca.

Como todos os rios do Estado, o PURÚS está dividido em duas secções: uma que vae da fóz á parte interceptada e a outra d'ahi para cima; aquella constitue o BAIXO PURÚS e esta o ALTO. O primeiro trecho tem cerca de 970 milhas e o segundo, até o rio MANOEL URBANO, 840. Lança-se no Solimões, distante da embocadura do rio Negro, 118 milhas. O leito é designal e mutavel, perigoso á navegação; a côr das aguas, semelhante a do Amazonas. A corrente é mais forte que a do Negro e mais fraca que a do Madeira, calculando-se em duas e meia milhas por hora, velocidade esta variavel conforme a epoca. Momentos ha em que na fóz não tem movimento algum, quando elle fica represado pelo Solimões que enche.

Largo na parte inferior, banhando terras d'alluvião, que se deslocam, modificando pouco e pouco a sinuosidade particular do leito, recebendo tributarios consideraveis, cujas nascentes de um lado se approximam do Madeira, seguindo um rumo geral de S. O. para N. E. parallelamente aos demais affluentes do Amazonas; semeados de ilhas encostadas ás margens, separadas apenas pelos canaes lateraes; lagos bordando suas adjacencias; furos ligando entre si estes e os seus tributarios, eis em synthese o aspecto do Purús.

«A amplitude das cheias, ainda pouco acima da confluencia do Amazonas —Solimões não é inferior a 18 metros.» [1]

O transbordamento fal-o ligar, á direita, com este rio, que, se não fossem as mattas que vestem as suas varseas marginaes, seria um oceano d'agua doce, que suppõe ahi ter existido o sr. O. de Thoron. Os braços que dão escoamento ao rio não têm valor apreciavel, pois não passam de *furos* navegaveis por pequenas embarcações.

Em seu longo percurso banha a Bolivia, o *departamento do Acre* e *Purús* e os municipios de Floriano Peixoto, Labrea, Canutama e Manacapurú.

São seus affluentes, pela margem direita:

YACO ou HYUACÚ, que nasce em territorio brazileiro, recebe alguns tributarios, taes como o CAETÉ, riquissimo em borracha; é navegavel e bem povoado.

ACRE ou CHAPURY, extenso e volumoso; tem sua origem na Bolivia, cor-

[1] Elisée Reclus,—*Est. Unidos do Brazil*, pag. 42.

ta a linha que a separa do Brazil; é a zona do Estado mais productora de gomma elastica. Este rio banha Porto Acre e Floriano Peixoto, antiga villa de Antimary. *Pertence ao departamento do Purús,* grande quantidade de suas terras, que são habitadas por 15.000 pessoas, approximadamente; recebe os confluentes ANTIMARY e RIOSINHO. O Acre e os seus tributarios, segundo o dr. Heliodoro Jeramillo, é navegavel em 967 milhas. [1] Foi explorado recentemente, ha 15 annos; as febres palustres ahi são endemicas, mas de caracter benigno. Alem destes tem o Purús, o MUCUIM, que desagua abaixo de Canutama, PIXUNA, TAUA'-MIRY e JARY, que se lança no lago desse nome.

A' margem opposta:

CHANDLESS.-- Corre em *territorio federal;* é pequeno, mais abundante em seringaes, em suas margens, como o é toda a região do Alto Purús. Recebeu este nome em lembrança do explorador, que acompanhado de Manoel Urbano, subiu á sua parte superior. Abaixo delle desaguam o TARAUACA' e o INAUINY.

PAUHINY.—Extenso, rico e navegavel; possue regular população empregada na industria extractiva. Será o imporio de avultado commercio, se fôr levada a effeito a construcção da via ferrea, entre a Labrea e Antimary, passando pela sua fóz. Abaixo delle segue uma região coberta de lagos, que vertem para o Purús, ficando-lhes alem os rios MAMORIA'-GBANDE e MAMORIA'-MIRY, tambem navegaveis e explorados pelo coronel Luiz Gomes, que nelles possue um pessoal seringueiro, superior a 2.000 homens.

TAPAUA'.--Muito extenso; acompanha o Purús, quasi em direcção parallela e recebe o CUNHUA' e o PIRANHA, lançando-se n'uma immensa curva desse rio.

O Baixo Purús é pobre de tributarios, por essa margem; em compensação é incalculavel o numero de lagos, cujas aguas correm para elle.

Madeira.--E' um dos maiores do Estado; é formado pela reunião do BENI e MAMORÉ. Contem muitos e importantes affuentes, sobretudo na parte superior do seu curso. Os indignas chamam-no Caiary, que, no entender do sr. Thoron significa «rio da resolução», [2] nome que foi substituido pelo actual, por Francisco de Mello Palheta, em 1723, visto ter notado abundancia de cedro e outras madeiras descerem o rio, levados pela corrente. De sua exploração cuidou-se desde os tempos coloniaes.

João de Barros Guerra, governador do Pará, subio este rio, onde morreu soterrado por uma parte da margem desmoronada sobre a embarcação que o conduzia. Mello Palheta chegou ao Mamoré, affluente da margem esquerda, tendo passado 17 das suas cachoeiras.

De S. Antonio para cima a navegação é interceptada pela primeira depressão pedregosa do leito; só ás canoas, e difficilmente, ha accesso, sendo preciso descarregal-as, para evitar o immenso perigo que correm sobre a impetuosidade das aguas. O alveo, em media, tem uma inclinação de 0,^{m}44 por legua. A' proporção, porem, que baixa vae diminuindo a velocidade do deslisamento das aguas, chegando á fóz já muito decrescida, em razão de ficar represada pela do Amazonas. E' o mesmo que acontece aos demais tributarios do grande rio. [3]

O Madeira é o mais bello dos seus affluentes, de melhor aspecto, bastante frequentado e por isso o mais conhecido, onde existe população fixa. A sa-

---

[1] *Conferencia realisada no Club de Engenharia* do Rio de Janeiro. 1903.

[2] *Viagens de Salomão ao rio dos Amazonas.*

[3] O Madeira despeja por hora 2.250.000 palmos cubicos d'agua, por uma embocadura de 1.250 braças.

lubridade, que se gosa ahi, é incontestavel, exceptuando a de S. Antonio e outros pontos do curso superior, onde as febres palustres reinam impiedosamente. No entanto, as suas margens não são mui alagadiças, como a de outros onde ha impaludismo.

A côr das aguas é semelhante as do Amazonas, no qual se lança, em frente á ilha das Tartaruguinhas, aos 3°24'31" de latitude sul. As embarcações á vapor que o percorrem vão até S. Antonio, n'uma extensão de 168 leguas. Itacoatiara fica-lhe abaixo, 5 leguas, na margem opposta e a fóz do rio Negro 20 acima. Correndo quasi parallelo ao Purús, pequena é a distancia que ha entre certos tributarios de ambos, cujas nascentes se approximam, estabelecendo-se *furos* pelos quaes os seringueiros facilmente se transportam de uns para outros.

O curso total do Madeira com o Mamoré, tem mais de 3.000 kilometros; a secção encachoeirada desde o primeiro salto até Guajará-miry, é 424 kilometros. [1] Até a pouco tempo este rio era considerado o mais extenso do Estado; mas observações hodiernas têm-nos dito que o Purús leva-lhe vantagem, sob todos os pontos de vista. Pena é que o Madeira não possa dar accesso á Bolivia e Matto-Grosso, com as inauditas difficuldades que conhecemos.

Pelo tratado firmado em Petropolis, em 1903, o governo brazileiro obrigou-se a mandar, brevemente, construir uma via ferrea entre o S. Antonio e o Mamoré; depois de ultimada, o Madeira será o imporio do grande commercio boliviano e matto-grossense e então occupará a vanguarda dos demais, pela sua riqueza, população, salubridade e importancia commercial. Impossivel é a desobstruição das suas alterosas cachoeiras; portanto só a estrada Madeira-Mamoré, já mallograda uma vez, resolverá o problema da sua prosperidade.

As cachoeiras que interceptam o Madeira são 17: *S. Antonio, Salto Theotonio, Morrinhos, Caldeirão do Inferno, Giráu, Tres Irmãos, Paredão, Pedreneira, Araras, Ribeirão, Misericordia, Madeira, Lages, Páo Grande, Bananeira, Guajará-assú* e *Guajará-miry;* as cinco ultimas já se encontram no Guaporé. [2]

Da embocadura até S. Antonio ha cerca de 30 ilhas, que em sua maior parte, submergem na epoca da enchente (inverno); cobertas de seringaes umas, como a das Aráras, que pertenceu a Companhia de Navegação do Amazonas, Limitada, outras extensas, tendo mais de uma legua de comprimento.

Em seu longo percurso, tres vezes superior ao do Tejo (Portugal), recebe o Madeira muitos affluentes, cujos principaes são pela margem direita:

MAMORÉ.—Nasce na Bolivia, perto da cidade de Cochabamba, em uma das escarpas das ramificações dos Andes e banha Sucre, segundo affirma o sr. Costa e Silva. [3]

Faz uma curva para E. e recebe alguns affluentes: o CAPORÉ', o SUCURÉ' pela esquerda; o GUAPORÉ', que separa o Brazil daquelle paiz.

JACY-PARANA'. - Vem de Matto Grosso, é rico em seringaes e lança-se abaixo da cachoeira dos Morrinhos.

JAMARY.—Segue a direcção geral dos precedentes, corta a linha de limiles que separa o Amazonas do Estado de Matto Grosso, donde elle nasce; desagua na região encachoeirada, em frente a ilha dos MARUINS; é habitado pelos *parintintins* e em suas cabeceiras ha campinas.

GI-PARANA' ou MACHADO.—Mais consideravel que os precedentes; interna-

---

[1] Moreira Pinto, *Chorographia do Brazil.*
[2] Araujo e Amazonas—*Dicc. da Comarca do Alto Amazonas.*
[3] *Viagens ao sertão do Amazonas,* pag. 73.

na-se naquelle Estado, onde affluem-lhe alguns tributarios. Corta a linha de limites, com a qual Matto Grosso não ficou satisfeito, reclamando do Amazonas o triangulo formado pela dita linha traçada de S. Antonio ás nascentes do Tapajós e o angulo comprehendido pelo Machado e Madeira. [1] Ambos os governos têm-se resentido dos embaraços na cobrança de impostos, ahi, vindo a prevalecer o direito do Amazonas.

O rio MACHADO é largo; encontra-se no seu curso muitas ilhas e sete cachoeiras que impedem a livre navegação. Acima destas estendem-se dilatadas campinas, onde vagueiam os *turás, parintintins* e *aráras*. E' rico em plantas medicinaes e pouco explorado; sua fóz dista da do Madeira 145 leguas.

MAICY.—Nasce e corre em territorio amazonense; desagua acima das ilhas das Flexas. Seguem-lhe o FLEXAS e o PIRAIAUARA.

ARAUAPIARA.—Segue o rumo de S. E. e lança-se no lago do mesmo nome, a 94 leguas da fóz do Madeira; é rio d'agua preta, cujas margens abundam em seringaes e copahybaes.

MARMELLOS.—Tambem denominado ARAXIÁ; apresenta na embocadura uma extensão de 80 braças, correndo na direcção de S. E. O seu curso é interceptado por algumas cachoeiras, havendo uma cuja queda é de 30 palmos, segundo nos diz o Dr. J. M. da Silva Coutinho. [2] Recebe pequenos tributarios d'agua preta. Presume-se que este rio tenha a sua origem nas onduladas campinas que se prolongam além do Tapajós, por onde vivem tribus selvagens.

MANICORÉ.—A sententa e cinco leguas da fóz do Madeira encontra-se este rio, tambem d'agua preta; a prospera cidade desse nome é por elle banhada. A sua embocadura é larga, de 50 braças.

MATAURÁ.—Varia de rumo pois que muda para O. 1/4 S. O.; é mais estreito e menos extenso que o Manicoré.

ARIPUANÁ.—E' o mais importante dos tributarios do baixo Madeira, de cuja fóz dista 51 leguas. Sua navegação é franca e as terras adjacentes, ora altas, ora alagadiças, abundam em borracha e copahyba. Os indios *aráras* vagueam errantes em suas nascentes.

Convém incluir na relação destes o paraná de URARIÁ, que começa no Madeira e desagua no Amazonas, abaixo de Parintins. São tributarios delle os CANAMÃ, ABACAXIS, PARACUNY, APUCUITÁUA, MAUÉS, ANDIRÁ e MAMURÚ, dos quaes alguns são recommendaveis pelo volume de suas aguas e extensão do seu curso.

Os affluentes do Madeira pela margem esquerda são:

BENI.—Vem dos Andes, de um planalto situado perto do lago Titicaca; recebe o MADRE DE DIOS e parece ser o verdadeiro prolongamento do Madeira. Tem um comprimento quasi igual ao do Mamoré, (205 kilometros) com o qual reflue, formando o CAIARY, conforme a designação indigena. Thoron diz que «beni» é termo hebraico e significa «filho».

ABUNÁ.—Foi percorrido pelo Dr. Constantino Nery, em 1899; vem da Bolivia e exporta os productos naturaes colhidos pelos seus habitantes. E' navegavel em 125 milhas geographicas; fica pouco distante do rio Purús e communica-se com o Acre e Ituxy por varadouros. Corta-o o parallelo de 10° 20' que separa a Bolivia do Amazonas; este Estado ahi mantem uma collectoria de rendas, fiscalisadora da gomma elastica que delle sahe.

---

[1] Dr. Torquato Tapajós, *Limites com o Estado de Matto-Grosso.*

[2] *Relatorio* apresentado á presidencia, em 1862, pag. 21.

MA-PARANÁ.—Desagua abaixo da cachoeira Paredão.

ARRAIAS.—Pequeno affuente que se lança acima de Humaythá.

Da margem esquerda o Madeira é pobre em tributarios. Os chamados BAETAS, CAPANA', MURUÇUTUBA, ARARAS, etc., são de pouca importancia.

Pela margem esquerda do Amazonas (comprehendendo o Solimões), ha os seguintes affluentes mais importantes:

Içá ou ***Potumayo.***—Nasce nos Andes da Colombia, de um pequeno lago, situado n'uma região alta e vulcanica. Os indigenas que habitam as suas margens, abundantes de plantas medicinaes e ouro, chamam-no Potumayo, nome que perde para receber na parte inferior o de Içá. A direcção delle é variavel e forma com o Solimões um angulo agudo. Lança-se neste rio, em frente a alguma ilhas, depois de um percurso de 1645 kilometros. Em sua fóz existiu outr'ora um ponto militar, mantido pelo governo portuguez, servindo para determinar os limites com a Colombia. Apezar de explorado e conhecido ha mais de um seculo, só ultimamente começou a ser povoado. O commercio brazileiro vae-se desenvolvendo n'elle, depois do estabelecimento de uma linha de navegação subvencionada pelo Estado. São seus affluentes o PARIUATA' e o GUÉRE.

O Içá é navegavel em grande extensão, tendo uma profundidade média de 10 metros. «E' um destes rios, diz E. Reclus, que pelo seu trabalho de erosão desbastaram em grande parte o systema dos Andes e o reduziram no Equador a um estreito pedunculo entre as massas muito largas da Columbia e Perú».

Japurá ou ***Hiapurá.***—Tambem nasce nos Andes da Colombia, em Popayan, atravessando um territorio vulcanico, abundante em grez.

Ora largo, ora apertado por diminutas passagens, variando de 800 a 60 metros, o rio Japurá desce por uma serie de cachoeiras e communica-se com o Içá, por dois braços (pelo PERIDA' e PURÉOS). Tem 2.400 kilometros de curso, sendo livre á navegação somente em 1.000. Segundo Martius a sua bacia tem 9.800 leguas quadradas.

As aguas são claras, excepto depois de receber o ANTI-PARANA, que traz do Solimões as aguas barrentas que ahi verte. O seu leito é cheio de ilhas, que lhe dão um aspecto magestoso.

Antigamente as suas margens eram povoadas; hoje só restam os tristes vestigios de logares habitados. O Dr. Theodor Kock contou ahi cerca de trinta tapéras.

Pelos tratados de limites feitos entre Portugal e Hespanha, em 1750 e 1777, deveria ser este rio e o seu confluente *Cumiari*, a separação territorial das possessões dos dois paizes.

O seu principal tributario é o APAPORIS.

Os indigenas que vivem no Japurá, que elles denominam *Caquetá*, têm costumes de uma civilisação muito antiga, segundo o testemunho do sr. Dr. Silva Coutinho; sabem colher o ouro e preparal-o por um processo oriental (asiatico), depois do quə o guardam em tubos feitos de penna de mutum para venderem-no aos *ladinos* [1] que casualmente por ahi apparecem.

Rio Negro.—O primeiro que recebeu o influxo do homem civilisado; aquelle que tirou o nome da côr das suas aguas, semelhante á tinta d'escrever, o rio Negro, é no Amazonas, um dos muitos que deve attrahir a nossa especial

---

[1] *Ladinos* ou *brancos* é o nome pelo qual os indigenas designam os civilisados.

curiosidade, já pela sua tradição na historia amazonense, ás suas margens se constituindo os primitivos nucleos dos nossos maiores, já porque é elle que banha a opulenta Manáos, capital do Estado. Nasce em Popayan, na Colombia, aos 2°30' de latitude norte e 26° de longitude oeste do Rio de Janeiro, com o nome de GUIANIA; deslisa em tenue fio d'agua, em territorio desse paiz, recebendo pela direita o MAMACHI e o TOURO, que têm suas origens na serra do Caparro, pelo alto da qual passa a linha de limites entre o Estado do Amazonas e a Colombia. Até chegar á Cucuhy, fronteira do Brazil, faz uma curva para Oeste e dirige-se para o sul, tornando-se largo de 1.500 metros a 5.000. Ao encontrar a barra do Uapés muda para S. E.

A negra apparencia de sua caudal, contrastando com o alvor de suas praias e com as mattas seculares que cobrem as margens, outr'ora habitadas, dá ao rio Negro um aspecto encantador. Todos os viajantes que o tem descripto, inclusivemente missionarios portuguezes que por elle subiram desde 1657, ficam surprehendidos pela exhuberancia de sua natureza ubertosa. Margens altas, vestidas de vegetacão luxuriante, cortadas aqui e alli por um sem numero de affluentes, que o fazem um labyrintho complicado, incalculavel quantidade de ilhas semeando o seu leito, eis, em synthese, o rio Negro.

Os portuguezes, posteriormente a localisação das missões hespanholas, descobriram o CASSIQUIARE, pelo qual o rio se communica com o Orenoco. E', portanto, conhecido desde os tempos da fundação de Jahú. Em 1637 Pedro Teixeira descobriu-lhe a fóz. O capitão Pedro da Costa Favella, em 1669, fundou nelle, a primeira povoação.

Francisco da Motta Falcão estabeleceu a segunda, onde está hoje assente a cidade de Manáos, em 1670; e assim foi successivamente explorado, por nacionaes e estrangeiros. Algumas expedições subiram-no nesse intuito.

O rio Negro, com excepção da larga zona abrangida pela capital e arredores, não conserva hoje senão recordações da sua extincta opulencia ; quando Barcellos (antiga Mariuá) era a séde da capitania de S. José, população superior a cem mil habitantes vivia em suas margens, cultivando-lhe as terras com o plantio de algodão, café, cacáo e anil, e mantendo fabricas de tecelagem e cordoaria. Causas de ordem politica determinaram a decadencia das suas villas e povoações; os seus habitantes desceram e espalharam-se pelos outros pontos da capitania. Da prosperidade nascida no governo de Tinoco Valente e morta depois de Lobo d'Almada, resta-nos a triste lembrança, motivadora de justa consternação.

O Dr. Aprigio de Menezes, nomeado pelo governo provincial para estudar a causa desta decadencia, diz: »O rio Negro convida aos que o visitam a usufruirem as prodigalidades de uma natureza profusa.» [1]

O rio não é todo livre á navegação ; a 160 leguas da sua fóz obstruem-lhe o alveo algumas cachoeiras, cujas principaes são : *Marcabi, Cajubi*, das *Furnas*, *Crocobi, Paredão* e *Carangueijo*. O curso inferior, completamente cheio de ilhas, depois de ter cortado o Equador aos 24° de long. oeste, segue o Solimões em posição quasi parallela, do meridiano 20° até confluir com o Amazonas aos

---

[1] ***Relatorio*** de 1875. Anteriormente, em 1861, o Dr. Leovigildo de S. Coelho apresentou ao governo um outro trabalho, expondo-lhe o estado das povoações do rio Negro.

3°-7' de lat. sul e 16°-40' oeste do Rio de Janeiro. A profundidade é de 30 metros, em media; em frente a Manáos é consideravel, quando o rio eleva o nivel das suas aguas. A corrente é fraca, não passando de duas milhas por hora.

Os seus affuentes principaes pela margem direita são:

XIÉ.—Nasce na encosta da serra do Caparro; dirige-se para S. E. e lança-se acima de S. Marcellino aos 24° de long. oeste e 0°50' lat. septentrional.

ISSANA.—Mais extenso que o precedente; foi ultimamente explorado pelo Dr. Kock, commissionado pelo Real Museo de Ethnographia de Berlim. Recebe o AIRY, seu maior tributario.

CAIARY-UAPÉS.—E' o mais caudaloso dos affluentes do alto rio Negro, parecendo ser o seu verdadeiro curso; nasce na Colombia, corta a linha de limites, seguindo sempre por um terreno accidentado. Recebe muitos confluentes: CADUAIRY, ABIO, APAPIURY e o TIQUIÉ. O Dr. Kock estudou este ultimo e encontrou tribus de indios que «ainda não conheciam o homem branco» [1] «Explorei este magestoso rio, diz esse autor, affluente do Rio Negro, margem direita, até as suas nascentes, durante dez dias de viagem forçada, passando cachoeiras enormes (cerca de 40) entre as quaes a do *Jurupary*.

CURY-CUIARY.—E' pequeno e inavegavel; lança-se abaixo do forte de S. Gabriel, junto a serra que tem o mesmo nome.

MURIÉ.—Desagua pouco acima da povoação de S. Pedro; as suas nascentes são desconhecidas.

D'esta margem o rio Negro tem affluentes de pequeno curso e, por isso, de pequena importancia; alguns d'elles, verdadeiros igarapés, só dão passagem á canôas. Entre outros tem: UNINERY, URABAXY, XIBARÚ, ARIRAHA', BARURY, UATAMARY, CABORY, CARABINANI, JAHÚ, etc.

Pela esquerda são tributarios os rios:

CABABURY.—Nasce nas ultimas ramificações occidentaes da serra de Parima; corre para o sul e communica-se com o Cassiquiáre pelo MATURACA'. E' por este rio que a Colombia quer que passe a linha de limites com o Brazil. Depois deste vem o MARAIUA'.

PADAUARY.—Tambem nasce na serra Parima; corre de N. a S., recebendo muitos affluentes e as aguas de 17 lagos. [2] Lança-se no rio Negro, defronte da povoação de S. Joaquim, depois de juntar-se ao rio Preto, seu maior tributario.

UERERÈ.—Habitado outr'ora pelos selvagens *uarinás*; desagua na parte mais larga d'aquelle rio, por entre um archipelago, ahi existente. Fica-lhe adjacente o XURUINY.

RIO BRANCO.—E' o maior, mais rico, bello e saudavel de todos os tributarios do Negro. Pela transparencia de côr de suas aguas mereceu ser denominado assim. Nasce da reunião do ARARICOERA e TACUTU', que separa a Goyana Ingleza do Brazil, conforme o laudo arbitral do rei da Italia, em 1903. Recebe o COTINGO, que vem da serra de Paracaima e serve de prolongamento á linha divisoria. Tem o rio Branco um curso extenso, superior a 100 leguas; é o mais septentrional do Brazil e corre, em sua parte superior, sobre campos enormes, que es vão ligar aos das nascentes do Nhamundá.

O ARARICOERA segue a direcção N. S. e o TACUTÚ, de S. N.; recebe o MAHÚ, que hoje pertence áquella Guyana. O nosso paiz perdeu, por tolerancia

---

[1] *Jornal do Commercio*, de Manáos, 13 de Maio de 1905.

[2] *Dicc.* Araujo e Amazonas, pag. 217.

antiga e injustificavel, minas de ouro, florestas de muirapinima, nos serros banhados pelo PIRARA. Ahi, excluindo esta região, possue o Amazonas vastissimos campos de criação bovina.

O rio é obstruido pelas depressões do leito; a cachoeira de Caracarahy limita a parte navegavel; d'ahi para cima o transporte só é feito em pequenas lanchas ou canôas.

São seus tributarios pelo lado direito: CAUAMÉ, MUCAJABY, JARANY e CATRIMANY; pelo esquerdo: UANAUA' e COTIUAHÚ.

Alguns viajantes illustres têm percorrido e estudado este rio, que o Dr. Alexandre Haag visitou, escrevendo a respeito minucioso relatorio. As distancias miliares ahi estão bem determinadas, por elle. [1]

JAUAPERY.—As suas nascentes são pouco conhecidas; é habitado pelos bravios *Jauaperys*, que até a pouco tempo não consentiam o ingresso dos civilisados. As hostilidades que sempre fizeram esses indios, têm impedido a sua exploração. Não obstante o temor de o penetrar, o presidente Dr. João Dias Vieira mandou reconhecel-o pelo major Manoel Ribeiro de Vasconcellos. Em relatorio que apresentou diz ter explorado alguns dos seus affluentes, affirmando serem as suas margens cobertas de mattas abundantes em madeiras de marcenaria, plantas medicinaes, castanha e borracha. «A terra é preta, diz elle, a melhor que se conhece para toda a sorte de lavoura e nella se descobriu um extenso cacoal...» [2]

O Jauapery tambem foi explorado pelo sabio botanico brazileiro, Dr. Barbosa Rodrigues, que ahi encontrou e classificou muitos typos novos da flora amazonense. O rio não é todo navegavel, pois que algumas cachoeiras o obstruem. O Dr. Almeida Braga, que recentemente o percorreu, levantou-lhe uma planta, o unico trabalho que dá ligeira idéa do Jauapery.

Para catechisar os selvagens e completar a exploração delle, abrindo-o assim á acção commercial, excellente transmissora da civilisação, o governo do Estado concedeu privilegio ao capitalista sr. Joaquim de Paula Antunes, para por 20 annos, colonisal-o e ahi estabelecer commercio. Privando já com os indios, existem lá actualmente 60 homens.

São ainda affluentes do rio Negro: UARIAHÚ, ANAVILHANA, CUIEIRAS TARUMAN-MIRY e TARUMAN-GRANDE, todos de insignificante valor geographico

Uatumã.—Lança-se no Amazonas, abaixo de Silves. O seu curso é interrompido por muitas e alterosas quedas, que o tornam improprio á navegação. Tambem foi explorado pelo Dr. B. Rodrigues. Recebe o JATAPÚ, seu maior tributario.

Apesar de achar-se perto de Manáos e nascer na região do *divortium aquarium* dos rios que correm para o Negro e Amazonas, é pouco estudado, não se podendo ao certo, julgar de sua extensão. O paraná de Silves despeja-lhe as aguas e fal-o communicar com o URUBÚ', que fôra visitado por Pedro Favella, em 1664.

Paranás e ***furos.***—Por serem geralmente baixas as terras que marginam o Rio Mar e os seus affluentes, são cortadas por braços de rios que se communicam entre si, assim como os lagos.

---

[1] *Relatorio* á presidencia, de 10 de Julho de 1856.

[2] Vide artigos sobre o Rio Branco, pelo general Jacques Orique publicados no *Amazonas* de Outubro de 1905.

Alguns são permanentes, recebendo o nome de *paranás*; os que desapparecem com o escoamento das aguas denominam-se *furos*.

Entre os principaes tem o Estado os seguintes: IACURAPA', que liga o Solimões (abaixo de S. Paulo de Olivença) ao Içá; AUATY-PARANA', por onde a Colombia quer fazer passar os seus limites com o Brazil, communica o Solimões ao Japurá, onde despeja as suas aguas; MAHAPARANA', que estabelece communicação entre aquelles dois rios e corre parallelamente ao precedente; GUARAPU', abaixo destes; das LONTRAS, que se liga com o grande PARANA' DE CODAJA'S, ao lado esquerdo do Solimões, passando por uma serie de pequenos lagos e fazendo o baixo Japurá communicar-se com o lago de Codajás, que por sua vez vem desaguar no Solimões. Esse paraná, notavel por sua extensão, recebe os de CUHIU'-CUHIU', MANANA, MANANY, JUSSARA, BADAJÓS, ACARA', etc.

O furo do *Puraqué*, entre o rio Coary e o Solimões; entre este e o Purús, os paranás de CUIUANA' e SALSA; AYAPUA', do Purús ao lago desse nome; TAMANDARE', entre o lago do Berury (quasi á emboccadura do Purús) e o Solimões.

O CAREIRO, separando a ilha deste nome, ligando dous pontos do rio Amazonas, á margem esquerda, bastante extenso e navegavel por pequenas embarcações.

O AUTAZ, entre o Madeira e o Amazonas, começa acima de Itacoatiára e desagua perto de Borba. O CANUMÃ e RAMOS, nos quaes desaguam muitos rios, fazem ainda a communicação entre o Madeira e o Amazonas e formam a immensa ilha de Tupinabarana. Do lado opposto existem os paranás de SARACA', SILVES e CAPELLA.

O CABURY liga o Nhamundá ao Amazonas, lançando-se acima de Parintins. O MATURACA' liga o rio Cababury ao Cassaquiáre, no alto Rio Negro.

No Purús ha os de CAINAHÃ, CURA'-CURA', ANAJATUBA, JARY, SURARA' etc.

No Juruá, MARY-MARY, TUCUMÃ, ARAPARY, BURE'S, MINERUA', GUARA', etc.

São pouco conhecidos os muitos furos, que existem entre os rios e lagos do Estado; em geral elles estendem-se por baixos de vastos igapós.

O numero de *paranamirys* é extraordinario, dando escoamento aos milhares de pequenos lagos que cobrem a região amazonica.

Lagos.—Impossivel é mencionar os nomes de todos os lagos do Estado; existem em tão grande numero que, sós, dariam uma longa relação. Indicaremos os mais conhecidos.

Ao lado direito do Solimões e Amazonas: MARACANA', CAMPINA, CUPARA', ADY, CURAUA', CATUA', CAMARA', COARY, AJURA', MANAQUIRY, PARATARY, JANAUACA', CURARY, JUANICO, do REI, AUTAZ, ARARY, etc., á esquerda: PRAIA GRANDE, JACARE', YAUACACA, AMANA', COPEA', BADAJÓS, JUSSARA, TROCARY, das ONÇAS, MIUA', CODAJA'S, MORERU', ANORY, ANAMÃ, AJARATUBA, MANACAPURU', MIRITY e CALLADO.

No Juruá, á margem direita: YAINU', APUPAHA, MARARY, JAUARY, PUNGA, da ONÇA e ANDIRA'; á esquerda: ARACUAN, MAPURUNY, OCOA', CANUMA', XIBAUÊ, ANIQUIXY, RATO, MARY-MARY e PATO.

A' margem direita do Purús: CARAPIRY, PENERY, TACAQUERY, SAMOARY, PAMA, ITUMIA', ARUDA', MACIACA', MINOA', TAMANDUA', MAUARY, TAUAMIRY, MACACO, JARY, TAPURU', PARICATUBA, UBY, SURARA e BERURY; á equerda:—MAPIA', SAMOARY, SUPIA', MARAPIA', YAPA', UABUNINY, CUMARY, ACURIA', YTAPA', PADARA', PIRANHAS, PAPIRY, UPACA', MACURIPARY, ABUFARY, PIRAIAUARA, AYAPUA', UAUASSU' e S. THOME'.

A' margem direita do Madeira: — TUCUNARÉ', CURICACA, JACARÉ', POPUNHA, S. ANTONIO GRANDE, MIRITY, MORUCUTUBA, MATAMATA', CAUA', MACACOS, TABOCA, GUARIBA e SAMPAIO; á esquerda: — TAMANDARÉ', JOÃO BEHON, CARAPANATUBA, JURUA', CASTANHAL, ACARA', YAUNY, CAPANA', CURUA' e ARARY. [1]

A' margem esquerda do Rio Branco:—UAIA', CAPITARY, ARICURA, BOIUSSUY, PESQUEIRO e MAUARY; á direita:--do REI, UAJARANA, JACARÉ', MOSSU', CURUA', CURIMAU' e CUARENY.

No Japurá, á direita: — ERITARÊ, MARIA', MAPARY, MARYMARY; á esquerda: — ACUTYPURU', MUTUM, YORPIA', CAMAPY, YTAYARANY, TAPIRA e JACARÉ'.

As margens do rio Negro não são abundantes de lagos.

---

[1] As dimensões de alguns desses lagos estão descriptas no *Relatorio* de J. M. da Silva Coutinho, 1861.

CAPITULO III

Ilhas.—Os rios do Estado são cobertos de milhares de grandes e pequenas ilhas, das quaes muitas, na epoca da enchente, submergem e até desapparecem para surgirem mais abaixo.

São estas as principaes.

No Solimões: ARAMAÇÁ, UCAYALE, JAYAR, CAPIABY, CAYARY, JURUPARY, APARÁ, MARACANATUBA, TAPEENDUBA, ALGODOAL, JACURUPÁ, PRAIA GRANDE, CATURIÁ, AMATURÁ, JAVARY, PANELLA, MARANAPY, BARARUÁ, ENVIRA, URVATUÁ, TURURY, URACATUBA, MANHANA, PALHETA, COATY, JACARÉ, JAUARETÊ, CATUÁ, YACITÁRA, TUCUMAN, CAMARIÁ, INUÁ, ACARÁ, TIPITY, URANANACOÁRA, GUAJARATUBA, PIRIQUITO, PARATARY, MARRECÃO, PACIENCIA, das FLEXAS, MURAS e XIBURENA.

No Amazonas: CAREIRO, TERRA NOVA, ONÇAS, ESPIRITO SANTO, YAUA'RA, MURUXY, AUTAZ, TARTARUGUINHAS, MADEIRA, TRINDADE, SERPA, URUCURY, PACOVAL e a immensa ilha de TUPINAUBARANA, formada pelos paranás de Urariá e Ramos.

No rio Japurá: JAVARY, ILHA GRANDE, MARYMARY, etc., etc.

No Rio Negro: SACADO, CAJUTUBA, BOIUSSÚ, do SILVA, COSME, GAIVOTA, JACYTÁRA, JACARÉ, das ONÇAS, CUNHÃMUCÚ, JAUAPERY, CASSANÁ, CABIBY, SAPUCAIA, CABORY, PIRARUCUPIREIRA, PEIXE-BOI, ARIRANHA, TOCANDEIRA e UCAYARY, formada pelos dois braços do Vapés e Rio Negro. [1]

No Madeira: RIOSINHO, S. JOSÉ, MARACÁ, ACHINA, TROCANA. MANDITY, GANCHOS, JACARÉ, JOSÉ JOÃO, ARÁRAS. URUÁ, MATAURÁ, GENIPAPO, VISTA NOVA, ONÇAS, MARMELLOS, ESPIRITO SANTO, CARARÁ, BOTO, POPUNHAS, ABELHAS, CAPITARY, UÊPURANGA e MUTÚNS. [2]

Orographia.—O Amazonas, sendo um immenso valle quasi *plano*, não possue nenhuma montanha; apenas ondulações do terreno, separando as vertentes de alguns tributarios do *Rio-Mar*, constituem serras ou collinas que não passam de 400 metros de altura. A parte septentrional tem mais depressões que a do sul. As de maior altitude são as que separam o Brazil da Colombia e Venezuela: CAPARRO, PIRAPUCÚ, IMERI, TAPYRA-PECÓ, PARIMA, PARACAUNA e RORUIAMA.

Na região do alto rio Negro ha, entre outras, as serras PITUNA, GURICUYARI, UAMECO, CABO Frio, PANELLAS, JACAMIM, CUCUHY e do TUNUHY, «onde nasceu (diz a lenda Tupy) o terrivel Jurupary.» [3]

---

[1] Da *Climatologia medica*, pag. 13.

[2] Idem, obra citada.

[3] Dr. Hermenegildo de Campos, obr. cit.

No rio Branco: ARARICOÁRA, TUCANO, MARACACHÊTA, da LUA, SURUMÚ, JAUARÁ, CASTANHA, CONCEIÇÃO, etc. Pertencia ao Estado a serra de CUANO-CUANO, que passou á Guyana Ingleza.

No Japurá: CUPATY e APAPORIS, banhada pelo rio desse nome.

Entre o Pará e o Estado do Amazonas ha a de PARINTINS.

Producção.—As mattas amazonenses fornecem toda a riqueza ao Estado, consistindo quasi e exclusivamente na extracção de productos naturaes. A gomma elastica é o genero de maior importancia, tanto pela quantidade como pelo valor que tem. Seguramente dois terços da população do Amazonas occupam-se nesta industria, que mantem, nelle, a fonte de grande receita e é a origem de sua prosperidade.

Todo o valle amazonico está coberto de floresta de *syphonia elastica*, produzindo mais de mentade da que annualmente apparece em todos os mercados consumidores.

Compare-se a producção crescente da *borracha* (nome vulgar) colhida aqui com a do resto do mundo, desde o anno de 1893 a 1900, e ver-se-á a vantagem da nossa principal riqueza, em kilogrammos. [1]

ANNOS	1893	1894	1895	1896	1897	1898	1899	1900
Valle do Amazonas.....	19.129.862	19.473.680	20.769.874	21.601 874	22.536 322	21 907.007	25.430.009	26.747.653
Productos de outras partes do mundo.....	30.566.446	30.435.401	32.954.740	34.757.657	38.422.233	44.028.621	47.651.493	51.301.213

A exportação deste producto, sahido pelo porto de Manáos, comprehendendo a de cabotagem e transito, é maior que a exportada por Belem.

Em 1893 sahiram do valle do grande rio, abrangendo os paizes limitrophes 32.392.942 k., dos quaes somente do territorio brazileiro foram 30.334.476; destes ao Amazonas pertenceram 16.493.337 e o restante ao Pará, conforme a obra «O Amazonas», pelo Dr. L. Gonçalves.

Admira este accrescimo de producção comparada com a que o Estado (então Provincia) exportava alguns annos antes.

Durante o periodo de 1858 a 1862 a exportação attingiu apenas a 997 toneladas; no mesmo espaço de tempo de 1876—81 elevou-se a 12.280 kilogrammas!

N'esta progressão crescente até agora, tem continuado a producção da borracha amazonense. Comprehendendo a de transito e exceptuando a de Iquitos, foi esta a quantidade passada pelo porto de Manáos, de accordo com a estatistica organisada ultimamente pelo *Banco Amazonense*, contando-se por safra (de 1.º de julho a 30 de junho do anno seguinte):

1902—1903	1903-1904	1904—1905
17.419.235 k.	17.741.019 k.	20.045.834 k.

São estas as denominações dadas pelo commercio ás diversas especies de borracha: *fina, entre-fina, entre-fina fraca, sernamby, caucho* e *sernamby de caucho*, cada uma dellas tendo uma cotação especial.

[1] Vide Augusto Plan, *L'Amazonie*. A producção total attinge actualmente a 60 milhões de kilogrammas!

Incluindo ainda a gomma elastica são estes os outros productos do Estado, constantes dos despachos officiaes da Recebedoria estadoal, de 1901 á 1904 :

QUALIDADE	1901	1902	1903	1904
Borracha, k.	16.851.343	13.262.816	15.786.327	13.122.817
Cacáo, k.	3.600.968	445.457	265.261	484.981
Pirarucú, k.	471.298	237.953	318.665	266.011
Castanha, hect.	37.969	70.051	60.360	60.639
Oleo de copahyba, k.	7.394	8.222	12.100	8.535
Piassaba, k.	210.016	281.744	272.613	50.829
Pennas de garça, k.	0,39	13,073	30,180	35,042
Couros de boi, k.	109	166.532	356.664	343.804
« « veado, k.	2.485	2.450	3.78ℰ	5.280
« « carneiro, k.	—	140	—	549
Puxury, k.	822	844	—	—
Cumarú, k.	7	793	936	—
Mixira, latas	505,5	46	—	186
Salsa	4.944	1.172	1.092	564
Manteiga de tartaruga	139	429	—	—
Guaraná.	678	5.804	3.337	1.909
Tucum	40	—	—	—
Sebo	—	6.300	—	38.775

Estas cifras não representam o total da producção, pois que os contrabandos que lesam o Estado e os generos de consumo interno, não tendo despacho, não se pode avaliar da sua quantidade.

Como se vê, estes productos variam, em abundancia, principalmente a castanha, havendo epocas que a producção attinge a mais de 130 mil hectolitros. No corrente anno (1905) mais de 99 mil já foram transportados para as praças consumidoras.

As mattas fornecem ainda magnificas madeiras de marcenaria e construcção; o solo é proprio para a cultura de plantas dos climas calidos.

Os cereaes, que nas terras altas precisam de um anno para serem aproveitados, nas *varzeas*, de uma fertilidade proverbial, gastam apenas seis mezes.

Não ha actualmentente producção mineral.

Indigenas.—Ainda é o Estado habitado por muitas tribus, como no tempo das primeiras expedições.

O trabalho de catechese, ha mais de dois seculos, está chamando ao gremio da civilisação esses pobres aborigenes amazonenses, outr'ora numerosissimos. Pela vastidão do paiz em que vivem, em grande parte inexplorada, não foi possivel até agora, extinguil-os pela mixtura com a raça dominadora. Comparativamente alguma cousa tem-se feito; as hordas nomades, se não estão totalmente sujeitas aos *brancos*, ao menos os toleram e prestam-lhes seguro auxilio. Doceis algumas, refractarias outras, domaveis quasi todas, n'um futuro muito proximo, não existirá um só representante das intrepidas nações indigenas, no Amazonas. Em muitos logares do Estado, em povoações e villas, co-

nhecemos já filhos de indigenas sabendo ler e escrever a lingua portugueza, sem desprezo da tupy-guarany ou *lingua geral*. Aquellas que não se amoldam aos novos costumes que se lhes quer dar, afastam-se das margens dos rios transitados, passando a viver nos lagos e igarapés centraes. A' medida, porém, que a necessidade da industria extractiva cresce, são elles incommodados pelos exploradores de seringaes e então passam a prestar-lhes os seus serviços, nas aberturas de *estradas* e informações de logares onde existem as riquezas ambicionadas.

Pode-se affirmar que é devido aos selvagens a facilidade da descoberta e exploração dos productos das mattas, d'aqui. Excellentes *guias*, rompem as selvas, em que habitam, em distancia de leguas, chegando, por um instincto natural, ao ponto desejado. Donde veio para o Estado do Amazonas esta raça de homens intelligentes ?

Está demonstrado que não são autocthones e não temos a pretenção de tal discutir. Ahi estão as obras de B. Rodrigues, Wappeus, Thoron, S. Coutinho, etc., etc.

A semelhança physionomica, as reliquias que conservam, as palavras contendo raizes hebraicas, phenicias, etc., fazem-nos crer na asserção dos sabios, á vista dos restos dessa civilisação dos *incas*, que Cortez e Pizarro extinguiram.

As circumstancias mesologicas, taes como o clima e a alimentação, modificaram os traços caracteristicos de algumas nações, provindo d'ahi a desconfiança a favor do polygenismo americano. Mesmo no Amazonas predomina este facto, que os anthropologistas explicam acreditando na immigração asiatica. [1]

E' incontestavel que a população actual, propria do valle amazonico, provem do cruzamento com os selvagens e, por isso, tem o sangue dos seus ancestras.

Todos elles adoptam o mesmo modo de vida que os demais do resto do Brazil; vivem em aldêas (malocas), caçam, pescam e plantam a mandioca, macaxeira, bananeiras, etc. São em geral ociosos, mas harmonisam-se facilmente com os civilisados.

Pertencem as tribus do Amazonas ao grande grupo dos *Tupys* do Norte, cujos representantes são actualmente, neste Estado:

« *Acanga-pirangas*, *Aráras*, *Arowahs*, *Canamarys*, *Carapanás*, *Catianas*, *Curêras*, *Ipurinas*, *Jamamadys*, *Jamamarys*, *Jarús*, *Jumas*, *Jauaperys*, *Macuxys*, *Macús*, *Mayorunas*, *Mancterys*, *Manibas*, *Muués*, *Mundurucús*, *Muras*, *Pamanás*, *Pamarys*, *Paravilhanas*, *Parintintis*, *Porocotós*, *Simirys*, *Tarianas*, *Ticunas*, *Turás*, *Tymbiras*, *Tucanos*, *Uapichanas*, *Urupas*, *Wirpes*, etc., etc. [2]

E' difficil determinar os caracteristicos de cada uma destas tribus, pois que variam não só de grupo para grupo como de individuo para individuo, havendo até contrastes na mesma familia. Uns são altos, esbeltos, fortes, dextros, de côr morena e quasi escura, vivendo errantes, constituindo poucas vezes residencia permanente á margem de lagos e rios, taes são os *jauaperys*; outros de estatura mediana, grossos, feios, indispostos para o trabalho, vivendo sempre em canôas, pouco amigos da agricultura e immigrando para um e outro ponto do Estado, taes são os *muras*, que contam ainda muitas tribus.

---

[1] "O indio teve, dentro das suas proprias interferencias ethnicas, transformações profundas e incontestaveis, já physicas, já sociaes, já geographicas." Dr. Zeferino Candido. *Brazil*, pag. 46.

[2] Obr. cit., pag. 100.

Os *ipurinas* são brancos; os *paumarys*, pintados de branco e pardo, cujo distinctivo não é effeito de tatuagem, possuem-no naturalmente. Os *miranhas*, de olhos obliquos, face larga e chata, malares bem salientes, pouca barba, lembram o typo mongol.

Finalmente, os traços mais salientes que se pode notar, nesses indios, são: estatura regular, côr parda, cabellos lisos e pretos, testa curta, nariz chato (não tanto como dos africanos, da Hottentotia), pés e espaduas largas e pouca barba.

Cada tribu tem o seu dialecto particular (giria) e todos conhecem a lingua tupy guarany, que elles denominam *geral*, ainda muito fallada pelos naturaes do rio Negro.

Todos os selvagens têm costumes que lhes são proprios; possuem a idéa de Deus e veneram aos pagés, seus oraculos; enterram aos mortos (sendo amigos) e dispensam-lhe honras funebres. Algumas tribus não perdoam os adversarios, que, prisioneiros em caso de guerra, servem de iguaria nos banquetes infernaes, em homenagem á victoria alcançada. No Estado são apenas os jauaperys e parintintins, as unicas antropophagas; os demais indigenas são inoffensivos, pois que possuem uma indole docil, compassiva e generosa.

> « Por mais que com assombro se falle do Amazonas, e por melhores que se façam as descripções da sua grandeza e de tudo quanto a natureza tão fecunda se esmerou de pôr em seu seio, para bem e admiração dos homens, só entrando-se por elle é que se pode avaliar o que é, e o que contem em si e o que pode vir a ser.»
>
> *J. B. F. Tenreiro Aranha*—1852.

Natureza.—Parecerá sempre suspeita a nossa asserção a proposito das prodigalidades da natureza amazonense; como filhos do Amazonas, conhecedores das suas fontes de recursos, que desafiam a cobiça de quantos estão acostumados a ver a miseria nas ruas de Londres ou Paris, esforçar-nos-emos por deixar á outrem a liberdade de linguagem. Synthetisamos somente o que se patentêa á vista de todos. Arrastados mesmo pela surpresa do encanto, saberiamos exaltar, sem paixão, a grandeza desta delle, onde milhões de homens podem viver na abastança, ás expensas do que o solo offerece ás necessidades da vida.

Longe do oceano, o homem aqui tem outro sobre cujas aguas vive, aurindo os productos para sua subsistencia, não lhe dando cuidado o dia *d'amanhã*, o que não succede na velha e esgottada Europa. O celeiro que encontra ao seu dispor, fal-o até indolente. Certo, não precisa de esforço para gosar das vantagens naturaes; ao alcance do seu braço, as mattas lhe fornecem bôa variedade de caças; os rios são a sua farta dispensa.

A natureza, parece-nos, torna o homem imprevidente, quando lhe reparte demasiado quinhão.

Situado na zona torrida, mas em terrenos banhados pelo grande rio e seus affluentes, os reinos da natureza se patentêam ahi em toda a sua pujança, como em parte alguma do mundo. Vejamos.

« Não podiam ser mais copiosas, diz Araujo Amazonas, variadas, lisonjeiras e proficuas as producções, que o reino vegetal ahi deparou ao homem em satisfação dos seus misteres e prazeres. Em nenhuma outra parte se admiram arvores tão elevadas e corpolentas.»

O naturalista encontra vasto campo para as suas observações. Barbosa Rodrigues, Ferreira, Humboldt, Wappeus, etc., enriqueceram a zoologia e a botanica com as descobertas e classificações que fizeram. E pode-se dizer que a sciencia ainda não conhece todos os exemplares que a variadissima flora e fauna amazonenses lhe apresentam. Os productos hybridos são vulgares aqui.

Para a medicina, marcenaria, construcção naval e civil, tinturaria, etc., as mattas estão repletas de recursos. As plantas aromaticas e oleaginosas são communs. Todas, porém, pouca extracção têm, o que acontece com as madeiras, que preferimos importar do estrangeiro, apezar da superioridade das nossas. A falta de serrarias, a ausencia de braços empregados nessa industria — eis o motivo da elevação do preço dellas e da preferencia ao pinho de Riga, ao acapú do Pará, etc.

FLORA. A caracteristica das florestas virgens, no Amazonas, é o seu aspecto grandioso, a abundancia de palmeiras de typos variados e a rede de cipós entrelaçando as arvores, tornando, ás vezes, as selvas impenetraveis. Quanto mais proximos dos rios, mais se accentua esta particularidade. A abundancia das lianas da Africa, que embaraçavam Capello e Ivens em sua viagem de exploração, fica aquem da do valle amazonico. [1]

E não se pense que existe pobreza em certas classes; não, pois os sabios ainda não disseram a ultima palavra a respeito de todas. Wappeus, que fez longo estudo dos principaes especimens de cada uma, affirma não haver, no Amazonas, os *cactus* e as *malvaceas*. Em abono da nossa riqueza florestal, podemos dizer ao contrario.

De duas especies são as mattas, neste Estado: os *igapós*, em regiões baixas, alagadiços, onde medram os vegetaes de menor duração, e as *florestas* virgens, em terrenos altos, e em geral, nas planuras que separam as vertentes dos rios e igarapés. Estas apresentam modificações; a medida que se vão afastando das margens, os arbustos desapparecem para darem logar ás arvores colossaes, de grossos troncos, formando espessos bosques, sombrios e sem uma unica clareira. Na parte mais alta ainda, onde o declive começa a se manifestar para o lado opposto, sem que mudem de familia, são as arvores menos elevadas, menos frondosas. Ha ausencias das lianas.

A terras marginaes aos rios, quando descobertas na epoca da vasante, vestem-se de gramineas, dando em certas partes a apparencia de campos naturaes e perpetuos, o que concorre para realçar a bella perspectiva dos igapós, á beira dos rios. As *imbaúbas* (cecropia peltata), de folhas verdes na pagina superior e brancas na inferior, limitam a separação das mattas que se afastam das margens.

Vejamos alguns dos principaes typos do reino vegetal. [2]

Entre as madeiras de construcção naval e civil existem: a *itaúba preta* de que se construem embarcações que duram 35 e 40 annos; a *itaúba amarella* propria para soalho; o *angelim, bacury, cupiúba, cedro, louro,* (de diversas qualidades), *jacareúba, massaranduba* (muito rija), *sucupira, piquiá, castanheiro, páo amarello, sapucaia, páo-roxo, páo d'arco, acapú, guariuba, matamatá, jutahy, acaricoára* (que dura, em construcção, um seculo), etc., etc.; para a marcenaria: *muirapinima, páo-setim,* o *rosa, limãorana, cedro* preto (raro), *macacauba,* etc.

Entre as plantas medicinaes: *guaraná, salsa parrilha, andiróba, mururé,*

---

[1] Capello e Ivens. *De Benquella ás terras de Iacca,* 1.º vol.

[2] Damos preferencia aos nomes porque são vulgarmente conhecidos.

puxury, sucuba, càrrapato, anany, ucuúba, cataurê, copahyba, herva cidreira, abutua, gapuhy, tamacuaré, muirapuama, café-rana, gengibre, arruda, etc.

Encontram-se tambem plantas aromaticas, taes como: *baunilha, canella, japana, cumarú, periperióca, curimbó, trevo roxo, guapuhy, páo precioso, paticholy,* etc.

Para a tinturaria: *anil, carajurú, cumaty, macucú, caapiranga, urucú, tatajuba, muricy, mangarataia,* etc.

E' a região mais rica em palmeiras: *tucumam* [1], *assahy, jauary* (ou *yauary*), *inajá, uauassú, patauá, popunha, cayaué, bussú, bacaba, piassaba, tucum, mucajá, coqueiro, murity, murumurú, pachiuba,* etc.

Em fructos e raizes alimenticias tambem é abundante; seria ocioso mencional-os. Os selvagens usam muito a *macaxeira* e o *ariá,* tuberculos que elles cultivam com esmero. Plantam as *flexeiras* de cuja haste fazem as suas armas de guerra, as quaes tambem lhes servem para a coça e pesca.

FAUNA. O Amazonas constitue uma das tres regiões em que Wappeus dividio o Brazil para estudar os seus animaes, dizendo que estes se differenciam muito dos outros das demais zonas, por seus caracteres e habitos particulares. E até notou distincção entre os que vivem á margem direita do Amazonas dos que habitam a esquerda. Das 32 especies de *borboletas* que encontrou, somente que tres eram communs ás outras regiões do Brazil. Certo, ha multiplicidade de familias que não se caracterisam nem pela grandesa descommunal do seu porto, como se vê na Africa, nem pela exquisitice das formas. Muitos delles são semelhantes aos seus congeneres de outras partes; nem existe alguns que, por lá, vivem. O clima e outras circumstancias mesologicas não consentem que, como na *arca de Noé,* o Amazonas concentre todos os typos animaes.

Na classe dos mammiferos as familias são notaveis, sendo todos de pequena ou mediana estatura; é ella abundante em *simios* (macacos), cujas especies se elevam a mais de 50. Os simios, diz Wappeus, levam vantagens aos seus irmãos do antigo continente. Andam em grupos e associam-se facilmente ao homem. A fauna amazonense tambem se caracterisa pela ausencia de animaes ferozes; os jacarés (saurios) são timidos e por isso inoffensivos, differentes dos terriveis crocodilos africanos; a propria onça *(felis)* não victima ninguem. E' realmente um prodigio existirem conhecidas no Estado 14.712 especies sem que, ao menos algumas sejam prejudiciaes, á excepção das cobras *(ophidios),* que menos damnos causam aqui do que os da India, onde metade ou cerca de uma terça parte dos obitos provêm de mordedura desses perniciosos animaes.

A ausencia de ferocidade e a falta de immigrações são caracteristicos da fauna amazonense. Seria fastidioso repetir aqui as descripções de Bates, que encontrou 8.000 especies novas, Humboldt e Wappeus. Synthetisemos, pois, alguns grupos, apresentando, em maioria os nomes vulgares porque os principaes typos são mais conhecidos.

(2) Crustaceos: jacaré *(caiman sclerops, niger, aprocephalus, etc.),* tartarugas *tchelonianos, emys amazonica),* tatú *(dasypoda),* jabuty *(testudo tabulata),* matamatá *(chelys fimbriata, etc,)*

Quadrupedes: onça (diversas especies), tamanduá *(myrne cophaga jubata),* anta *(tapirus americanus),* capivara *(hydrocherus capibara),* paca *(cotogenis paca),* porco *(dicotyles* de algumas especies*),* cachorro do matto *(jubatus),* veado *(cervus paludosus, rufus, camprestis, etc.),* coati *(nasua socialis)* etc., etc.

---

[1] Classificado pelo Dr. B. Rodrigues, « astricarium barbosae ».

(2) Esta classificação é erronea; apenas apromitada do Dicc. de Araujo e Amazonas para mostrar a relação dos typos da fauna do Estado. a Nota do Autor.

Quadrumanos: guariba *(stentor, sinia mycetes)*, coatá *(atelis marginatus* e *paniscus)*, barrigudo *(casteluavii* e *cauus)*, chorões *(cebus cuculatus, cirrifer, gracilis* e *rubustus)*, branco *(midus bicolor* e *labiatus)*, da noite *(pithecia nigra, saturune, etc.)*, preguiça *(tordigrada)* etc.

Reptis: camaleão (*saurio iguana viridis* e *teus)*, cobras *(ophidios* de muitas especies*)*, jararaca *(trigonocephalus)*, sucurujú *(boa scytale)*, sapos *(batrachios,* de diversas especies).

Aves: aquaticas—pato *(anas nuschata)*, marreca *(anas viduata)*, mergulhão (*plotus anhinga*) etc. etc.; trepadoras—papagaio (*psittacus,* 7 familias), arára (*aras macrocercus*), piriquito (*psittaculo*); cantoras—japün (*icterus femuralis*), sabiá (*mimus lividus* e *saturninus*), patativa (*fringilla plumbea*), ferrador (*casmarrhincus undicollis*), pipira (*manakins* , joão de barro (*furnarius fufus*); sahi (*tanagra anneaphilla*), pomba juruty (*peristelus frontalis*) etc; rapina—urubú (*cathartes* brasiliensis e *foteus*), gavião (*polyborinæ*), caracarahy, cauré, acauã (*herpetolheres cachimaus*), urubutinga (*falco urubitinga*), etc; de bella plumagem—tangará (*tanagra*), beija flores (*trochilus,* de 59 especies), anús (*crotophaga*), tucano (*rhampastus*), araçarys (*pteroglossus*), japú *cassicus cristatus*) etc.; entre as aves ribeirinhas notam-se: garça (*ardea egretta, candissina, tigrina etc.*), ariramba (*alcedo americana*) pavãosinho, piaçoca (*parra jaçana*), jaburú (*mycterio americano*), maguary (*cigonia maguary*), guará (*ibis rubra*), maçarico (*calidris orenaria*), etc; entre os gallinaceos: jacamin (*psophia crepitaus*), jacús (*penelope superciales* e *cristafa*), mutuns (*crox*), inambú (*crypturus*), cigana (*opistocumus*), aracuan (*penelope aracuan*), saracura (aramides) etc. etc.; são noctivagas: corujas (*strigidæ*), bacuraus (*caprimulgus*), carão (*aramus scolopaceus*) etc.

Cetaceos: peixe-boi (*manatus* americanus), boto (*phocena* brasiliensis) etc.

Peixes: curimatã (*schizodon fasciutus*), pacú *prochilodus argenteus* , sorubins (*plastitsoma*), tarihyra (*syodus*), acará (*chromis acara*), pirarucú (*vastres gigas*), tucunaré (*cichlo tucunaré*) arananã (*osteoglossum minus*) etc., etc.

Insectos: E' grande a variedade destes que são conhecidos vulgarmente pelos nomes de: aranhas, abelhas, cabas, borboletas, bisouros, centupeia, formigas, gafanhotos (acridiode), põe-mesa moscas, etc., etc., cada um delles tendo familias e especies diversas. E assim é a fauna do Amazsnas em todas as classes, maxime nas dos peixes, calculando em 2.000 especies.

Um naturalista contou no pequrno lago de Janauary mais de 200, numero maior do que todos os rios da Europa.

A população do Estado encontra, portanto, nesta riqueza que as aguas encerram, uma inexgotavel fonte de recursos; os lagos de criação ictyophaga bordam as margens dos affluentes do grande rio.

Quanto aos passaros, outro tanto podemos dizer, pois que elles fazem a belleza e o luxo da natureza amazonense.

Reino mineral: Nada se pode affirmar a proposito deste; o que se dizia ha mais de cincoenta annos, deve-se repetir hoje: está reservada a gloria da exploração do reino mineral, no Amazonas. Contendo terrenos de formação dos periodos terciario e quartenario, dos quaes algumas de suas epocas d'Orbiny não poude determinar, pela ansencia de fosseis caracteristicos, é presumivel que a natureza, na disposição e estructura do solo, aqui, prodigalisasse tambem os seus dous. Nas regiões dos rios Branco, Negro, Jatapú e Japurá, tem-se encontrado vestigios de mineraes uteis.

CAPITULO IV

Cidades, villas e povoações

Manáos.—E' esta cidade a capital do Estado; está situada á margem esquerda do rio Negro, a 18 kilometros da confluencia deste com o Amazonas. Em terreno accidentado, n'uma altitude de trinta e dois metros e quarenta centimetrosacima do nivel do mar [1] o seu aspecto é nobre, de uma cidade moderna, na qual as casas são altas, as ruas bem traçadas e largas, exceptuando na parte mais antiga, que vae soffrendo modificações e desapparecendo pela substituição dos seus predios sem belleza, nem hygiene, por outros elegantes e confortaveis. Sua situação astronomica, segundo os dados officiaes, fornecidos pelo Observatorio que, nella, mantem o Governo, é 3°-08'-30" Lat. Sul; 16°-49'-43" O. do Rio Janeiro.

O porto de Manáos é actualmente o melhor do Brazil, depois dos melhoramentos que se têm feito; póde conter milhares de embarcações de grande calado, pois que offerece largura e profundidade sufficientes. [2]

Começou esta cidade no seculo XVII com a fundação da fortaleza de S. José do Rio Negro, em 1669, por Francisco da Motta Falcão, da qual foi primeiro commandante Angelico de Barros, que procurou reunir ahi os selvagens das tribus *manáos, barés* e *passés*. Depois de estabelecida Mariuá, a fortaleza de S. José era o ponto preferido por aquelles que ahi aportavam, em demanda da séde do governo da Capitania. Situada em posição mais vantajosa que Mariuá (Barcellos), parecia mais conveniente a mudança da capital; foi o que fez Manuel da Gama L. d'Almada, terceiro governador da capitania de S. José. O desenvolvimento, que logo experimentou, era patente aos olhos de todos. Animado como estava e estimulado pela prosperidade que creou, Lobo d'Almada foi intimado pelo capitão general do Pará a restabelecer o goveruo no primitivo logar, facto este que o contrariou tanto, causando-lhe a morte pouco tempo depois de ter cumprido a absurda ordem. A fortaleza de S. José, definhava, perdendo até o seu nome, que passou a ser *Logar da Barra* ou *Barra do Rio Negro.*

Mais tarde foi-lhe restituida a honra que perdera por duas vezes, porquanto reconheceu-se que outra melhor localidade não existia para assentar os fundamentos de uma cidade, promittente de um bello futuro. Com effeito, Manáos, nome tomado de uma das tribus que lhe deram origem, e conservado em vir-

---

[1] Alfredo Marc dá-lhe 21 metros de altitude.

[2] O rio Negro em frente a Manáos tem 35m. de profundidade.

tude da lei n.º 68 de 4 de Setembro de 1856, em troca ao anterior, continuou como séde da comarca do Alto Amazonas, depois como capital da Provincia do Amazonas e hoje do Estado, que guarda a mesma denominação. [1] Por seu espantoso progresso material, mereceu ser appellidada a «S. Luiz do Amazonas. [2] Araujo e Amazonas, em seu *Dicc.* descreve-a, em 1850, como tendo «uma praça e desesseis ruas, pela maior parte curtas e estreitas e ainda por calçar e illuminar». Paulo Morcoy, que a visitou anteriormente, dá-nos uma descripção da sua insignificancia. No entanto, hoje, póde rivalisar com as cidades mais commerciaes da America do Sul. O seu porto, que mede 35 metros de profundidade, é frequentado por uma das maiores flotilhas de commercio fluvial do mundo. Em Dezembro (1904) fundearam na bahia do Rio Negro 85 navios, sendo 72 nacionaes e 13 extrangeiros. Tres igarapés dividiam antigamente Manáos, em bairros distinctos, ligados por pontes de madeira; hoje estão todos aterrados, a cidade planificada em sua maior extensão. Muito têm feito os poderes publicos para conseguir este resultado. Fica distante de Belem cerca de 1713 kilometros. Em 1899 contava 20 mil habitantes; hoje sobe a 50 mil conforme o recenseamento mandado fazer no governo do Exm. Sr. José Cardoso Ramalho Junior. Tem magnificos edificios publicos e particulares, taes como o Theatro Amazonas, o Palacio da Justiça, o Gymnasio, o Palacio do Governo, o Instituto Benjamin Constant, as igrejas Matriz (Sé) de N. S. da Conceição e de S. Sebastião; o quartel de policia, a chefatura de Segurança, muitas escolas publicas, o reservatorio d'agua, etc., etc.

São recommendaveis pela sua segurança e belleza as pontes metalicas da Cachoeirinha e Cachoeira Grande.

Quasi todas as ruas são calçadas de parallelepipedos de granito. Depois que fôrem realisados os melhoramentos de esgotto, que actualmente se projecta, Manáos será em salubridade a primeira cidade do Brazil. Ha, nessa capital, 40 escolas publicas, um curso para BACHARÉS EM SCIENCIAS E LETTRAS, equiparado ao Gymnasio Nacional, uma escola normal destinada ao preparo dos professores primarios, collegios particulares, um instituto (o Benjamin Constant) para manutenção e ensino de 100 orphãos desvalidas, mantido pelo governo. Além d'isto existem em Manáos instituições de caridade, sociedades particulares e uma collecção numismatica, a mais importante do Brazil. O governo municipal em Manáos creou 4 escolas nocturnas, que são muito frequentadas.

Parintins.—Antiga Tupinambarana, [3] fundada em 1790 com o nome de Villa Nova da Rainha, em homenagem a D. Maria I, de Portugal, o qual foi posteriormente mudado pelo de Villa Nova da Imperatriz e finalmente por Parintins, em lembrança a uma tribu de indios que viviam ahi perto na serra, dessa denominação.

Foi o seu fundador José Pedro Cordovil, que reuniu no local os *maués* missionados por Frei José das Chagas. Está situada esta cidade á margem direita do Amazonas, em um terreno alto e plano aos 2º-37'-33"6 Lat. Sul e 56º-44'-18" O. Geew. ou 13º-34-56' O. do Rio de Janeiro. Parintins é séde do municipio e comarca, creada pela lei provincial n.º 82 de 24 de Setembro de 1858; é cidade desde 1881.

Assentada na parte occidental de uma grande ilha, limitada pela frente

---

[1] Manáos foi elevada á cathegoria de cidade pela lei provincial do Pará de 24 de outubro de 1848.

[2] *Le Brésil*, pag. 62.

[3] Nome da grande ilha em que está.

com o Amazonas, pelos lados com os furos do Limão e Limãosinho, que vão ter ao rio Canumã e paraná do Ramos, tem bôa apparencia, apresentando parallelas ao rio duas linhas de casas regularmente construidas.

Uma igreja de torres altas, de longe, salienta-se á vista do viajante que se approxima. O seu desenvolvimento tem-se accentuado hodiernamente.

Possue escolas publicas, população superior a 1.200 habitantes, tendo o municipio cerca de 15:000 que se occupam na industria extractiva do guaraná, borracha, copahyba, pirarucú, cacáo e tabaco.

Dos municipios banhados pelo Amazonas, é Parintins o que maior contribuição de impostos arrecada para os cofres municipaes. A estação fiscal que ahi mantem o Estado, para receber a importancia dos despachos de borracha e outros generos sahidos directamente para o Pará, tambem faz excellente arrecadação; assim foi que no anno ultimo (1904) entregou ao Thesouro estadual 46:357$395 réis. «Par sa position geographique, Parintins est destiné adevenir un centre commercial d'une grande importance». [1] Tem uma Associação do Commercio.

Itacoatiára.—Cidade prospera, situada á margem esquerda do Amazonas, em uma elevação do terreno, de 24 metros, distante da capital do Estado 110 milhas e quasi fronteando a fóz do Rio Madeira. *Pedra pintada* é a significação que os naturaes dão a palavra Itacoatiára. [2]

O seu porto é profundo, pedregoso, durante a baixa das aguas. O seu aspecto não é tanto para satisfazer, visto a distancia; mas uma vez em suas ruas, póde-se ver uma parte consideravel do rio, que junto ao alto barranco do porto, corre magestoso, arrastando os grandes cedros descidos do Madeira. Itacoatiára foi fundada por uma antiga missão catholica, que a estabeleceu á margem deste rio, mudando-a para outra parte, por causa dos ataques dos indios, ficando finalmente onde se acha. [3]

A sua povoação é de 700 habitantes. Tambem é séde d'uma comarca e municipio; foi elevada á cathegoria de villa em 24 de junho de 1858, pela lei n. 74 de 10 de Dezembro do anno anterior. Teve o titulo de cidade em 25 de Abril de 1874. Sua industria consiste em cacáo, tabaco, farinha, castanha e borracha. A serraria do activo industrial sr. Avelino Augusto Martins, ahi localisada, considera-se a melhor do Estado. E' Itacoatiara séde de uma Associação Commercial.

Labrea.—Está situada á margem direita do Rio Purús, em uma localidade impropria, alçançada no inverno, pelo transbordamento das aguas deste. Foi fundada pelo coronel Antonio Rodrigues Pereira Labre, que muito trabalhou para dotal-a de prosperidade. Dista de Manáos 815 milhas e é visitada por todos os navios que sobem o Purús.

Creado o municipio do qual é séde, foi a Labrea elevada á villa pela lei n. 523 de 14 de Maio de 1781 e posteriormente cidade, sede de uma comarca. Abrange uma zona das mais ricas do Estado, em gomma elastica. A sua receita é a que figura em segundo logar. Pena é que os dinheiros publicos não tenham sido bem applicados, no embellezamento da cidade, que, de melhor, possue iluminação electrica. A população é de 800 habitantes, presumivel, con-

---

[1] *Le Pays de Amasones*,—Sant'Anna Nery, pag. 29.

[2] Deu-se este nome em virtude de existirem alguns hyerogliphos num lagedo natural, no porto da cidade.

[3] Vide *Archivo Pittoresco*, artigo por I. Vilhena Barbosa.

tando com os suburbios e sitios proximos. O municipio tem população superior a 18.000 habitantes, mas é um tanto insalubre.

A Labrea possue um jornal de publicação mensal e escolas mantidas pelo governo do Estado. Construe-se actualmente uma igreja.

Teffé ou ***Egas.***—Florescente cidade da margem direita do Solimões, situada á embocadura do rio Teffé, dista da capital 435 milhas; é séde da comarca e municipio desse nome.

O seu aspecto é encantador; tem excellentes ruas, dispostas em linha. E' uma das mais antigas do Amazonas, creada pela lei provincial n. 44 de 15 de Junho de 1855. Sua população que provém dos indios *juris*, [1] que pintavam a bocca de preto, eleva-se a 1.500 habitantes; empregam-se no cultivo do cacáo, mandioca, e extrahem tucum, salsaparrilha e borracha, productos estes que fornecem ao municipio magnifica receita.

Teffé foi fundada pelo jesuita hespanhol Samuel Fritz, que d'ahi pretendia assegurar o dominio da Hespanha, sendo expulso em 1709 pelo missionario portuguez Sana. Depois deste facto decahiu, tornou-se tapéra; em 1759 foi aproveitada para nova aldêa pelo carmelita André da Costa. A partida de demarcações do dominio de Portugal, de que era chefe o governador do Pará, João Pereira Caldas, permaneceu n'ella durante seis annos. Está situada quasi na mesma Lat. de Manáos. Joaquim de Mello das Povoas elevou-a á cathegoria de villa.

Humaythá.—Occupa um terreno alto da margem asquerda do rio Madeira, n'uma elevação de 40 metros; foi esta cidade fundada pelo activo portuguez José Francisco Monteiro, em 1859, e continuada pelo seu filho Antonio Francisco Monteiro. Deu-se-lhe aquella denominação, em lembrança da tomada de Humaythá pelos brazileiros, durante a guerra do Paraguay.

Situada abaixo do igarapé Behém e aos 7°-31'-34",4 Lat. Sul, tornou-se villa em virtude da lei n. 32 de 4 de Fevereiro de 1890, sendo elevada á comarca no anno seguinte. E' illuminada a kerozene. Semelhante ao de Manáos, é o seu terreno ondulado; tem escolas publicas, paço municipal, cadeia construida de pedra e cal e contem cerca de quarenta e cinco casas. A população do municipo de que Humaythá é séde, é crescida; porém a cidade possue 600 habitantes, que cultivam a terra e se empregam no commercio da borracha. Dista da capital 546 milhas.

Manicoré.—Localisada á margem direita do Madeira, n'um sitio muito elevado, d'onde se desvenda o rio em extensão consideravel; é esta cidade de um elegante aspecto, cujas ruas em linha, contém bôas casas, bem asseiadas e cobertas de telha de barro. Mais desenvolvida que Hymathá, sua illuminação é a acetylene, sendo que actualmente projecta-se lançar agua potavel para a cidade por meio de bombeamento. Sua fundação data de 1869, pelo revoltoso pernambucano Antonio Pedro Aguirre. Foi elevada á cathegoria de villa em 1877 e a comarca creada em 4 de Outubro de 1879. Os seus habitantes, que sobem ao numero de 1.000, são trabalhadores, muito amigos do progresso material da cidade. A salubridade é magnifica, em Manicoré. *Alma de porco*, quer dizer, pela traducção, esse nome da cidade. Dista ella de Manáos 324 milhas geographicas de 20.°

---

[1] Dicc. do *Alto Amazonas*, por Araujo e Amazonas.

VILLAS

NO SOLIMÕES

S. Paulo de Olivença.—A' margem esquerda do Solimões e distante de Manáos 714 milhas; esta villa foi construida a 60 metros acima do nivel do rio. Teve começo no fim do seculo XVII no local da tribu dos *omaguas*, que se retiraram para a fóz do Japurá. Não tem bom aspecto; suas casas, em maioria, cobertas de palha, não obedecem a alinhamento, como succede a outras do mesmo Estado. E' séde de comarca e municipio.

A' villa fôra elevada em 25 de Agosto de 1883, data da sua installação. A população é inferior a de Teffé. Exporta borracha e tucum.

Coary.—A' margem direita, séde da municipalidade desse nome, em um lago que fica á emboccadora do rio Coary. E' ponto de escala dos navios que sulcam o Solimões e dista da capital 239 milhas.

«Cette bourgade, diz Alfred Marc, n'est pas plus, si bien devoloppée».

A população de Coary, talvez de 550 [1] pessoas, provem dos indios *jurimaguas* que ahi viviam, desapparecendo por misturar-se com os civilisados que foram predominando, desde muitos annos. E' um logar salubre, exceptuando na epoca da vasante do rio, pois que, nesta occasião, as febres accommettem aos habitantes. A sua riqueza é devida aos seringaes abundantes no rio desse nome. E' séde de comarca.

Codajás.—Perto do lago do mesmo nome e á margem esquerda, fica esta villa, que foi creada pela lei n.º 287 de 1.º de Maio de 1874. Demora a 155 milhas de Manáos. Era antigamente situada n'um paraná, que desappareceu completamente, pelo desmoronamento da ilha que lhe estava em frente.

Codajás não tem valor, como nucleo de população, pois que esta é ficticia; os seus habitadores, em maioria, deixam os lares, internando-se nos seringaes, de que vivem. Na vasante do Solimões, empregam-se na salga do pirarucú. No entanto a villa pode ter 400 pessoas. O municipio tem mais de 10.000. Illuminada por alguns lampeões, ruas sem calçamento, é Codajás uma das villas do Estado onde o progresso nada tem podido realisar, apezar dos esforços dos seus ultimos superintendentes municipaes. Pertence a comarca de Coary.

Manacapurú.—A' margem esquerda, do Solimões, distante da capital apenas 57 milhas. Pela sua prosperidade e população, foi elevada a cathegoria de comarca.

Assentada em uma curva do Solimões, em um logar pouco elevado, sujeito a ser alcançado pelas aguas nas grandes enchentes do rio, Manacapurú é frequentado amiudadamente pelos habitantes de Manáos, que fazem d'ella um logar de recreio. A sua prosperidade accentua-se mais e mais por essa circumstancia.

Deprecia o valor desta villa, o mau porto que possue; pois que é pedregoso e a corrente do rio, ahi, muito forte, difficultando a manobra das embar-

[1] Referimo-nos sempre a população centralisada e fixa.

cações. Fica Manacapurú circulado por pequenos lagos, taes como o do Mirity, todos habitados.

A população pode ascender a 800 pessoas, tendo o municipio cerca de 14.000, cuja maior parte se emprega na extracção da gomma elastica, primeira riqueza do logar.

A pobreza da municipalidade não permitte emprehender notaveis melhoramentos. Todavia, as ruas são limpas, o commercio animado.

Fonte-Bôa.—A séde do municipio desse nome, está assente á margem direita do Solimões. Construida n'uma elevação de terreno, a villa de Fonte Bôa é saudavel e, pela sua perspectiva, agrada aos viajantes que, n'ella, aportam.

Fica-lhe perto a fóz do Cajurahy, rio de agua negra, como a do que banha Manáos. Algumas casas cobertas de telhas e a mór parte de palha, ruas bem dispostas, eis o que é essa villa, carecedora de mais progresso. Dista da capital 479 milhas, com a qual sempre está em contacto, pela frequente navegação do Solimões. Diz-se que o nome da villa é devido a uma *fonte* d'agua crystallina que, junto a ella existe. [1]

Pertence a comarca de Teffé.

NO RIO NEGRO

Barcellos.—Antiga Mariuá, uma das mais antiga do Estado, foi elevada a cathegoria de villa por acto do governo da metropole, pelo decreto de 11 de Julho de 1757, que lhe deu o nome de Barcellos, em homenagem a aldêa portugueza da mesma denominação. Foi por muito tempo a séde da capitania do rio Negro, gozando, na administração de Joaquim Tinoco Valente, muita prosperidade, da qual hoje existem vagos traços. Situada á margem direita do rio Negro, a sua população está diseminada á vista da que outr'ora possuia. Depois de Manáos, d'ella separada por 268 milhas, é Barcellos o logar do Amazonas, onde se deram memoraveis factos da nossa historia. O seu aspecto é hoje triste e desanimadora a sua condição financeira, pois que, como em todo o rio Negro, não abunda, ahi, a borracha, primeiro factor do progresso amazonense. «De sua passada grandeza, diz o Dr. Aprigio de Menezes, nenhum monumento siquer existe». O Padre Dr. José Monteiro de Noronha, conta-nos que em 1775 via-se, em Barcellos, dois quarteis para o agasalho da tropa, dois para officiaes, um hospital real, uma provedoria, um pelourinho, uma casa de fabrica e um armazem de algodão, afóra os edificios particulares, cobertos de telhas, ahi fabricadas.

Forma com os termos de Moura e S. Gabriel, uma comarca.

S. Gabriel.—Pobre villa da margem septentrional do rio Negro; dista de Manáos 423 milhas e situada sob o Equador, perto da cachoeira de Caobi. Foi fundada em 1763 por ordem de Manoel Bernardo de Castro e Mello, então governador do Pará, sendo ahi estabelecida uma fortaleza, de que hoje ha apenas alguns vestigios.

Araujo e Amazonas, descreve-a assim: «E' um pentagono irregular, cujo maior lado extremado por dois balaustres deita para o rio; os dois pequenos lados não passam de singellos e fracos muros. Dezeseis canhões para insignificante artilharia, tres guaritas fazem toda a sua importancia, que além do

[1] Alfredo Marc. Le Brésil.

lastimoso estado a que está reduzido se torna ainda nulla por ser dominada por uma collina. .»

S. Gabriel dista pouco da povoação de S. Joaquim e ainda do forte de Cucuhy, que marca a fronteira do Amazonas com a Republica de Venezuella. A população é diminuta; pobre o municipio de que é séde, consistindo a sua receita na cobrança de impostos sobre borracha, salsa e piassaba. Está desprovida de industria; fabrica-se, ahi pouca farinha de mandioca para o consumo da villa.

Moura.—Em frente á fóz do Jauapery, a 55 leguas da capital n'uma localidade aprazivel, está collocada esta villa, que em 1877 foi victima dos ataques dos selvagens bravios e anthrophagos que habitam aquelle rio. Foi seu fundador o Tenente Antonio de Oliveira Horta, que manteve ahi a prosperidade, fazendo centralisar as populações circumvisinhas. Quasi nada conseguiu o Tenente Horta, em favor de Moura; passou muito tempo catechisando os Jauaperys depois que viera do Paraguay, onde se tornou um bravo nas luctas que o Brazil sustentou, por cinco annos, contra aquella republica. Obteve apenas abrandar-lhes a ferocidade.

A população não excede de 300 habitantes, que se occupam na extracção da salsa, piassaba, copahyba, cumarú e borracha. E porque a producção destes generos seja limitadissima, a villa, que é séde de uma municipalidade, vae em decadencia. Tem uma escola publica, de pequena frequencia.

NO RIO BRANCO

Bôa-Vista.—A' margem direita do rio Branco, alguns kilometros abaixo do forte de S. Joaquim. E' inaccessivel á navegação directa de Manáos, excepto por pequenas embarcações, quando a cachoeira do Caracarahy está coberta pelas aguas da enchente do rio. Séde de um dos municipios do Estado e da comarca do Rio Branco, é a Bôa-Vista a villa mais saudavel. Bello aspecto, devido a sua situação junto aos vastos campos naturaes dessa região, tem uma população approximada de 500 habitantes, não incluindo os sitios proximos com os quaes eleva-se a 2.000. Empregam-se na criação do gado, principal industria do logar.

Calcula-se em 60 mil o numero de rezes que fazem a riqueza da Bôa-Vista.

Quando se realisar a projectada construcção da estrada ferrea entre a capital e Caracarahy, aquella villa será o nucleo de grande população, futuro celeiro de Manáos. O clima, ahi, é brando e menos humido, attenta a altitude em que está.

NO RIO JURUA'

S. Felippe.—Começada ha pouco tempo, é a villa deste nome uma das mais novas do Estado; fica situada á margem esquerda do Juruá, e a unica que possue este rio. E' séde de uma grande comarca, abrangendo notavel extensão. Correndo em terras da mesma zona do Purús, riquissima em borracha, S. Felippe é o primeiro municipio que mais exporta aquelle producto das mattas amazonenses, fazendo, por isso, uma receita consideravel. No entanto a villa não mostra os melhoramentos que já devera ter.

Oscilla muito a população d'ella; quando cessa o trabalho da gomma elastica, agglomera ahi tanta gente, parecendo a villa uma cidade de immensa animação commercial. Os habitantes dos rios Gregorio, Tarauacá, Envira

Môa, etc., descem nessa epocha para S. Felippe, uns a passeio e outros a negocio.

E' saudavel, tem população de 1.124 habitantes e dista da capital cerca de 1300 milhas.

As casas da villa são em maioria cobertas de telhas de barro e construidas de taipa.

Existem casas de commercio de grande movimento e capital elevado.

O seu fôro é muito movimentado.

Perdeu uma vasta zona com a creação do *Territorio do Acre*, pois a parte arrancada a esse municipio e comarca constitue o departamento federal do Juruá, onde o Governo da União, em 8 mezes apenas, arrecadou perto de dez mil contos.

NO RIO PURÚS

Canutama.—A' margem esquerda, não apresenta bom aspecto. E' séde da municipalidade desse nome. Foi esta villa fundada pelo mulato Manoel Urbano da Encarnação, que construiu uma casa, quando pela primeira vez subiu o Purûs, em viagem de exploração. Canutama se bem que possa fazer uma arrecadação de impostos municipaes, que lhe garantam prosperidade, nada ha feito.

A população é de 800 habitantes.

Floriano Peixoto.—Antiga Antimary, situada na confluencia do rio deste nome, affluente da magem esquerda do Acre. Foi fundada por Manoel Felicio Maciel, que mais tarde quiz constituil-a em *feudo*, onde só a sua vontade devia predominar; ordenava prisões e saques aos navios que subiam o rio.

O governo do Estado tomou o facto em consideração extinguindo a municipalidade de Antimary, que depois foi restabelecida com o nome actual, em homenagem ao inolvidavel patriota e estadista brazileiro. Tambem é séde de uma comarca. Exporta borracha, tem 900 habitantes. Com a usurpação do Governo Federal, creando o Territorio do Acre perdeu o municipio grande porção de terreno, o mais rico e abundante em gomma elastica e onde se encontra o producto mais valorisado e procurado.

NO MADEIRA

Borba.—Está situada n'um terreno alto, á margem direita do Madeira distante de Manáos 50 leguas. Decadente hoje, teve outr'ora muita prosperidade. Ahi estiveram os Jesuitas que começaram a construcção d'uma igreja, cujos alicerces ainda são visiveis; mantiveram olarias, plantações, etc. Apesar de argiloso, é fertil o terreno onde assenta a villa. O seu porto não é bom; a ribanceira da margem torna-o difficultoso ao desembarque. Como Itacoatiára, Borba teve necessidade de se deslocar algumas vezes, devido a perseguição dos indios *muras*.

A população deste logar não excede de 300 habitantes que se empregam na cultura do tabaco, farinha e extracção da borracha.

Pena é que esta villa sendo um dos logares bem antigos do Estado, vá em decadencia. Póde-se hoje repetir o que em 1861 dizia o sr. Dr. Silva Coutinho, antes de Borba ser elevada á cathegoria de villa. «A decadencia deste povoado é visivel». Nem a elevação áquelle titulo foi estimulo para progredir. O Estado lá possue um bello edificio, ultimamente construido para escola publica.

Silves.—Dentro do lago deste nome, ao lado esquerdo do Amazonas, cerca de 8 kilometros da margem, está situada ao N. da ilha de Silves, antiga Saracá. Foi fundada por um dos mercenarios que acompanhou ao capitão Favella na perseguição dos indios do rio Urubú, onde fez destruir cerca de 300 tribus que não quizeram submetter-se ao seu jugo atroz. E' a villa mais antiga, depois de Mariuá e a Barra do Rio Negro; foi creada pelo primeiro governador da capitania, Joaquim de M. das Povoas, em 1759.

Quando o Alto Amazonas constituiu uma comarca do Pará, com a execução do Codigo do Processo, Saracá perdeu o predicamento de villa e o nome, passando a chamar-se Silves.

Retornando á cathegoria perdida, prevaleceu o nome portuguez que actualmente conserva.

Entra-se para esta villa pelo paraná do mesmo nome ou pelo furo do Urubú e ainda por outros que dão passagem no tempo do inverno.

O seu aspecto seria agradavel se não fosse desde muito, um logar decadente. Casas em ruinas, ruas onde a vegetação cresce com a maxima liberdade, população dizimada, formando uma municipalidade pobre—eis a que está reduzida a villa de Silves, que já teve seus dias de gloria na historia amazonense.

D'ella partiu a idéa de se pedir a D. João VI a separação da capitania do Rio Negro da do Pará, idéa que marcou o inicio de subsequentes luctas pela conquista da nossa autonomia.

« Silves vae desapparecendo sensivelmente ». [1]

Barreirinha.—Fica á margem direita do paraná do Ramos, perto da confluencia do Andirá, perto do lago deste nome.

E' séde de uma municipalidade muito pobre. A sua população é insignificante, não indo além de 400 habitantes.

Foi elevada á villa pela Lei provincial n. 539 de 9 de Junho de 1881, sendo inaugurada em 9 de Agosto de 1883. Tem uma escola publica e produz cacáo, borracha, farinha, etc. E' termo da comarca de Parintins.

Maués.—Villa situada dentro do rio Maués, da margem direita do Amazonas, na confluencia dos paranás de Canumá e Ramos. Foi fundada em 1798, quando governava o Brazil o seu ultimo vice-rei o Conde dos Arcos, pelos capitães Luiz Pereira da Cruz e José Rodrigues Pato, que lhe deram o nome de *Luséa.* Estabeleceu-se ahi a missão dos indios *maués.* Desenvolveu-se tanto que, mesmo no tempo da Capitania do Rio Negro, foi elevada á cathegoria de villa, sempre com crescente prosperidade.

E' do Estado uma das mais apraziveis e de incontestavel salubridade.

Possue casaria bem alinhada, ruas asseiadas, bôa illuminação á gaz, commercio animado e escolas publicas.

E' séde da municipalidade e comarca desse nome.

No tempo da revolta dos cabanos, Maués foi o logar de maior concentração d'elles.

As escunas «Porto Alegre» e «Agarra cabanos» lá fizeram devastações, por ordem de Ambrozio Ayres, commandante militar do Rio Negro.

«Com os cabanos não se tem pratica senão pela bocca das espingardas »

---

[1] Relatorio Silva Coutinho, pag. 10

dizia em officio datado de Luséa, o encarregado de subjugar os rebeldes, Sebastião Roque da Cunha. [1]

Urucará.—Está situada esta pequena villa no paraná do Capella, que se communica com o paraná e lago de Silves, pouco afastado da margem esquerda do Amazonas. Passa-lhe junto o rio Paryhuissi.

Pertence á comarca de Itacoatiara e é séde do pequeno municipio do mesmo nome.

Tem uma escola e exporta borracha, cacáo, peixe secco e tem criação de gado.

Silverio Nery.—A' margem direita do Amazonas. E' uma localidade que começa a desenvolver-se depois que para ella passou a séde do municipio desse nome. Por emquanto nada apresenta de notavel. Sua população é diminuta. Deu-se-lhe esse nome em homenagem ao illustre cidadão Silverio Nery, que governou o Estado de 1900 a 1904.

Benjamin Constant.—Antiga Remate de Males, á embocadura do rio Itecoahy, affluente da margem direita do Javary; está situada em terras baixas, alagadiças. Contém esta villa cerca de 80 casas e uma população de 600 habitantes.

As casas são altas e construidas de taboas, com soalho elevado para evitar a innundação no inverno. E' séde de um municipio e termo da comarca de S. Paulo de Olivença. A intendencia municipal tem magnifico rendimento; arrecada cerca de 200 contos annualmente. Possue uma collectoria estadual. O commercio é animado, feito em grande escala com o Perú para onde se ha passado algumas casas brazileiras, ultimamente. O governo lá mantém uma escola publica.

Povoações mais importantes.—No Solimões: S. Antonio, Tonantins, Caiçára, Badajós, (no lago desse nome), Trocary (em lago), Camará, Anory; no Amazonas: Amatary, Urucurituba (no paraná do Ramos), no rio Negro: S. Joaquim, S. Gabriel, S. José, S. Pedro, Castanheiro, Santa Izabel, Thomar, Moreira, Carvoeiro, Ayrão, Tauapessassú; no Juruá: (em *territorio federal*), Cruzeiro do Sul, Bocca do Môa, Invencivel, Bella Vista, Bocca do Amonea, tambem chamado Minas Geraes; em territorio amazonense: Riozinho da Liberdade, Pixuna, Foz do Tarauacá, Foz do Gregorio, etc.; no Purús: Bocca do Chandlss, Liberdade, Bocca do Yáco, Bocca do Cayété, do Acre, Metaripuá, Ajuricaba, Quissiã, S. Luiz do Mamoriá, Bocca do Pauhiny, Cachoeira, Itanaan, S. Luiz do Cassianã, Bocca do Tapauá, Nova Colonia, Arimã, Itatuba, Ayapuá e Berury.

---

[1] Das *Ephemerides Amazonenses*, pelo Coronel Lima Bacury.

CAPITULO V

Navegação.—Tratar da navegação, no Amazonas, é fallar do mais pode roso factor do seu progresso; é examinar a causa principal desse assombroso desenvolvimento commercial, para o que se torna mister descer á pontos historicos.

A mais vasta bacia hydrographica do globo, repartida n'uma zona superior a 4.000.000 de kilometros quadrados, banhando fertilissimas regiões, ricas em productos de immediata necessidade para as industrias, começou a attrahir a concorrencia da actividade humana, que nesse afan de angariar promptos meios de subsistencia, sem disperdicio de muita energia, augura sempre compensadora remuneração. Solo uberrimo, aqui encontrou; mattas de tanto valor como se fossem abundantes minas de ouro, pondo-lhes o *capital* á disposição, offerecem-lhe os recursos que só a natureza, mãe protectora, sabe dar.

A troca dos productos extrahidos das selvas por outros imprescindiveis ás satisfações domesticas, deu origem a exportação dos generos amazonenses e a importação de mercadorias estrangeiras, e creou assim a vida commercial aqui.

Carecia-se de meios faceis para levarem e trazerem os resultados dos esforços compensativos.

E n'um territorio onde as vias naturaes são rios perfeitamente navegaveis, a embarcações á vapor estava reservada a resolução do magno problema. De custosas estradas de ferro não precisamos nós; ahi estão esses gigantes de agua doce, como soem ser o Amazonas e os seus affluentes. Em qualquer outra parte do mundo, emquanto a administração publica ou particular gasta sommas avultadissimas com a abertura de estradas antes de começar a usufruir os proventos da empreza, no Estado do Amazonas os caminhos estão dispostos e francos, dando accesso aos navios de grande calado.

Desde os tempos do Brazil colonial, começou a antiga capitania do rio Negro a ser visitada por pequenas embarcações á remo ou á vella. Vejamos como teve immenso incremento essa navegação fluvial.

Diz-nos a chronica que Pedro Teixeira subira o rio em uma flotilha de canôas tripoladas por indios trazidos de Cametá, gastando até Quito, no Perú, onze mezes, o que não é extraordinaio, attendendo-se a extensão percorrida sobre impetuoso deslisar d'agua, proximamente de tres milhas por hora D'ahi dataram novas expedições, todas em barcos pequenos. Os maiores, os de mais peso eram transportados *á espia;* desse modo, de Pernambuco e Portugal, appareceram alguns no alto rio, como nos provam hoje esses pesadissimos blocos de cantaria deixados em Barcellos para servirem de balisa aos nossos limites com os paizes de Oéste. Admiram-se as gerações modernas da arte dos portu-

guezes fazendo subir pelo Paraguay as embarcações que, para o Guapuré, levaram os materiaes para construcção do forte do Principe da Beira, todos de grossas pedras, enviadas de Lisbôa.

Por muitos annos foi somente essa a navegação amazonense, cujos barcos « eram tripolados por mais de 6.000 indios civilisados inclusive mulheres. » [1] A capitania de S. José nunca foi visitada por um navio á vapor, pois este applicado á locomoção, data do principio do seculo XIX. Se bem que na Europa fosse elle uma realidade, alguns annos depois, que Fulton fez os seus ensaios, só muito tarde é que vieram os primeiros navios ás costas deste paiz.

A villa da Barra já estava fundada; Mariuá sentia-se tocar pelo desanimo da decadencia. De Belém, trazendo correspondencia, aportavam n'aquella com desprezo da ultima as escunas ou melhor canôas de regatão, motivando a sua chegada justos contentamentos; só d'ahi ha um anno ou dois surgia outra portadora das noticias do velho Reino, então transmittidas do Pará. Foi esta a causa da previdencia dos habitadores do rio Negro, estabelecendo fabricas de tecido, mercadoria indispensavel aos civilisados que por ahi viviam.

A producção era pequena, á medida do consumo. A proporção, porém, que se tornavam mais estreitas as relações entre o alto e o baixo Amazonas, tambem pouco a pouco cessavam os trabalhos dos teares, das olarias, etc., pois já não havia necessidade da fabricação de fazendas e de telhas de barro. Tudo vinha *de baixo*, como nesse tempo se dizia.

As primeiras casas de Manáos foram cobertas com as trazidas de Belém, nesses barcos que gastavam cinco ou seis mezes de viagem.

O estado primitivo de perder tempo e esforço deveria passar. Os beneficios de que os Estados Unidos do Norte gosavam, no Mississipe, teriamos nós tambem de desfructal-os. Effectivamente appareceu um grande patriota, o Barão de Mauá, [2] que se lembrou que ao Amazonas dever-se-ia proporcionar um bello futuro: constitue uma companhia de navegação á vapor para percorrer esse rio, com um privilegio de 30 annos. O «Gupiassú», da armada nacional foi o primeiro navio que em 1842, sulcou as suas aguas, fazendo consecutivas viagens até 1851, quando trouxe o primario presidente da Provincia do Amazonas e os demais funccionarios do novo governo. João Baptista de Figueiredo Aranha foi um esforçado propugnador da navegação; assim é que em 20 de agosto de 1840, na qualidade de deputado á Assembléa Legislativa do Pará, apresentou um projecto autorisando o estabelecimento de linhas de navegação á vapor para o Amazonas. Infelizmente os nossos visinhos perderam uma excellente opportunidade de beneficiar a patria do saudoso poeta desse nome.

Em *Relatorio* de 30 de abril de 1852, o primeiro Presidente escrevia: « A navegação tem sido e hade sempre ser aqui, por este mar immenso do Amazonas, a principal via de communicação para irem todos os habitantes e todos productos de uns para outros logares, desde o leito marchetado onde o monarcha dos rios tem a cabeça magestosa, até onde com a ponta dos pés repelle as aguas do Oceano. Por emquanto 40 ou 50 barcos e canôas do porte de 15 a 16 tonelladas fazem a navegação, com carregamento, entre esta Provincia e a do Pará, e mais de 2.000 canôas de differentes lotações se empregam nos muitos e diversos traficos para Matto Grosso e até as fronteiras dos Estados estrangeiros visinhos, e de uns para outros logares do interior, em todos os sen-

---

[1] *Relatorio* por Bento F. T. Aranha—1876.

[2] Irenio Evangelista de Souza.

tidos; e o numero de pessoas das equipagens, indios civilisados ou gentios, inclusive mulheres, se eleva certamente a mais de 6.000.»

Só em 1853 foi iniciado regularmente o serviço da *Companhia de Navegação e Commercio do Amazonas*; o «Marajó» veio começar, em 11 de janeiro desse anno, a serie de conquistas que ella veio realisar na Provincia, as quaes devemos em maxima parte ao Barão de Mauá.

O «Monarcha» em seguida fez a linha do Solimões, entre Manáos e Nauta; depois a do rio Negro.

Os nucleos populosos cresciam com a aggregação de indios catechisados e de pessoas vindas do Baixo Amazonas; o commercio acompanhava essa transição progressiva, reclamando maior desenvolvimento da navegação. Novas medidas protectoras urgiam, pedindo liberdade de transito pelo grande rio, campanha tão galhardamente sustentada pelo eminente parlamentar e publicista Tavares Bastos. A lei n. 3.749, de 7 de dezembro de 1866, veio estender os horisontes, satisfazendo as necessidades da epoca. Não era mais facto estupendo para a Provincia a apparição de um barco á vapor; no emtanto o commercio de importação era feito por intermedio da praça do Pará, porque os navios estrangeiros não vinham á Manáos. Depois de entrar em vigor aquella disposição legislativa, não mais cessaram as nossas relações directas com a Europa, principalmente com Hamburgo e Liverpool.

Foi, pois, em 1866 que surgiu a nova era para a navegação do Amazonas e seus tributarios. [1[

Um curto periodo após, 6 navios estrangeiros e 49 nacionaes ancoraram no porto da capital da Provincia; dez annos depois esse numero elevou-se a 14 estrangeiros e 257 nacionaes !

O fomento administrativo dos poderes publicos alimentava a acceleração desse desenvolvimento.

Já a Companhia de Navegação e Commercio do Alto Amazonas de que era creador e presidente o alludido Barão de Mauá, havia passado a uma empreza com séde em Londres e com a denominação de *Amazon Steam Navigation Company, Limited.*

Em 1869 outra companhia é subsidiada para navegar o Amazonas : a *Fluvial do Alto Amazonas*, qne faz a linha entre Manáos e Maués com escala por Serpa, Silves, Andirá, Canumã, Abacaxis e Autaz.

Os lucros da Amazon Limited foram tão avultados que ella poude sobrepujar a anterior, comprando-lhe os navios e fazendo passar-lhe os contractos firmados perante o governo, acto que foi approvado pela Assembléa Provincial do Amazonas por decreto de 31 de março de 1874.

Para se avaliar das vantagens continuadas a auferir por aquella companhia basta dizer que em cinco annos, de 1887 a 1891, a sua receita attingiu a 14.424 contos de réis! [2]

Os armadores de navios particulares, depois de proclamada a Republica, no Brazil, mandaram construir diversos de bom andamento e accommodações apropriadas á passageiros.

Dessa epoca (1889) o incremento foi tão grande como ainda não se vio facto identico.

A navegação á vapor no Amazonas, diz o Dr. Torquato Tapajós, produzio

---

[1] Vide *Relatorio* Tenreira Aranha, pag. 9.

[2] Dr. L. Gonçalves—*O Amazonas*, pag. 50.

uma revolução completa nas condições economicas das provincias do Pará e Amazonas, cujas rendas publicas rapidamente augmentaram como não ha exemplo em parte alguma do mundo. [1]

O commercio da gomma elastica é o poderoso factor dessa realidade assombrosa.

Hoje sobem e descem, na mesma occasião, os nossos rios, 20, 30 e 40 navios, como succede nos mezes de dezembro, janeiro e fevereiro (principio de safra) no Purús e Juruá.

A previsão dos antigos exploradores do Amazonas não ficou illudida. Falta-nos apenas methodisação e regularidade do serviço da navegação amazonense, visto como actualmente—e até os proprios navios subvencionados—movem-se impellidos pelo interesse dos seus proprietarios, sem comtudo alliarem-no aos do povo que é o mantenedor delles. Os horarios de entrada e sahida e os dias certos e intransferiveis de partida, são medidas de real carencia. Os preços de passagens e fretes exhorbitam do que deviam ser; mais dispendioso é ir de Manáos ao Acre, do que á Pariz ou Londres. Os inconvenientes desapparecerão; os factos sociaes assemelham-se aos da natureza, partem gradativamente.

* * *

O Amazonas e os seus affluentes servem tambem de interposto ás republicas visinhas; o commercio, chamado de *transito*, feito por embarcações que vêm directamente da Europa ou America do Norte, constitue, com o do Estado, o centro da maior movimentação de cabotagem fluvial que existe.

Os poderes publicos já têm bastante cumprido o seu dever, auxiliando de longa data os impulsos da navegação; hoje que a iniciativa particular é sufficiente para tomar esse encargo, o governo vae-se desonerando delle, apezar do que ainda gasta mais de 1.300 contos de réis annualmente com tal obrigação.

«Todas as medidas devem ser tomadas, diz o Dr. Alberto Rangel, afim de estimular o desenvolvimento da navegação interna, rodeando-a de todos os favores e garantias proprias a favorecer a sua benefica desenvolução». [2] A externa não foi menos auxiliada e com ella o Estado, até ha pouco, gastava sommas consideraveis. Está hoje entregue á acção commercial.

São 17 as linhas que actualmente percebem subvenção dos cofres publicos, com séde em Manáos :

Rio Branco	144:000$000
Autaz e Pantaleão	72:000$000
Içá (margem direita)	108:000$000
[3] Maués	120:000$000
Colonia Oliveira Machado	24:000$000
Aripuanã e Madeira	72:000$000
Janauacá	48:000$000
Camocim	120:000$000
Juruá	120:000$000
Transporta	828:000$000

[1] *Valle do Amazonas*, pag. 103.

[2] Annexo á Mensagem do Dr. Silverio Nery, de 10—7—1903.

[3] A linha de Maués prolonga-se hoje até a povoação de Canumã.

Transporte	828:000$000
Purús	120:000$000
Badajós e Pioriny	60:000$000
Coary	60:000$000
Amatary	48:000$000
Japurá	84:000$000
Machado e Jamary	96:000$000
Jatapú e Atumã	42:000$000
Alto Rio Branco	6:000$000
Despeza com a navegação	1:344:000$000

Além da Companhia do Amazonas Limitada, que possue cerca de 30 navios, são estas as principaes casas que dispõem de magnificos barcos á vapor, no Estado :

B. A. Antunes—*Jurupary* e *Rio Ituhy*.

Mello & C.ª—*Costeira, Lucania, Môa, Ipixuna, Loreto* e *Tauaré*.

Armindo R. da Fonseca—*Tapauá, Silverio Nery, Canutama* e *Baixo Purús*.

Martins Ribas & C.ª—*Pereira Junior, Rio Pauhiny, Rio Caeté* e *Maria Thereza*.

Montenegro & C.ª—*Montenegro* e *Humaythá*.

Deffner & C.ª—*S. Antonio* e *Acarahú*. Muitissimos outros são ainda os navios que sulcam os rios do Estado, não fallando dos da *Companhia Paraense Lloyd Brazileiro, Gran Pará* e *A. C. de Freitas*, que fazem a navegação entre Manáos e os portos do sul. Linhas regulares tambem ha entre esta capital, Europa e America (Est. Unidos do Norte).

Os algarismos seguintes dizem-no mais concisamente.

Movimento comparativo do porto de Manáos entre os annos de :

1902	959	navios	nacionaes	e 140	estrangeiros
1897	452	«	«	e 43	«
Para mais em 5 annos	507	«	«	e 97	«

Observações.—Todos os barcos que fazem o commercio de cabotagem estão sujeitos á despacho na Recebedoria do Estado; os estrangeiros, á fiscalisação da Alfandega e todos sem excepção á Capitania do Porto de Manáos, exigencias que cumprem facilmente. A' Repartição dos Correios prestam a devida obediencia.

Os navios que sobem o Solimões, raras vezes penetram o Tunguragua, até Jurimaguas, abaixo da parte inaccessivel á navegação.

O Madeira é navegavel, em barcos á vapor, até S. Antonio, situado perto da primeira cachoeira; d'ahi para cima, só em canôas e com eminente perigo. Este rio tem, em média 29 metros de profundidade, na parte livre. Os navios da Companhia do Amazonas e outros com séde no Pará, fazem ahi mensalmento uma viagem. A navegação, nelle, presume-se, terá um desenvolvimento triplicado, quando ficar concluida a estrada ferrea Madeira-Mamoré.

O Purús, sendo a zona mais productora do Amazonas, é tambem a mais navegada. Occasiões ha que sulcam as suas aguas trinta e oito navios de 200 tonelladas cada um; lanchas e canôas de *regatões* cobrem o rio e seus tributarios. E é ahi que o progresso da navegação mais se tem accentuado, apezar de « muito arriscada e difficil durante o verão, e os navios que fazem o serviço nesse tempo chegam somente até a Cachoeira (acima da Labrea); entretanto

quando se approxima a epoca do repiquete, indicio de enchente nas cabeceiras dos rios, a navegação é extraordinariamente angmentada.» [1]

Sendo difficil o navegar, no Purús, por causa das continuas mudanças de bancos de areias (praias) e desvios do canal do rio, por effeito das correntes, os sinistros ahi são communs. Quando enche o curso superior, a navegação é livre até onde escasseia completamente a agua, numa distancia da foz de 1.100 milhas, presumiveis.

No rio Negro a communicação fluvial é mais difficultosa, maxime no verão, nos mezes de setembro, outubro e novembro. Cheio de ilhas, pedras é perigoso o seu percurso. Os praticos para o conhecerem bem, carecem de percorrel-o durante annos, sem o que não sabem conduzir as embarcações por esse labyrintho de canaes. E' navegavel até Tapuruquára, junto á primeira cachoeira. Somente dois ou tres navios o visitam mensalmente. O rio Branco, affluente do Negro, offerece accesso aos vapores até Caracarahy. Dahi para cima, só em pequenas embarcações ou lanchas e na epoca da enchente do rio, quando as pedras ficam submersas. Entre Manáos e aquelle ponto existe uma linha mantida pelo governo do Estado. [2]

Alguns dos tributarios do rio Negro são navegaveis no curso inferior, pois que, em geral, o superior é obstruido por alterosas cachoeiras.

« O Juruá é bastante tortuoso, estreito, de arriscadissima navegação, sendo o seu leito semeado de cachopos perigosos, grandiosas praias com innumeraveis madeiros enterrados no fundo.» [3]

E' navegavel no verão até Marary e no inverno até Acuriá ou Porto Nelson. Algumas depressões dahi para cima embaraçam os navios. Os seus affluentes navegaveis são: o Tarauacá, Ipixuna e Môa.

De Manáos a Marary ha uma distancia de 1.107 milhas.

O Içá, o Japurá (margem esquerda), o Ju'ahy, o Teffé e o Coary (margem direita), se resentem das mesmas difficuldades que os já mencionados.

Pode-se dizer que a navegação é livre, no Amazonas (Estado) quando os rios transbordam as suas aguas, invadindo lagos, paranás, igapós, etc.

Organisação politica.—Pela Constituição do Estado, promulgada em 17 de Agosto de 1895, é o Amazonas, « como parte integrante da União Federal Brazileira, a associação politica dos habitantes do territorio da ex-provincia do Amazonas e constitue-se sob o regimen republicano no livre exercicio de sua autonomia, de conformidade com os termos da Constituição Federal (art. 1.º)».

A base da sua organisação administrativa é o Municipio; para distribuição de justiça, está dividido em comarcas e estas em termos (art. 5.º).

Como nos demais Estados do Brazil, o Governo do Amazonas compõe-se dos tres poderes, Legislativo, Executivo e Judiciario, todos independentes e harmonicos entre si, não podendo qualquer delegar as suas attribuições ao outro.

O poder legislativo é exercido pelo Congresso Amazonense, que conta 24 representantes, eleitos de 3 em 3 annos por suffragio directo, em todo o Estado. Nas eleições é garantido a representação da minoria, quando ha.

Os trabalhos legislativos duram 3 mezes em cada anno e não se encerram sem que se haja votado a lei orçamentaria do exercicio financeiro seguinte.

---

[1] Felippe Duarte—*O Amazonas e os seus affluentes*, pag. 25.

[2] Vide *Relatorio* por Alexandre Haag.

[3] Idem, pag. 50.

Qualquer cidadão brazileiro pode ser eleito Deputado ao Congresso e uma vez reconhecido pelos seus pares, em sessão especial para esse fim, ficará gosando das immunidades proprias do cargo e irresponsavel por actos ou palavras occorridas no exercicio de seu mandato. Ha casos de incompatibilidade consignados na Constituição Politica do Estado.

E' ao proprio Congresso que cumpre a sua organisação interna, elegendo annualmente o seu presidente, vice-presidente, secretario e commissões. Alem do que ficou especificado em Lei, cumpre ao Congresso: (art. 29) fazer leis, interpretal-as, alteral-as, suspendel-as e revogal-as; fixar annualmente a receita e despeza do Estado, em vista ou não das informações e propostas do Governador; declarar sem effeito actos e resoluções dos Municipios, quando forem contrarios á Constituição e leis da União, do Estado e á economia do Municipio; autorizar o governador a fazer emprestimos e outras operações de credito, fixando o maximo dos compromissos annuaes que tiverem de pesar sobre os cofres do Estado; conceder verbas para os serviços creados e autorisar a creação de novos; autorisar ajustes e tratados com os outros Estados e approvar os feitos pelo Governador, quando com elles concordar, receber o compromisso e dar posse ao Governador e Vice-Governador e acceitar a renuncia e excusa dos mesmos; reclamar, em caso de calamidade publica, a intervenção do Governo Federal; conceder ou negar licença ao Governador, processal-o e ao Vice-Governador, quando incorram em crime de responsabilidade, sendo o modo de julgamento estatuido no art. 49 da mesma Constituição; apurar as eleições para Governador e Vice-Governador; crear taxas de sellos, etc., etc.

Todos os actos de legislação são, pois, da competencia exclusiva do Congresso.

O poder executivo é exercido pelo Governador do Estado, eleito de 4 em 4 annos, pela mesma forma que os Representantes do mesmo.

A eleição, neste caso, é feita 120 dias antes de terminar o periodo governamental, sendo que a apuração e investidora do Governador e de seu substituto, o Vice-Governador, tambem é da competencia do Congresso.

Existem casos de incompatibilidade presciptos pela Lei organica do Estado (art. 47).

Ao Governador, como chefe supremo do governo e administração, compete: dirigir, fiscalisar, promover e defender todos os interesses do Estado, de accordo com as leis; sanccionar e promulgar as leis ou negar-lhes sancção, explicando as razões do seu acto; organisar, reformar ou supprimir os serviços nas Repartições, dentro das verbas orçamentarias; expedir decretos, regulamentos e instrucções para fiel cumprimento das leis; convocar o Congresso extraordinariamente, sempre que o bem publico exigir, expondo o motivo da convocação; expor annualmente ao Congresso a situação dos negocios publicos, suggerindo-lhe as providencias delle dependentes, em mensagem minuciosa; preparar todos os orçamentos de receita e despeza de accordo com as expressas autorisações do Congresso; contrahir emprestimos, quando para isso tenha autorisação; organisar a força publica do Estado, dentro da verba orçamentaria destinada a esse serviço; distribuir e mobilisar a mesma força; prover os cargos civis e militares; fazer desapropriações por utilidade publica; conceder titulos de vitaliciedade aos funccionarios publicos, nos termos da lei; manter as relações do Estado com a União; conceder licenças, aposentadorias, jubilações e reformas; fazer arrecadar os impostos e rendas do Estado; mandar proceder as eleições federaes, estadoaes e municipaes e tomar as providencias para

que ellas se effectuem na fórma das leis; applicar os creditos consignados pelo Congresso, etc., etc, e o mais constante do art. 46 da Constituição de 17 de Agosto de 1895.

O poder judiciario do Estado é exercido pelo Superior Tribunal de Justiça, pelos Tribunaes do Jury, por Juizes de Direito, Municipaes, seus adjunctos e supplentes. Para a regular distribuição do serviço judiciario ficou instituido o ministerio publico, a classe dos advogados e solicitadores e dos serventuarios da justiça.

O Estado é dividido em *comarcas* e estas em *termos*. São todos da mesma cathegoria, excepto a da capital, séde do Tribunal de Justiça, que é considerada especial (art. 5.º da lei n. 333 de 14 de 1901) e se divide em tres districtos criminaes, tendo cada um delles um Juiz de Direito, um Municipal e tres supplentes, não comprehendidos os termos e districtos fóra da séde. O Juiz de Direito do 1.º exerce privativamente as funcções de Juiz dos Feitos da Fazenda Estadoal, Orphãos, Ausentes e Interdictos; o do 2.º, as de Juiz do Civel e Casamentos e o do 3.º as de Juiz de Commercio.

O Superior Tribunal de Justiça compõe-se de sete membros vitalicios com o titulo de Desembargadores, nomeados dentre os Juizes de Direito mais antigos em exercicio effectivo. O Procurador Geral do Estado pode ser nomeado para fazer parte do Tribunal, assim o entenda o Governo, desde qu haja vaga.

Os trabalhos do Tribunal são dirigidos pelo seu presidente, que é annualmente eleito pelos seus collegas.

Ao Tribunal de Justiça, alem de outras attribuições que lhe são proprias, compete-lhe julgar os feitos judiciarios até segunda instancia; as appellações interpostas das decisões dos juizes; os embargos aos accordãos ou á sua execução; processar e julgar em uma só instancia o Governador e Vice-Governador do Estado nos crimes communs; o Secretario do Estado tambem em os crimes communs e nos funccionaes que não forem connexos com os do Governador; conceder ou negar *habeas-corpus;* julgar em 2.ª instancia as appellações das sentenças do jury, etc., etc,

Os juizes de Direito são nomeados pelo Governador, observado para isso a antiguidade de cada um, sendo preciso pelo menos quatro annos de judicatura; são vitalicios e cumpre-lhes presidir ao jury, fazer casamentos e todo o mais que lhe diz respeito consignado na alludida lei que organisa o poder judiciario do Estado.

Os Juizes Municipaes, Promotores, Adjuntos de juizes e supplentes têm as suas attribuições consignadas nessa lei.

O Tribunal do jury sompõe-se de 48 jurados na capital e 32 nos outros termos; funcciona quatro vezes por anno naquelle e tres nestes.

O territorio do Amazonas está dividido judiciariamente em 16 comarcas e 25 termos que são: Capital, Manacapurú, Itacoatiára (Silves, Silverio Nery e Urucará), Parintins (Parintins e Barreirinha), Maués, Borba, Manicoré, Humaythá, Rio Negro (Moura, Barcellos e S. Gabriel), Rio Branco (Bôa-Vista, Coary (Coary e Codajás), Teffé (Teffé, Benjamin Constant e Fonte-Bôa), S. Felippe, S. Paulo de Olivença, Canutama, Labrea e Floriano Peixoto.

E' o Estado tambem dividido em circumscripções administrativas chamadas *municipios;* são autonomos na gestão dos seus negocios e administradas por *superintendentes* nomeados de 3 em 3 annos pelo Govervador. Cada um municipio tem a sua corporação legislativa, denominada « intendencia municipal » eleita no proprio mnnicipio, para servir por tres annos.

Nas cidades compõe-se de seis membros, 8 na capital e nas villas de 4, presidida pelo superintandente que é o chefe do poder executivo municipal.

Os intendentes reunem-se, para os seus trabalhos legislativos, quatro vezes no anno ou extraordinariamente, quando convocados para tal fim.

A creação ou extincção de municipios cumpre ao Congresso do Estado, existindo actualmente 25: 3 banhados pelo rio Negro, Manáos, Moura e Barcellos; 7 pelo Solimões, Teffé, S. Paulo de Olivença, Fonte-Bôa, Coary, Codajás e Manacapurú; 5 pelo Amazonas, Itacoatiára, Silverio Nery, Silves Urucará e Parintins; 1 pelo Juruá, S. Felippe; 1 pelo Javary, Benjamin Constant; 3 pelo Purús, Floriano Peixoto, Labrea e Canutama; 3 pelo Madeira, Humaythá, Borba e Manicoré; 1 pelo rio Branco, Bôa-Vista e 1 pelo Maués, Maués.

Instrucção Publica.—O ensino publico é dado de accordo com o Decreto n. 691 de 22 de Dezembro de 1904. Passando constantemente de reforma em reforma, a instrucção a cargo dos poderes do Estado, tem conseguido bons resultados. E' lisongeiro dizer-se que os esforços do professorado, principalmente o da capital, fazendo jús á remunerativa consideração por seu zelo ao ensino, têm concorrido para o exito do progresso intellectual que ha no Amazonas.

Se bem que estejamos ainda longe do melhoramento que se espera, todavia muito se conseguiu já.

Em 1852, quando foi installada a Provincia, existiam apenas sete escolas primarias. Cursos especiaes foram creados; todos os annos eram estabelecidas novas escolas e collegios particulares.

O Instituto de Educandos Artifices que teve uma vida brilhante, dando sempre optimos proveitos á mocidade, foi uma instituição que pelo seu caracter utilitario, nunca deveria ser extincta, como depois succedeu. Foi restabelecido pela ultima reforma. Circumstancias imprevistas não consentiram, entretanto, que esteja actualmente funccionando.

A Provincia tambem manteve um curso de humanidades dadas no «Lyceu».

O antigo «Instituto Normal Superior» era destinado ao preparo dos professores primarios.

Hoje a instrucção publica é ministrada em moldes baseados nos preceitos da moderna pedagogia, comprehendendo o ensino *primario*, o *normal*, o *secundario* e o *technico*.

O ensino primario é dado em escolas de 3 *gráos* e ampliado pelas *complementares* existentes duas) na capital; o normal, na Escola Normal, que se destina ao preparo dos professores; o secundario, no Gymnasio Amazonense, que gosa das mesmas vantagens do Gymnasio Nacional, e o technico, que será ministrado no «Instituto de Educandos Artifices». Além destes estabelecimentos, o Estado mantem ainda o «Instituto Benjamin Constant», onde recebem educação domestica e instrucção primaria, cem orphãs desvalidas.

Existem actualmente no Amazonas 194 escolas primarias, sendo 154 no interior e 40 na capital, com a frequencia de 7.243 alumnos ou em media 37 por escola.

A Escola Normal tem matriculados 174 e o Gymnasio 81.

Com a instrucção publica o governo dispende annualmente a quantia de 1.463:000$000, fóra os auxilios á collegios particulares e subvenção á estudantes

A superintendencia de todos os serviços relativos ao ensino, cabe a um Director Geral, auxiliado por um Conselho composto de oito membros.

A Intendencia Municipal de Manáos mantem 4 escolas nocturnas tam-

bem de instrucção primaria; nellas, como nas estadoaes, o ensino é livre e leigo.

Finanças.—Em 1852, installada a Provincia do Amazonas, a Assembléa Legislativa orçou a sua receita em 19:006$465 e a despeza em 18:894$457. Commercio pequeno, população diminuta e industria ainda nascente, não podia ser maior a arrecadação de impostos provenientes das poucas fontes de que a novel Provincia dispunha.

Entrando em regimen de autonomia, sentiu-se estimulada pela iniciativa de seus habitantes e pela corrente immigratoria em procura das riquezas de suas florestas; dez annos depois (em 1862) o orçamento da publica administração accusava a receita de 95.347:803 e a despeza de 93:328$698!

Note-se que aquella sempre ficou a quem da arrecadação feita.

Cada uma década que conta o Amazonas, desde a sua creação, é um periodo de surprehendente progresso. A cobrança de impostos sobre productos naturaes exportados do Estado, tem sido a alma desse desenvolvimento financeiro, sempre crescente, como ver-se-á pelo quadro que abaixo apresentamos. As outras fontes de receita, proveniente de emolumentos, sellos, descontos, venda de terras publicas, agua canalisada na capital etc., são insignificantes em relação a que provem da borracha, que lhe garante tres quartas partes dos seus recursos.

Variam, conforme os generos dos artigos de exportação, as porcentagens que o governo cobra de accôrdo com as respectivas leis orçamentarias.

Crescerá actualmente a receita com a passagem dos impostos de *industrias* e *profissões*, que pertenciam ás Intendencias.

« O Governo da União, sob pretexto de administração provisoria dos departamentos, usurpou uma grande parte das nossas rendas e todos os esforços e sacrificios do Amazonas têm sido inuteis para fazer cessar esta inaudita violencia. » [1]

Quando se suppunha que houvesse um decressimo dos proveitos auferidos pelo Estado, com a desannexação do Acre, d'onde nos vinha consideravel quantidade de gomma elastica, sendo votada a receita orçamentaria, para 1904, em 14.439:000$000 feita a arrecadação attingiu a 19.290:066$556!

O accressimo de 5.556:641$998 proveio da elevação do preço do principal genero de exportação amazonense.

Estamos convencidos de que esse motivo de constante progredimento financeiro, será permanente, pois que as necessidades creadas pelas novas industrias, vão tornando imprescindivel o emprego da borracha.

Os algarismos seguintes affirmam o que vimos de dizer.

Receitas annuaes do Estado do Amazonas, desde 1854 a 1904, contando-se por periodo de 10 annos.

1854	32:662$792
1864	122:346$401
1874	557:244$885
1884	2.748:296$578
1894	9.206:200$000
1904	14.439:000$000

Eis a porcentagem que o Estado percebe pela exportação dos seus prin-

[1] Mensagem do exm. sr. dr. Constantino Nery, lida perante o Congresso Amazonense, em sessão de 15 de Abril de 1905.

cipaes productores: borracha 20 °|o; castanha 10 °|o; cacáo 5 °|o; pirarucú 4 °|o; guaraná 5 °|o; qualquer outro producto, excepto cereaes, 10 °|o.

A borracha do Javary, para evitar os contrabandos, paga somente 7 °|o [1]

Os municipios, sendo autonomos, elaboram annualmente os seus orçamentos, cujas receitas tambem são formadas, em grande parte, por impostos sobre borracha, á razão de 2,26 °|o, cobrados pela Recebedoria do Estado e para ellas enviados a proporção que se vão accumulando. Esta arrecadação attinge a mais de 2 mil contos de reis, por anno, contando com a arrecadação que alguns municipios, banhados pelo Amazonas, fazem pelas suas proprias agencias.

Para dar uma ideia dos recursos financeiros de que dispõem as municipalidades somente na percepção de imposto sobre a sua producção, apresentamos o seguinte quadro:

Total dos impostos arrecadados pela Recebedoria do Estado para as diversas municipalidades durante o anno de 1904.

Capital	8:260$718
Silves	388$710
Barcellos	4:055$269
Barreirinha	129$987
Maués	2:718$506
S. Gabriel	15:182$857
Itacoatiara	6:017$262
Moura	1:734$493
Parintins	601$868
Urucará	336$186
Borba	57:847$047
Manicoré	124:340$543
Humaythá	212:321$772
Canutama	92:758$339
Labrea	240:029$433
Manacapurú	14:085$516
Codajás	36:231$971
Coary	49:212$792
Fonte Bôa	60:400$940
S. Paulo de Olivença	61:075$507
Teffé	128:972$001
S Phelippe	414:477$120
Floriano Peixoto	298:338$631
Bôa Vista	34:938$429
	1.866:278$401

[1] Só a arrecadação de impostos provenientes da exportação tem-se elevado a mais do que a receita orçada. Eis, nos ultimos 4 annos, o valor official, sobre o qual se calculou os mesmos impostos :

ANNOS	VALOR OFFICIAL	IMPOSTO DE EXPORTAÇÃO
1901	80.910:401$415	15.207:460$539
1902	62.960:416$161	13.393:953$971
1903	85.283:198$694	16.795:632$432
1904	85.824:159$896	16.906:663$952

Commercio. Acompanhando o desenvolvimento consideravel de sua industria (a extractiva), ha feito maravilhoso progresso o commercio amazonense. Dois factores principaes têm concorrido para isso: de ordem economica e de ordem politica. N'esta, as sabias medidas tomadas nestes ultimos tempos pelos poderes publicos no intuito de conseguirem a descentralisação do commercio aviador de toda a região localisado na capital do visinho Estado e que, attenta a essa circumstancia, era o imporio da exportação dos nossos productos. Para isso houve necessidade do emprego de medidas protectoras e ao mesmo tempo coercitivas que evitassem o simples transito dos productos do Amazonas pelo seu proprio territorio, medida patriotica sustentando a taxa de imposto differencial, para a exportação directa. Mais tarde, com o Reg. que baixou com o decreto n. 449, de 8 de outubro de 1900, foi completada essa providencia, estatuindo o *beneficiamento,* isto é, o corte, a verificação de qualidade, peso e encaixotamento da gomma elastica, aqui, o que deu logar a desapparecer completamente o transito de productos estadoaes para exportação da praça visinha.

Consequencia destes factos, estabeleceram-se casas compradoras nesta, e o commercio da praça paraense teve que abrir filiaes ou transferir as sédes de casas importantissimas para Manáos, transformada assim immediatamente em centro de extraordinaria actividade.

Não foi somente o grande augmento de capital que veio circular, como tambem o concurso de população e trabalho, aproveitando não só o commercio em grosso quer de importação e exportação, como o a retalho ou de varejo, e ás industrias de transporte, classes trabalhadoras, etc.

Na ordem economica, o augmento do monetario lançado na praça, tornando mais activa e dilatada a esphera dos negocios, a modicidades nas offertas, a valorisação na procura pela grande concurrencia, o augmento da populacão, a febre de edificações particulares e publicas, abundancia de trabalho, gastos voluptuarios, etc., etc., tudo isso explica o seu admiravel engrandecimento,

Conta hoje Manáos com dois estabelecimentos bancarios aqui fundados, o antigo *Banco do Amazonas* e o *Banco Amazonense*, agencia do *London and Brazilian Bank Limited* e casas bancarias e representantes de estabelecimentos de credito, como Dusendschon & C.ª, J. H. Andresen Successores, A. Ferreira Bacellar, David Canavarro & C.ª, etc.

Companhias de seguros sobre riscos do terra e mar, e sobre a vida, têm quasi todas as suas agencias ou agentes aqui, grandes casas compradoras de productos nacionaes, como Dusendschon & C.ª, J. H. Andresen Successores, R. & Astlett, Adelbert H. Alden, Gordon & C.ª, Bernardo Bockris, etc.; casas aviadoras, fazendo um movimento de milhares de contos de réis, como F. A. Antunes & C.ª, Mello & C.ª, Antonio Cruz & C.ª, Deffner & C.ª, etc., etc.; armadoras, como Armindo R. da Fonseca, Deffner & C.ª, Caetano Monteiro, Gaspar Almeida & C.ª; armazens em grosso e centenas de armarinhos, lojas de joias e especialidades; mercearias espalhadas por toda a capital e suburbios.

No interior o commercio é tambem muito desenvolvido e em alta escala, havendo regiões em que é immenso o capital empregado.

Funcciona em Manáos a *Junta Commercial* organisada pelo decreto n. 462 de 10 de dezembro de 1900 composta de deputados eleitos dentre e pelo corpo commercial, formado de negociantes matriculados, sob a direcção de um presidente de nomeação do governo. Existe ainda a *Associação Commercial*, corporação particular que advoga os interesses da classe e mantem em sua séde vasto repositorio de informações de interesse commercial.

PROPOSIÇÕES

1.ª

As particularidades geographicas de um logar, influem no destino do povo que o habita.

2.ª

São mais numerosas as harmonias de fórmas do que os contrastes que ha entre os continentes.

3.ª

O Amazonas, pela massa de suas aguas e impetuosidade de sua corrente, tende á direcção rectilinea.

4.ª

A supremacia do Japão é devida a sua posição geographica e a influencia da civilisação occidental.

5.ª

Os máos preconceitos de raça têm sido para a China um estorvo ao seu desenvolvimento politico e commercial.

6.ª

A fórma de governo de um paiz é consequencia da sua evolução social.

7.ª

Em sua maioria, os rios brazileiros descem de planaltos ou encostas de collinas, cuja topographia é ainda pouco estudada.

8.ª

O clima do Brazil está sujeito á diversas modificações accidentaes.

9.ª

A prosperidade do Estado do Amazonas depende de tres condições principaes: conhecimento chorographico do seu territorio, economia em suas rendas e immigração.

Errata importante

ERROS	PAG.	LINHA	CORRECÇÕES
Cartas do Dr.	12	11	Cartas ao Dr.
Fevereiro	25	21	Janeiro
Lopes da Cruz	25	29	Borge Machado
1901	25	43	1900
aquem	27	18	alem
patentes	28	46	partes
abaixo	29	40	acima
défeni	34	4	défini
Flury	34	7	Fleury
Cardamine	37	24	Condamine
varsea	41	37	varzea
1781	61	42	1881

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS
https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM